

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Paulo José Olivier Moreira Lara

FRAGMENTOS DAS TÁTICAS DA CULTURA ***técnica e política dos usos de mídia***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de
Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 06/03/2008

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz

Prof. Dr. Sérgio Salomé Silva

Prof. Dr. José Roberto Zan

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (suplente)

Prof. Dr. Maria Filomena Gregori (suplente)

MARÇO DE 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTCA DO IFCH - UNICAMP**

L32f **Lara, Paulo José Olivier Moreira**
Fragmentos das táticas da cultura : técnica e política dos usos
de mídia / Paulo José Olivier Moreira Lara. -- Campinas, SP :
[s. n.], 2008.

Orientador: Renato Pinto Ortiz.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Tática política. 2. Movimentos sociais – Séc. XXI.
3. Tecnologia – Aspectos sociais. 4. Tecnologia – Aspectos
políticos. 5. Comunicação de massa e cultura. I. Ortiz, Renato,
1947-. I. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(mf/ifch)

Título em inglês: Fragments of tactics of culture : technique and politics of uses of media

Palavras chaves em inglês (keywords) :

Tatics

Social movemnts – 21st Century
Technology – Social aspects
Technology – Political aspects
Culture and mass media

Área de Concentração: Sociologia da Cultura

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Silva, Prof. Dr. José Roberto Zan, Profa.
Dra. Maria Filomena de Gregori (suplente), Prof. Dr.
Fernando Lourenço (suplente)

Data da defesa: 06-03-2008

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

SALUT

*Rien, cette écume, vierge vers
À ne désigner que la coupe;
Telle loin se noie une troupe
De sirènes mainte à l'envers.*

*Nous naviguons, ô mes divers
Amis, moi déjà sur la poupe
Vous l'avant fastueux qui coupe
Le flot de foudres et d'hivers;*

*Une ivresse belle m'engage
Sans craindre même son tangage
De porter debout ce salut*

*Solitude, récif, étoile
À n'importe ce qui valut
Le blanc souci de notre toile.*

Stéphane Mallarmé

Dedicado à Paulo Lara Filho

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui minhas meninas, Letícia e Rita, pela infinita colaboração e compreensão típicas dos amantes e amados. À família, todas, que não só ajudaram objetivamente durante o período do trabalho, mas subjetivamente na formação da qual me orgulho tanto e à família da Letícia que considero minha e por isso se encaixa nos termos acima. Ambas, mostrando que a história é sempre uma renovação, colaboraram bem mais comigo do que eu com eles. Agradeço aos amigos verdadeiros, e eles sabem quem são, pelos momentos de sublimação descontraída sem a qual viver não é possível. Agradeço e parabenizo os vários grupos, agremiações, coletivos e bandos que, tanto ao trabalho quanto pessoalmente muito me ajudaram e seguro de que mesmo com as dificuldades, obstáculos, impasses e desvios estão fazendo a coisa certa. Ao amigo e professor Sérgio Silva com quem compartilho o bom humor e o inconformismo, certo que o mundo um dia ainda os compreenderão, ao amigo e professor Renato Ortiz, de quem muito aprendi e certo de que continuarei nesse caminho, ao professor José Roberto Zan, quem admiro pelas aulas de história social do samba ministradas na Rádio Muda. Todos os três gentilmente formarão a banca examinadora que avaliará este trabalho. Agradeço ao IFCH pelos anos de acolhimento na graduação e mestrado, ao CNPq pelos 16 meses de auxílio concedido para a realização da pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa verifica a adaptação do conceito de “tática” desenvolvido por Michel de Certeau e utilizado como fundação teórica de um movimento denominado Mídia Tática. Com origens na Europa no final do século XX, este movimento herda modos de expressões culturais aliados à uma construção crítica do aparato tecnológico, notadamente das mídias eletrônicas e informáticas. Situamos a discussão sociológica a partir do conceito de racionalidade emergido no debate sobre recentes mutações na configuração do capitalismo e da tendências à novas formas de dominação que se erguem apoiadas no desenvolvimento tecnológico e na mudança das condutas erigidas das transformações do século XX. Para isso, situamos a Mídia Tática no contexto e discussões que deram origem a esta percepção e discutimos aspectos de recentes manifestações de oposição enquanto culturas que se utilizam desta noção em seus diferentes aspectos de intervenção. A intenção é observar os módulos de conflito e contradições que se dão quando o aumento das manipulações tecnológicas entram em contato com novas formações coletivas e padrões individuais e verificar os elementos políticos e culturais que resultam desta junção.

ABSTRACT

This research verifies the adaptation of the concept of "tactic" developed by Michel de Certeau and its use as a theoretical foundation of a movement called Tactical Media. With its origins in Europe at the end of the twentieth century, this movement inherits modes of cultural expressions allied to a critical construction of technological apparatus, especially the electronic and informatics media. We locate the discussion based on the sociological concept of rationality emerged at the debate on recent changes in capitalism's configuration and its trends to new forms of domination which appear supported by technological development and changes of conducts erected by some of the transformations on the twentieth century. For this, we allocate the Tactical Media in the context and discussions that led to this perception and discuss aspects of recent demonstrations of opposition as cultures that make use of this concept in its various aspects of intervention. The intention is to look at the modules of conflict and contradictions that occur when the increase of technological manipulations join with new collective formations and individual patterns and check the political and cultural factors that results in this junction.

SUMÁRIO

Título em inglês: Fragments of tactics of culture : technique and politics of uses of media.....	II
Tatics	II
Palavras chaves em inglês (keywords) :	II
SUMÁRIO	VIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – CAPITALISMO, TÉCNICA, DOMINAÇÃO E CULTURA	17
1.1 - A RACIONALIDADE NA GÊNESE DO CAPITALISMO MODERNO	17
1.2 - A TÉCNICA INDUSTRIAL NO PROCESSO DE DOMINAÇÃO.....	21
1.3 OS DESLOCAMENTOS E IMPLICAÇÕES DA RACIONALIDADE	28
1.4 NOVAS FORMAS DE DOMINAÇÃO.....	32
1.5 AS ALTERNATIVAS DA REALIZAÇÃO DA CULTURA.....	35
CAPÍTULO 2 - TÁTICAS DE MÍDIA	49
2.1 - TACTICAL MEDIA	51
2.2 - OS PRÓXIMOS CINCO MINUTOS	62
2.3 - NEXT FIVE MINUTES	67
2.4 - NETTIME E ZKPROCEEDINGS	70
CAPÍTULO 3 - TÁTICAS DA CULTURA.....	73
3.1 - DISTORCENDO A AUTENTICIDADE	78
THE YES MEN.....	78
O PROJETO LUTHER BLISSET	81
3.2 - DIY – REVISITANDO O INDIVIDUALISMO	90
PUNK.....	93
ATIVISMO.....	97
3.3 – REALIZANDO A CIBERCULTURA	103
CIBERPUNK.....	105
HACKERS	109
SOFTWARE LIVRE.....	114
3.4 - LEVANTES DO COMPORTAMENTO.....	121
CAPÍTULO 4 - CARTOGRAFANDO A MÍDIA TÁTICA.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
BIBLIOGRAFIA GERAL	147
ARTIGOS.....	153

INTRODUÇÃO

"Eis que agora tudo sobe à superfície"
(Gilles Deleuze - *A lógica do Sentido*)

“Mídia Tática” (MT) é um termo elaborado em meados dos anos noventa do século XX para caracterizar certos tipos de práticas na manipulação de meios de comunicação. Dessa maneira, sua adoção assume que existem propriedades de usos diferenciados quando da apropriação de mecanismos técnicos por determinadas culturas e idéias que, por sua vez, têm como foco uma subversão do ambiente corrente em torno dos aspectos políticos e da reprodução social baseados nas funções destes meios¹.

A idéia de táticas de mídia, embora recente, encontra diversas influências culturais e políticas na noção de alternativa de uso do aparato midiático construído, disseminado, e distribuído pela solidificação da “indústria cultural”. Já em 1922, o alemão Bertold Brecht, em sua *teoria do rádio*², delineava construções diferenciadas para o desenvolvimento do rádio, que seria capaz não só de informar, mas ser uma plataforma de via dupla, pondo em condição de igualdade emissor e receptor.

Porém, quais são as transformações culturais e tecnológicas que permitem uma recente visão sobre uma manipulação dos meios de comunicação com um foco político? Quais os elementos formadores das políticas que encontram respaldo entre os praticantes desta tendência? Quais as influências culturais e artísticas que formam tanto sua base teórica quanto seus exemplos de ação? E por fim, qual a configuração tecnológica atual que permite uma concepção neste sentido, ou, de que maneira o desenvolvimento tecnológico pode contribuir ou obstaculizar os objetivos e intenções destas construções?

¹ Ver Enzensberger, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

² Disponível em <http://www.eptic.com.br/Brecht.pdf>

A intenção deste trabalho é, a partir da construção teórica e de exemplos práticos das ações de Mídia Tática, identificar elementos do universo político, tecnológico e cultural, que contribuem para uma concepção nova dos agenciamentos sociais que somente foi possível devido a uma série de modificações nos comportamentos, nas tecnologias e na visão política a partir das transformações ocorridas no decorrer do século XX e que, observadas em conjunto, reestruturaram a concepção da modernidade com novos elementos de análise.

Influenciada por todo um contexto de transformações ocorridas nas sociedades capitalistas durante o século XX, a concepção da Mídia Tática constrói um escopo no qual uma série de movimentos e perspectivas de oposição encontram similaridades. Como veremos, ela se caracteriza não só como produção de conteúdos culturais críticos, mas também como plataforma construtora de bases para manifestações políticas. Neste sentido, relaciona-se com outros movimentos que vieram à tona no limiar do século XXI que se descolam dos fazeres políticos tradicionais e buscam acompanhar as evoluções tecnológicas e culturais como base de suas ações e debates.

As razões desta pesquisa se originam, assim como o próprio objeto, em relações práticas e teóricas que o autor têm com o tema. Entre 13 e 16 de março de 2003, um festival denominado Mídia Tática Brasil, realizado na cidade de São Paulo, reuniu uma ampla gama de grupos com o intuito de, em uma mescla de exposição de obras e intervenções artísticas, movimentos políticos e debates teóricos, realizar diálogos entre “quatro culturas distintas, porém tangentes (ativismo social e político, artes visuais, experimentações radicais em mídia eletrônica e teoria crítica)” na intenção de “inaugurar a versão brasileira do conceito de Mídia Tática, através da investigação de grupos e teóricos que trabalham com estas idéias e suas extensões”³.

O evento fazia parte do desdobramento do festival holandês *Next 5 Minutes* (que será abordado

3 Mídia Tática Brasil, *Guia Mídia Tática Brasil*, folder do evento, 2003

adiante) e introduzia as linhas gerais da elaboração das táticas de mídia surgidas cerca de oito anos antes na Europa: Software Livre, Copyleft, Ação Direta, Culture Jamming e Net Ativismo. Dentre os convidados, além de figuras representativas da discussão sobre a criação e o desenvolvimento dos primórdios da internet, como Richard Barbrook e John Perry Barlow, estavam também o recém empossado ministro da cultura Gilberto Gil e vários coletivos e artistas vinculados às intervenções públicas, ações políticas e manipulações de mídias eletrônicas.

Convidada a participar do evento, a Rádio Muda⁴ montaria uma emissora livre em FM junto com o CMI⁵ numa das salas do evento e realizaria uma série de debates e oficinas durante os dias do festival. Assim que o convite foi feito, este pesquisador se deparou com elementos teóricos da construção de uma Mídia Tática, notadamente a distinção entre tática e estratégia, feita por Michel de Certeau e que inicia o pensamento sobre a reapropriação das forças lógicas e industriais por parte das culturas populares - cerne da articulação teórica sobre as táticas de mídia.

Dois elementos são fundamentais para a compreensão da emergência da MT enquanto fenômeno da passagem do século. Primeiro a derrocada das experiências socialistas dos países do Leste europeu, que só veio a confirmar, por um lado, a incompatibilidade entre um desenvolvimento social isolado e controlado frente às recentes evoluções nas transformações das tecnologias e condutas culturais e, por outro, aguçar a crítica pautada na inviabilidade da possibilidade de emancipação através de um sistema fechado, pautado na ausência de liberdade individual e na burocracia. Essas críticas, embora marcantes em aspectos das revoltas de 1968 na França, com a queda do muro de Berlim vieram a se concretizar na forma de uma reaproximação cultural e configuração de novos agenciamentos continentais europeus. O segundo ponto fundamental, e que se ergue na mesma época, é a grande

4 A Rádio Muda é uma rádio livre situada há cerca de 20 anos no campus da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, do qual o autor é membro do coletivo desde 1998

5 Centro de Mídia Independente – www.midiaindependente.org

expansão da Internet, principalmente nos países do Norte, e os subseqüentes debates sobre as tendências e desenvolvimentos que a rede tomaria a partir de sua desregulamentação e desvinculação de suas origens militares e acadêmicas.

Octávio Ianni nos ensina que, após a queda do muro, "agravaram-se as contradições entre as formas jurídico-políticas e ideológicas de um lado, e as manifestações ou potencialidade das forças sociais, de outro"⁶. Sem a mesma influência das teorias e experiências do socialismo real, estas realidades da *nova ordem*, especialmente nos países europeus, se vêem diante de um impulso da influência da força do Capital e seus atores (mercado financeiro, indústria cultural, multinacionais, conglomerados econômicos, complexo industrial-militar e instituições político-representativas); ao mesmo tempo em que se abre um espaço de ações e teorias, congregando um ideal humanitário, anti-capitalista e altermundista com vistas a problemas enfrentados em uma nova fase da sociedade global de ambos os lados da antiga divisão política.

Na parte ocidental do globo, a aparente revolução de costumes revelada na década de 60, a emergência do "alternativo" enquanto "mainstream", as experiências com estados alterados de consciência desligados das tradições e ritos e as metamorfoses da idéia de oposição, deram à segunda metade do século XX traços de uma mudança na ordem da sociedade capitalista, entendida como uma “curiosa crise (...) de natureza revolucionária, mas que não é revolução, espécie de revolução (em seu dinamismo) sem revolução (em suas conseqüências)”⁷. Estes levantes e revoltas, surgidos no seio do capitalismo avançado e principalmente em sociedades com elevado estado de bem estar (EUA, França, Holanda e Itália) abarcavam problemas e orientações diferentes das discutidas na esquerda hegemônica até aquela época. Conquanto, representavam “tendências anarquicamente desordenadas (...)

⁶ Ianni, Otávio, *A sociedade Global*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002

⁷ Morin, Edgar, *Cultura de massas no Século XX – O espírito do tempo 2 – Necrose*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

espontâneas que anunciam uma total ruptura com as necessidades dominantes de uma sociedade repressiva”⁸. Estes comportamentos eram fruto de uma geração criada no pós-guerra, inserida num ambiente de conquistas civis e com um forte elo no individualismo e na expressividade contida na arte, poesia e música. Seriam os atores de uma oposição contra a “sociedade autoritário-democrática baseada sobre o principio da produtividade, da sociedade unidimensional (...) uma sociedade cujo traço principal é a integração da classe subjugada (...) no terreno das necessidades controladas e satisfeitas, as quais, por sua vez, reproduzem o capitalismo monopolista”⁹. Nesta paisagem, floresce um novo individualismo, a força da construção da subjetividade, criação de comunidades afetivas e abertura de interesses sócio culturais fragmentados. Ecologia, feminismo, pacifismo, libertação sexual, experiências psicoativas dentre outras possibilidades de filiação. Seria, segundo Gary Snyder, o “fim do neolítico”: “o homem está transferindo suas melhores atenções dos objetos para estados de consciência”¹⁰.

Nestas esferas, as manifestações políticas se realizam como “táticas culturais”, maneiras de chamar atenção através de boicotes, campanhas, manifestações, intervenções públicas e reapropriações. No caso dos Estados Unidos, as ações do Diggers, SDS (Students for a Democratic Society), Free Speech Movement de Berkley e os Yippies, e no caso da Europa, com os Provos, Situacionistas e o movimento pela libertação do espectro eletromagnético, representado pelas rádios e TVs Livres.

Acompanhando essa realidade que conjuga novas condutas sociais, ampliação do escopo político e incremento dos meios de comunicação, a sociologia da cultura também enfrenta desafios no sentido de organizar, analisar e compreender esses elementos. Como aponta Raymond Williams, "Existe alguna convergencia práctica entre 1) los sentidos antropológicos y sociológicos de la cultura

⁸ Marcuse, Herbert, *O fim da utopia*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

⁹ ibidem

¹⁰ Albert, Judith Clavir & Albert, Stewart Edwards, *The Sixties papers: Documents of a rebellious decade*, Nova Iorque, Praeger Publishers, 1984.

como "todo un modo de vida" diferenciado, dentro del cual, ahora, un "sistema significativo" característico se considera no sólo como esencial, sino como esencialmente implicado en todas las formas de actividad social, y 2) el sentido más especializado, si bien más corriente, de cultura como "actividades intelectuales y artísticas", aunque éstas, a causa del énfasis sobre un sistema significativo general, se definen ahora con mucha más amplitud, para incluir no sólo las artes y formas tradicionales de producción intelectual, sino también todas las "prácticas significativas" -desde el lenguaje, pasando por las artes y la filosofía, hasta el periodismo, la moda y la publicidad- que ahora constituyen este campo complejo y necesariamente extendido"¹¹.

Considerando que os avanços tecnológicos dos meios de produção de informação e comunicação foram elementos importantes para aquela convergência e que, neste estágio do capitalismo, a compreensão das condutas culturais passa por uma análise do fenômeno técnico e de suas influências sobre sociedade e política, esta pesquisa procura observar o desenvolvimento de algumas dinâmicas que modelam estes contatos no campo da cultura e da comunicação no período que se segue aos abalos do fim do século.

Dois fenômenos dos últimos 50 anos são essenciais para se compreender as raízes da problemática desta pesquisa: a aparição de expressões de oposição advindas da "cultura de massa" e a revolução tecnológica pela qual passou o século XX. Com efeito, trata-se de uma reestruturação significativa da sociedade capitalista industrial em dois de seus eixos fundamentais, tecnologia e cultura.

Se o capitalismo, em sua definição clássica, se constitui resumidamente em um sistema produtor de mercadorias e de exploração da força de trabalho através do emprego de meios de produção privados e concentrados, que determinam certas relações de produção e dominação, e em função delas

¹¹ Williams, Raymond, *Cultura: Sociología de la comunicación y el arte*, Espanha, Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1981.

retira o excedente (mais valia) de toda uma classe trabalhadora que explora; como repensar a configuração do Capital e de suas críticas, considerando que as mercadorias mais valiosas hoje são produtos imateriais e intelectuais, o trabalho empregado que gera a maioria de sua riqueza não é mais o mesmo, suas forças produtivas avançaram incrivelmente e há uma descaracterização das classes em que se baseava essa definição ?

A trajetória das análises sobre o capitalismo “pós Marx” nos indica diversas abordagens teóricas. Utilizaremos variantes das contribuições críticas da Escola de Frankfurt, não como postulado, mas por entender, que na análise dos comportamentos culturais e das relações da técnica moderna com a racionalidade do sistema capitalista, os apontamentos daquele grupo ainda podem nos oferecer elementos para diagnosticar determinada situação, tanto dos movimentos da sociedade do capital, quanto de suas críticas.

Essa abordagem é basicamente centrada na idéia de que o esclarecimento, processo de “desencantamento do mundo”, suprimindo a própria dialética, eleva a razão enquanto mito e relega ao aspecto destrutivo e desenfreado do progresso técnico o papel de aniquilador do pensamento e perpetuador de uma norma ordenadora que exige submissão¹². Nesse sentido, a emergência de censores especializados, do controle numérico e estatístico, de uma sociedade unidimensional, de símbolos e lógicas discursivas que regem a obediência, geram uma nova forma de dominação cujo preço “não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo”¹³.

No entanto, o que nos leva à retomada desta discussão depois de tantas modificações e

12 Ver Adorno, Theodor & Horkheimer, Max, *A Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1985

13 Adorno, Theodor & Horkheimer, Max, *A Dialética do Esclarecimento*, op. cit.

perspectivas que a ela se seguiram? A convicção de que a problemática apontada pela teoria crítica não foi superada. A realidade presente, como que se suprimisse um período do exercício crítico, deixou de levar em consideração o aguçamento da racionalidade como forma de dominação e controle sobre às potências críticas do pensamento. Subordinado pela maravilha tecnológica e pelo espanto da novidade, o pensamento crítico salta de uma fase de oposição à lógica da “sociedade opulenta” para a ela se filiar, buscando encontrar suas contradições, inserido e participando de suas evoluções e desventuras.

Veremos que a crítica recente à configuração da cultura tecnológica deixa de levar em consideração os processos germinais que montaram a estrutura da tecnologia e dos agenciamentos culturais nela baseados; principalmente a compressão simbólica traduzida em cálculos, a necessidade da especialização, a dominação da eficiência e os sistemas de ordenamento do mundo baseados em mediações numéricas. O nascimento da tecno-cultura acontece em detrimento do avanço da crítica que atingia seus postulados, ou seja, como se a crítica a uma nova configuração dos sistemas simbólicos e de produção de subjetividade deixasse para trás as raízes que possibilitaram sua disseminação. Constroem-se, portanto, alternativas que se baseiam em problemas artificiais, já que o próprio cerne da questão foi suplantado pela naturalização de seus novos produtos e tendências.

Tomemos o caso da digitalização ou informatização do sistema integrado de comunicação. A discussão que se trava, veremos, concerne mais a alternativas sobre o futuro deste sistema do que sobre as bases que o sustenta. As problematizações referem-se mais à praticidade de conceder a estas tecnologias “outros usos”, características “abertas” ou diferentes políticas do que questionar sua formatação enquanto forma dominante da lógica que submete os sentidos (linguagens, signos, sentimentos) às relações abstratas que aguçam uma mediação não só entre os homens e a técnica como também entre o homem e ele mesmo. Quais os pressupostos de uma mediação numérica onde a qualidade é medida quantitativamente e a universalidade da compatibilidade submete todo um universo

de relações e sentidos a reduções informáticas?

Veremos se e como os recentes movimentos de oposição táticos lidam com essa questão e qual o sentido de operar ou buscar usos dentro de um sistema que já liquidou a crítica que se baseava em sua lógica de formação. Mais do que isso, quais as conseqüências e contradições que uma simbiose entre técnica e cultura é capaz de realizar num universo onde as forças produtivas se encontram mais avançadas, levando em conta que esta situação não opera transformações radicais pelo deslocamento das relações de produção, mas que as mudanças na lógica produtiva são incremento para a renovação da submissão da crítica ao esclarecimento totalitário.

Assim como o esclarecimento, o capitalismo “deve responder a uma exigência de autojustificação, sobretudo para resistir à crítica anticapitalista, o que implica um recurso a convenções de validade universal em função do que é justo e injusto”¹⁴. Esta tese nos indica que os subsídios de sobrevivência do capitalismo repousam em grande parte nas críticas que modificam suas justificativas e as adesões voluntárias a ele. No processo de congregar os elementos que geram uma adesão “voluntária” ao sistema, o capitalismo necessita da fraqueza das críticas (que não chegam a supera-lo) a ele direcionadas “para encontrar os pontos de apoio morais que lhe falta e incorporar dispositivos de justiça”¹⁵. Observa-se desta maneira que os pontos de críticas e políticas do passado são transformados em objetos de regulação e adequação. Feminismo, ecologia, etnias e tecnologia são parte de inofensivas políticas públicas e pautas da “sociedade civil organizada”. A radicalidade de suas narrações originais são capturadas e se transformam em justificativa para o remodelamento do “espírito do capitalismo”¹⁶.

A moderna lógica do capital, que acentua o elo existente entre sujeito e a produção de

14 Boltansky, Luc & Chiapelli, Eve, *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madri. Ed. Akal, 2002.

15 Boltansky, Luc & Chiapelli, Eve, *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madri. Ed. Akal, 2002.

16 Segundo Boltansky e Chiapello, refere-se ao “conjunto de crenças associadas a ordem capitalista que contribuem a justifica-la e a manter, legitimando-os, os modos de ação e as disposições que são coerentes com ele”; Boltansky, Luc & Chiapelli, Eve, *El nuevo espíritu del capitalismo*, op cit. E segundo Max Weber, um “ethos particular” que assume um caráter ético e normativo de máxima orientadora da vida; Weber, Max, *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo, Pioneira, 1997.

necessidades, subverte as críticas direcionadas a ela e adota lemas como "diversidade", "autonomia", "criatividade" e "individualidade" para, com seu substrato tecno-científico, impor uma cegueira crítica e um desnorreamento político a sua oposição baseada na inevitabilidade do progresso. São escamoteados os apontamentos ao desenvolvimento de novas formas de dominação, principalmente relacionadas ao domínio da moderna racionalidade, à sujeição da subjetividade, ao consumo e à produção em massa e ao alvorecer de novas formas de economias baseadas na exploração da informação, da produção imaterial e do conhecimento.

Partimos do pressuposto que o monopólio do Capitalismo é hoje a totalidade da utilização das idéias funcionalizadas para seu próprio fim. Desde as aplicações utilitárias da ciência até as experimentações estéticas e artísticas, tudo passa a ser subordinado, de alguma forma, a uma lógica estratégica introjetada nos agentes que determinam o curso desta sociedade. O lucro é extraído envolvendo a revolução molecular, os rizomas, os panóticós, as metalinguagens e as reciclagens.

Exemplificando essas utilizações, podemos citar três casos onde aparecem críticas que há algum tempo poderiam ser consideradas radicais e que foram apropriadas por instituições e pelo poder público, demonstrando a maneira com a qual o pensamento é subordinado por renovações nos discursos do poder de modo a reproduzir as bases legais, morais e institucionais da sociedade controlada por meio do deslocamento da crítica de suas intenções iniciais e do uso das potencialidades tecnológicas.

O *creative commons* é “um projeto global, presente em mais de 40 países, que cria um novo modelo de gestão dos direitos autorais”¹⁷. Através da possibilidade de licenciamento de obras culturais, trabalha no sentido de oferecer uma liberdade ao criador pela escolha do tipo de licença em que sua obra será registrada. Nascido na Universidade de Harvard pelas mãos do advogado e professor

¹⁷ <http://www.creativecommons.org.br/>

Lawrence Lessing, tem sua representação brasileira na Faculdade Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Seu foco é se utilizar das condições incertas de regulação das propriedades intelectuais em tempos de informatização para criar um conjunto de licenças alternativas ao *copyright*, que flexibilizam a propriedade e os direitos sobre as obras. Seus objetivos: “Nós usamos direitos privados para criar bens públicos: Trabalhos criativos liberados para certos usos. Como os movimentos do Software Livre e de fonte aberta, nossos fins são pensados cooperativamente e comunitariamente, porém nossos meios são voluntários e libertários. Nós oferecemos aos criadores o melhor de ambos os mundos no sentido de proteger seus trabalhos enquanto encorajamos certos usos para eles – declarando 'alguns direitos reservados’”¹⁸. Um outro importante braço do *Creative Commons* é a organização *Open business*¹⁹, dedicada à “compartilhar modelos de negócios”.

O “Cultura Digital” é parte de um programa do Ministério da Cultura brasileiro que tem como objetivo promover “o uso do software livre e as ações de inclusão digital, assim como a bandeira da ampliação infinita da circulação de informação e criação”²⁰. Desenvolvido em grande parte por grupos e pessoas vinculadas a movimentos de táticas de mídia e do software livre, promove uma distribuição de aparelhos de produção multimídia acompanhado de oficinas e ações que pretendem prover uma visão crítica sobre a produção de informação. A melhor definição conceitual de cultura digital é do próprio ministro Gilberto Gil: “Parte da idéia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural. O que está implicado aqui é que o uso de tecnologia digital muda os comportamentos. O uso pleno da Internet e do software livre cria fantásticas possibilidades de democratizar os acessos à informação e ao conhecimento, maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, e

18 <http://wiki.creativecommons.org/History>

19 “is a platform to share and develop innovative Open Business ideas- entrepreneurial ideas which are built around openness, free services and free access. The two main aims of the project are to build an online resource of innovative business models, ideas and tools, and to publish an OpenBusiness Guidebook”, conferir em <http://openbusiness.cc/>

20 http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/index.html

potencializar também a produção cultural, criando inclusive novas formas de arte”²¹.

Por fim, iniciativas de organizações da sociedade civil, como o CDI (Comitê para a Democratização da Informática), uma das maiores e mais bem estruturadas ONGs do país neste campo: “O objetivo do CDI é promover a apropriação social da tecnologia por diversos tipos de públicos, utilizando-a como ferramenta para estimular a cidadania ativa e o empreendedorismo, fomentando o desenvolvimento político, social e econômico”²².

O ponto é que, ao mesmo tempo em que se utilizam de termos como “liberdade”, “bens públicos”, “modelos abertos”, “democratizar o acesso”, “revolução digital” e “apropriação social”, contribuem para uma participação acrítica de um conjunto de elementos que se mantêm subordinados à lógica racional, sem nenhuma aproximação crítica no sentido de superação desta lógica, e o fazem oferecendo liberdade e acesso devido a constituição naturalizada das mídias. Ao invés de aguçar um pensamento sobre maneiras de emancipação e superação, aprofundam um processo de “inclusão”, que na verdade corrobora com a renovação do capitalismo enquanto captura da subjetividade e imposição da servidão voluntária.

Desse modo, um estudo sobre as configurações e gêneses da técnica nos permite observar que os dispositivos materiais não são deslocados nem estão em contradição com a produção de significados e de subjetividade. Essa pesquisa trata a moderna técnica de produção, não como objeto pronto e fechado pelo qual se pode verificar uma unidade essencial e concreta em sua operação e funcionamento, mas como um jogo fluido de organização e modelamento. A intenção é estudar a técnica como algo que processa uma formatação da *práxis*, que abre e fecha lógicas e potências das atividades humanas.

²¹ <http://diversidadedigital.blogspot.com/>

²²

http://www.cdi.org.br/QuickPlace/cdi/PageLibrary032572E9006A7464.nsf/h_Toc/2dc8c856df034789032572f2006b8f88/?OpenDocument

As tecnologias destroem identidades na mesma velocidade que criam relacionamentos e, destruindo-as, fazem brotar novas formas de agenciamentos coletivos baseados nas condições sócio-culturais compartilhadas, nas afinidades eletivas e nos pontos de oposição que se encontram entre as mais variadas tendências “ativistas”. Não obstante, observa-se a entrada de milhões de indivíduos, de diversas filiações, nos campos da produção de conteúdo audiovisual, conferindo a este fenômeno uma aparência completamente diferente da observada antes da aparição das tecnologias de consumo utilizadas para produção de informação. Não só entre seus próprios recursos, que a tecnologia tratou de desenvolver, transformar, baratear e convergir, mas também em relações mais complexas, que vão de suporte ao mercado financeiro a divulgação de culturas tradicionais, de ferramenta de guerra à comunicação interpessoal, de elemento de publicidade à ferramenta de organização política, e assim por diante. As potencialidades e os usos de todo um aparato tecnológico-informacional extrapolaram as tentativas de diagnósticos herméticos e fechados, revelando-se uma esfera dinâmica, *"in progress"*, um processo que significa mais um jeito de fazer do que a coisa feita.

Porém, dados aqueles pressupostos teóricos, observamos que não há motivos para uma celebração gratuita em relação ao status que a sociedade toma em função de seu desenvolvimento tecnológico. Não cabe pensar novas formas de relacionamentos (mercados, redes, organizações) a partir do imperativo puramente técnico-utilitarista. No entanto, existe um conflito no seio desta sociedade que aponta elementos de desconstrução de sistemas. Indicações de que o xadrez social se move a partir de cálculos que antes não poderiam ser feitos. Isso indica aberturas e construções de fronteiras e limites que uma certa lógica sócio-econômica impõe às culturas. Esses módulos são o objeto desta pesquisa.

É recorrente entre os agentes dessas mudanças, especificamente vinculados aos sistemas tecnológicos de produção de subjetividade, uma defesa pela "desmistificação" da tecnologia. De que a "caixa preta" precisa ser aberta. Alternativas como o software livre, as novas licenças de propriedade

para material cultural, a reutilização de material tecnológico obsoleto e as políticas públicas voltadas para essa questão, criam a ilusão de que basta uma abertura de alternativas técnicas para que se provoque desconstruções nos sistemas operantes. Isso leva técnicos, leigos, músicos, cientistas sociais, comunicadores e demais, a buscarem nas formas "abertas" e "livres" da tecnologia (*open culture, open source, open work, open bussiness*) uma possibilidade de revelação e esclarecimento, que se oporia à construção fechada e mistificada do aparato tecnológico. A intuição que salta pelo conhecimento técnico e pela aproximação criativa à produção imaterial é a de que o "aberto" possibilita aprendizagem, enquanto o fechado limita as operações e o conhecimento. Com isso, inverte-se a equação e o que era um apelo pela desmistificação torna-se o próprio mito. A revelação e a busca de uma constituição que oferece a possibilidade de intervenção torna-se o ente pelo qual se dobra e para o qual se recorre na justificativa moral. A facilidade oferecida pela qualidade aberta das tecnologias é uma liberdade concedida e não conquistada. Não obstante, minimizam-se as críticas e esconde-se o problema, já que o processo de filiação a estas tecnologias suplanta o pensamento sobre os conflitos sociais que o desenvolvimento tecnológico impõe.

O debate da recente cultura ocidental sobre tecnologias "fechadas" e "abertas" é falho porque não considera a eliminação da separação entre sujeito e objeto dentro do processo operativo e constitutivo da relação homem-máquina. Esta cultura, mais do que se situar como "um sistema de defesa designado a salvaguardar o homem das técnicas"²³ em nossos tempos, tem assimilado a ideologia dominante da racionalidade e, dicotomizando as tecnologias em positivas e negativas, demonstrado não perceber que ela (a cultura) se reproduz enquanto relação de dominação entre homens projetada na dominação ideológica da técnica sobre eles.

23 Simondon, Gilbert, *Du mode d'existence des objects techniques*, Paris, Aubert-Montaigne, 1969. Simondon, Gilbert, *On the Mode of Existence of Technical Objects*, trad. Niniam Mellamphy, Londres, University of Western Ontario, 1980 [1958]. Para esta pesquisa foi utilizada a versão em inglês, texto em pdf disponível em: <http://accursedshare.blogspot.com/2007/11/gilbert-simondon-on-mode-of-existence.html>

Os termos correntemente usados para descrever os processos de mudança social, igualmente não funcionam caso queiramos ter uma noção das influências e transformações impostas pela massificação de tecnologias de consumo na vida cotidiana. Sociedade em rede, da informação, cognitiva, pós-industrial etc, não são somente insuficientes, totalizantes e artificiais, como também revelam um processo político de dominação e exclusão, já que a própria classificação da sociedade e o atestado de realidade de uma situação ainda amórfica deixa de fora grupos, instituições, comportamentos, lógicas e crenças que, a não ser pelo esmagamento de suas singularidades, não se encaixariam nestes termos classificatórios.

Existem atualmente já um bom número de documentações sobre as questões abordadas nesta pesquisa. Muitas delas disponíveis na internet, que se torna um meio propício para a publicação de artigos, textos, entrevistas e reportagens. Isso faz com que seja acuidada a busca por referências. Muito do que se encontra são resumos, indicações e anotações, e um grande número de material mais denso e diretamente relacionado com o termo. É necessário dizer que existem alguns trabalhos mais bem recortados sobre o tema, como pesquisas específicas sobre um grupo que trabalha com MT ou sobre determinado aspecto dela, que nesta pesquisa, aparecerá somente de relance. Ao mesmo tempo que mais abrangente, este trabalho poderá se constituir como mais superficial, no sentido em que não oferece tantos detalhes em questões específicas. A atualidade do tema também pode indicar uma certa tendência a precipitações, e compreendemos perfeitamente que as conexões aqui realizadas não podem todavia serem feitas de maneira normativa. Carece para isso, tanto um maior distanciamento histórico quanto análises específicas e elementares, capazes de compreender os elos genealógicos, conceituais e de conduta que têm essas manifestações. Somente o decorrer dos desdobramentos sociais e as inclinações das pesquisas sobre eles nos darão tal dimensão.

Dividimos este trabalho em quatro capítulos que descrevemos a seguir:

No primeiro reconstruímos as discussões sociológicas que montam um aspecto inteligível em relação à discussão que se seguirá. Iniciamos com a aplicação da ciência na produção industrial como análise do capitalismo para em seguida trabalhar alguns aspectos da crítica à racionalidade formulada a partir do diagnóstico dos sistemas de produção. Em seguida desenhemos as alternativas de usos da cultura (presentes na teoria da MT) que mostram maneiras de subverter a ordem da lógica do capital a partir da apropriação das técnicas. Por fim verificamos o diálogo dos movimentos sociais em relação ao contato da tecnologia de comunicação com perspectivas políticas abertas pelo desenvolvimento dos meios de produção de informação.

No segundo capítulo localizamos e identificamos a MT a partir das discussões que a fizeram surgir e levantamos um histórico dos acontecimentos relacionados às transformações que culminaram nas críticas que ela aponta. Citamos os autores inicialmente envolvidos com a construção do termo bem como a conjuntura das discussões acerca de novas formas de realização de políticas através das potencialidades tecnológicas e em rede.

No terceiro capítulo, analisamos dimensões das ações de MT segundo alguns exemplos de grupos, campanhas e conceitos que nos indicam aspectos das mudanças ocorridas nas lógicas tanto de movimentos sociais quanto da utilização da técnica. Para tanto, apresentaremos eixos separados que nos permitem analisar diferentes aspectos da emergência de problemáticas referentes ao conjunto que forma táticas de ação frente às tecnologias de comunicação.

No quarto capítulo, faremos uma digressão, condensando, a partir dos elementos analisados, a MT enquanto novo foco de problematização sociológica e como esse fenômeno pode ser compreendido a luz dos estudos sociais.

CAPÍTULO 1 – CAPITALISMO, TÉCNICA, DOMINAÇÃO E CULTURA

1.1 - A RACIONALIDADE NA GÊNESE DO CAPITALISMO MODERNO

Em sua obra "História Geral da Economia"²⁴, Max Weber aponta para a manifestação do capitalismo – entendido como satisfação de qualquer tipo de necessidade "de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de empresas" – em diversos locais e momentos da história. Para ele, a busca de riqueza em si não é específica de uma época ou de um povo. Porém, há uma diferença marcante e fundamental entre o que diz respeito a todas as experiências que se enquadram na descrição acima e a criação do “capitalismo moderno”. Para Weber, o método de organização que calcula e faz o balanço de determinadas riquezas, que precisa os investimentos, lucros e perdas, que constrói um “centro de gravidade” racionalizado no qual todas as estruturas sociais se encontram dependentes – no que diz respeito a satisfação das suas necessidades –, que elabora técnicas de contabilidade, eficiência e rentabilidade, é característico de “toda uma época tipicamente capitalista”, e este fenômeno, se constituiu no que ele chama de *ocidente*.

O que é peculiar no *ocidente* weberiano²⁵ é a “satisfação das necessidades cotidianas baseadas em técnicas capitalistas”. É um fenômeno descrito por ele na passagem do século XIX para o XX e que demonstra algumas características específicas de um tipo de sociedade que já tem, em suas mais variadas esferas, as técnicas e operações necessárias para a plenitude deste capitalismo moderno: a posse de todos os bens materiais de produção e livre disposição destes por parte de “empresas

24 Weber, Max, *História Geral da Economia*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1968.

25 Com isso, queremos nos referir, como nos aponta Claus Offe, ao “decorrer de um processo histórico não intencional, não iniciado por motivos revolucionários, não provocado voluntária e conscientemente, que consistem portanto numa concatenação de circunstâncias, um acontecer evolucionário e desprovido de sujeito, relativo a um complexo cultural de fatos vitais muito específico e temporal e localmente muito improvável do ponto de vista histórico, que então têm consequências globais”. Henrich, Dieter; Offe, Claus; Schluchter, Wolfgang, “DEBATE: Max Weber e o projeto da modernidade”, *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 22, dezembro de 1990, p. 233.

lucrativas autônomas”; a liberdade do mercado sem possibilidade de mercado livre do trabalho e de produtos; aplicação de técnicas racionais e de formas mecanizadas nos processos de troca e produção; um direito racional, base jurídica legitimadora da exploração capitalista; pessoas obrigadas a vender livremente sua força de trabalho; e a organização e racionalização dos custos e contabilidades a partir de técnicas de exploração do trabalho livre.

No período em que se instala permanentemente a noção de exploração industrial e no qual se tem início a fábrica moderna, Weber considera os aperfeiçoamentos técnicos contribuintes fundamentais do processo de racionalização da produção. O que significa dizer que o movimento da técnica à racionalidade tem um direcionamento da mecânica para o método, ou seja, os instrumentos utilizados como máquinas contribuem para o modelo de produção racional, envolvendo uma modificação nos parâmetros de pensamento, conduta, modos de organização, planejamento e eficiência²⁶.

O conceito de fábrica para Weber está ligado a um desenvolvimento do que ele denomina de “aparelhos”. Este desenvolvimento levou à criação das primeiras formas de produção fabril, notadamente a máquina a vapor, o tear mecânico e o processo geral de “mecanização do trabalho”²⁷. Os aparelhos, por sua vez, são “instrumentos de trabalho que podiam ser utilizados como máquina”. Para ele, esta forma estaria a serviço do homem, enquanto que na máquina moderna, o homem que está a serviço dela.

Weber descreve uma situação na qual a idéia do tear mecânico, criado por Cartwright em 1785, fez com que a produção de fios e tecidos fosse realizada com rapidez e eficiência, utilizando-se de

26 Isso não significa dizer que este vetor é único e que aponta somente neste sentido. Weber nos mostra também como determinadas esferas aparentemente alheias a problemas técnicos, podem ter sentido para uma mudança nas condições materiais e econômicas, mas vale apontar que estas correntes estabelecem um diálogo, sendo possível analisar o problema de qualquer um dos pontos de partida.

27 Weber, Max, *História Geral da Economia*, op. cit.

métodos modernos, racionais e científicos. Segundo Weber foi “um dos primeiros inventores que associaram a técnica à ciência e trataram o problema do ponto de vista teórico”²⁸. Antes disso, porém, Weber aponta um caso decisivo para a implantação das modernas técnicas de produção que gerariam as indústrias capitalistas. Nos conta que a partir de um roubo pelo proprietário de uma fábrica de sedas da região de Derby, Inglaterra, uma invenção italiana foi patenteada e posta em uso. Sua fábrica foi pioneira, então, pelo que se tem notícia, na utilização da idéia do acionamento de fusos por meio de energia hidráulica. Weber quer demonstrar, com este e outros exemplos, a importância da patente e do elo que se iniciara entre ciência, invenções, criações e aplicações técnicas nos moldes do recente método de produção do capitalismo. Observamos que desde o início das atividades estritamente capitalistas da sociedade, a questão da propriedade das idéias, da aplicação do trabalho intelectual e da conexão destes com o desenvolvimento das práticas e condutas culturais e cotidianas é eixo central para a compreensão tanto dos processos econômicos de produção quanto das práticas e reproduções sociais.

O objeto técnico e sua conseqüente aplicação por um modelo de pensamento econômico e social se mostra fundamental para uma compreensão do elo entre criação, conduta racional e prática econômica capitalística, que corporificará sua ética – resultado de infinitas variáveis, como afirma Weber – em mecanismos de regulação materiais e subjetivos, tanto no âmbito das condutas sócio-culturais quanto no de sua produção e consumo. Jacques Ellul, nos afirma que a técnica é uma organização autônoma, que obedece às próprias leis e é demasiada subversiva para se encaixar em qualquer tradição, sendo a máquina, somente sua forma mais evidente. O papel da técnica, portanto, seria o de integrar a máquina à sociedade. Neste sentido, a função da técnica é clarificar, arrumar, racionalizar, nos domínios abstratos, o que a máquina opera no domínio do trabalho. Tornando-se

28 Weber, Max, *História Geral da Economia*, op. cit.

autônoma, a técnica aplica novas leis à ação humana, precedendo a ciência, que torna-se um mero meio a seu serviço, dependente dela para existir. Sendo uma organização, a técnica se torna uma operação de caráter moral, psíquico e espiritual, tomando formas intelectuais e subjetivas, para muito além das manuais e objetivas. Para Ellul, por exemplo, a “técnica econômica” é quem constitui a própria matéria do pensamento econômico²⁹.

Desde o início da aplicação das modernas técnicas de produção e o desenvolvimento de tecnologias utilizadas para e a partir da lógica instrumental, os fatores incidentes sobre este fenômeno têm em comum um pressuposto: necessitam de pessoas esclarecidas e do próprio processo de racionalização da sociedade para que o motor econômico, social e cultural do capitalismo evolua. A base das sociedades, sua produção material e simbólica, suas relações sociais e de direito, suas organizações públicas e privadas, são obrigadas a estarem ao menos em parte envolvidas com e subjugadas à *Aufklärung*; e esta por sua vez ocupa – mesmo que transfigurada, introjetada, silenciosa – um papel crescente e determinante sobre os indivíduos destas sociedades.

Conjunção de ciência, condutas e modo de produção – resultado da análise teórica do problema técnico e diretamente ligada a funções profissionais e especializadas –, a racionalidade cresceu e se desenvolveu dentro das organizações e instituições do “moderno ocidente”³⁰ de forma a criar e reproduzir especialistas atrelados a conceitos como eficiência, rentabilidade, planejamento, eficácia, balanço e otimização e a uma conduta racional que se reflete nas práticas culturais e subjetivas³¹.

Na parte mais clássica de sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber faz referência às transformações operadas pelas condutas religiosas no seio dos movimentos econômicos e

29 Ellul, Jacques, *A Técnica e o Desafio do Século*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

30 Note-se que hoje em dia a realidade apontada por Weber pode ser observada para além do campo geográfico ocidental, estendendo-se por todos os cantos por onde a grande indústria e o modo de produção do moderno capitalismo adquiriu espaço para seu desenvolvimento, incluindo quase todas as nações do extremo oriente.

31 Ver Weber, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, São Paulo, Pioneira, 1996.

relaciona isso ao crescente grau de racionalização dos modos de vida e ao modelo de modernidade desenvolvido por estes comportamentos. Ao final, a criação de “especialistas sem espírito e sensualistas sem coração”³² é sintoma de uma nova forma de dominação que adapta o agente a regras, métodos, formas e condutas que recaíram sobre ele como uma armadura de ferro. A consequência desta prisão móvel e epidérmica poderia ser analisada observando-se o desenvolvimento das culturas a partir dali : “(...) apontar para o significado do racionalismo (...) no que se refere ao conteúdo da ética sócio-política, ou seja, para o tipo de organização e de funções das comunidades sociais”³³.

1.2 - A TÉCNICA INDUSTRIAL NO PROCESSO DE DOMINAÇÃO

Os procedimentos técnicos e organizacionais da grande indústria estão intrinsecamente ligados ao desenvolvimento dos processos de racionalização iniciados no período da superação da manufatura pela aplicação dos métodos fabris. Tanto o aparato tecnológico como a lógica de funcionamento burocrática contribuem decisivamente para processos de padronização, especialização, disciplina e controle. Neste ponto confluem as teorias de Karl Marx e Weber que diagnosticaram neste modo de produção a aniquilação das particularidades, individualidades, ideologias, moral, religião e a subordinação da ciência à divisão do trabalho. O esclarecimento, como modo de pensar e fuga das trevas e do desconhecimento, toma aspectos materiais nos modos de produção industriais e converte-se em ideologia dominante, com consequências para a política, cultura e artes.

Em contraposição ao conceito de consciência como “cidadela que pudesse resistir ao cerco do

32 Weber, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, op. cit.

33 ibidem

cotidiano”³⁴, Marx já argumentava que são as condições materiais e de reprodução da humanidade que determinam o estágio de consciência encontrado em cada época. Sob o Capital, todos os sistemas de engrenagem social ocupam funções específicas; e a tecnologia, entendida como força produtiva desenvolvida para a exploração do trabalho, racionalizadora dos processos de produção, aguçadora da divisão do trabalho e constituinte da formação das forças produtivas, tem que ser enxergada do ponto de vista de sua realização enquanto Capital. As forças produtivas, para Marx, não podem ser consideradas autônomas e isoladas frente às relações de produção capitalistas. Os argumentos contra a neutralidade da técnica no capitalismo advém de conceitos como o de *subsunção* e de *derivação*. A técnica, para Marx, é vista de forma fragmentária e sua análise é inconcebível se tomada somente em si. O fenômeno tecnológico, ligado ao desenvolvimento das forças produtivas, proporciona, além do seu acúmulo, relações de produção de um novo tipo.

As máquinas, para Marx, não são mais do que uma força produtiva, porém diferem completamente da “ferramenta” ou instrumento de trabalho do trabalhador individual. A máquina, vinculada ao processo de produção capitalista, assume um manto técnico e científico a fim de manter a *subsunção*³⁵ do trabalho ao capital. Ou seja, técnica e ciência, em função do capital, materializam-se em exploração para extração de mais valia. O ponto em comum com Weber e outros analistas é a radical transformação da produção e utilização destas máquinas quando a separação da produção doméstica, individual ou em pequenas unidades, reverte-se numa concepção e realização das máquinas enquanto forças produtivas industriais de propriedade do empresário e utilizadas de maneira a extrair mais valia a partir do trabalho nelas empregado. Na produção capitalista clássica, Marx e Engels enxergam a utilização da maquinaria como um controle autocrático cujo ponto central é a autonomização dos

34 Enzensberger, Hans Magnus, *Com Raiva e Paciência: ensaios sobre literatura, política e colonialismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

35 A *subsunção* é uma relação entre processo de trabalho e processo de valorização que designa uma subordinação e uma inclusão do Trabalho ao e no Capital.

instrumentos de trabalho. Isso tem como efeito o aumento do consumo de mercadorias, a baixa no custo da produção, a criação de maior demanda por produtos industrializados e a desvalorização da força de trabalho³⁶.

Aliada à divisão do trabalho, a maquinaria (concentração de instrumentos de trabalho) provoca unilateralidade e dependência a um processo imposto ao homem e que o fragmenta. A última metamorfose do instrumento de trabalho no processo de produção de capital seria um sistema automático de máquinas, no qual o trabalhador seria um "acessório consciente": “A máquina (vinculada ao processo de produção do capital) já não tem nada em comum com o instrumento do trabalhador individual. Distingue-se por completo da ferramenta que transmite a atividade do trabalhador ao objeto (...) a atividade pertence mais a máquina, ficando o operário a vigiar a ação transmitida pela máquina às matérias primas”³⁷.

A indústria, tal como conhecia Marx, existiu "apenas na e pela divisão do trabalho"³⁸ e o desenvolvimento técnico e burocrático aguça estas condições na medida em que determinados produtos (não só as pesadas maquinarias industriais) e instituições (não só o Estado e suas atribuições) requerem conhecimentos especializados. O desenvolvimento das forças produtivas e das instituições sociais provoca, portanto, uma maximização da ética e de práticas vinculadas às especializações, regras, limitações e conhecimentos funcionais. O trabalho médio como divisor comum dos fatores de produtividade perde importância para o trabalhador capacitado que, apesar de não ser significativo em finais do século XIX, aparece atualmente como figura central e perpetua a condição de separação entre produto e produtor direto, além de subordinar cada vez mais funções ao aparato tecnológico e institucional do capitalismo.

36 Romero, Daniel, “Capital e Tecnologia nos Manuscritos de 1861-1863 de Marx”, ver em <http://www.unicamp.br/cemarx/daniel1>.

37 Marx, Karl, *Consequências Sociais do Avanço Tecnológico*, São Paulo, Edições Populares, 1980.

38 Marx, Karl, *A ideologia alemã*, São Paulo, Editora Moraes, 1984.

A grande Indústria, como analisada por Marx em a "Ideologia alemã", trás uma nova fase da propriedade privada. Nesta fase, somam-se forças elementares para fins industriais, a maquinaria desenvolvida para a indústria e uma extensa divisão do trabalho. Este modelo perpetua-se como regra em grande parte das indústrias de hoje. Porém, há significativas mudanças em curso devido ao desenvolvimento tecnológico - principalmente no que se refere à mecânica, eletrônica e a informática - no campo da produção material e que terá tremenda influência no campo intelectual, espiritual e de significado cultural. Como inerente a este desenvolvimento, Marx aponta algumas tendências e razões que possibilitaram a perpetuação deste determinado sistema de produção e circulação de mercadorias e capital. A grande indústria universaliza a concorrência, fazendo com que os velhos direitos se modificassem a fim de preservar a "defesa na liberdade de comércio". Os meios de comunicação e o mercado mundial moderno são rapidamente desenvolvidos, trazendo com eles uma rápida circulação e submetendo o comércio ao tempo e ritmo da grande indústria. Cria a concentração de capitais aliada à transformação em capital industrial (e mais recentemente em capital financeiro). A premissa destas modificações na esfera da produção e intercâmbio é o sistema automático gerado pela maquinaria em desenvolvimento. Porém, este modo cria forças produtivas "para as quais a propriedade privada se tornou um grilhão" e daí a contradição que se estabelece dentro da produção capitalista avançada baseada na grande indústria.

O conjunto de transformações observado na esfera da produção, alavancado por um incremento tecnológico que serve ora de suporte, ora como a própria força produtiva, aponta um problema em relação a definição de quais são os agentes que configuram a atual ordem dos sistemas de produção e da exploração e contradições que eles geram. O desenvolvimento do aparato tecnológico, que hoje se traduz em diversas ferramentas de otimização do aparelho produtivo, como softwares de gerenciamento, sistemas de comunicação, redes internas e comunicação móvel, também produz forças produtivas “diretas”, individualizadas e que são também tecnologias de consumo. O caso de câmeras de

vídeo, computadores pessoais, transmissores, celulares e demais, são igualmente objetos de consumo e produção, de onde se recebe e difunde as mercadorias mais valorizadas atualmente, o conhecimento e a informação. Resta nos perguntar quais os movimentos que a lógica da separação entre o produtor e seu instrumento de trabalho (no caso das novas tecnologias de produção) estão operando na sociedade. Qual a relação que os agrupamentos sociais, cada vez mais impelidos a produzirem conhecimento e conteúdo, têm com as possibilidades que estas forças produtivas sustentam? Se, como defende Marx, “a força de trabalho de um homem, consiste, pura e simplesmente, na sua individualidade viva”³⁹, como analisar, a partir das transformações culturais e tecnológicas, o tipo de trabalho que se explora hoje e como esta individualidade viva está entregue à um tipo de produção nova, essencialmente subjetiva e cultural. Da mesma forma, nos cabe perguntar como se situam a circulação, a comercialização e a distribuição deste trabalho nos diferentes agrupamentos sociais. Existe por parte de movimentos de oposição uma utilização realmente subversiva destas forças produtivas? Foi o desenvolvimento delas capaz de despertar uma cultura política que permita aos grupos e às pessoas se distanciarem da dominação clássica da lógica industrial do capital e contribuírem para formas de emancipação individuais e coletivas? Quais as reversões que o capitalismo manipula no sentido de extrair valor a partir da nova configuração tecnológica; como ele se reproduz a partir de novos tipos de economia e como mantém o sistema de captura que o condiciona vivo? Se a configuração econômica, ou seja, a soma de todas as forças produtivas da sociedade, gera, não unicamente, mas como última instância, a base para a criação de uma superestrutura espiritual, como analisar o deslocamento do centro da produção da fase industrial mecânica para uma fase informacional, no qual o conhecimento e a produção de valores culturais é a aceleração aguda e radical que suporta a base do sistema

39 Marx, Karl, “Salário, preço e lucro”, in *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos* – Coleção *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1978.

econômico⁴⁰?

Isso não significa que o modo de produção capitalista rumou definitivamente para outra esfera, mas sim que ele foi capaz de operar uma mudança em sua própria superestrutura, a fim de assimilar e impulsionar a criação de uma base de produção diferenciada. O topo da pirâmide econômica é agro-industrial, mas é também info-financeira. Esta mudança de centralidade envolve a preparação “superestrutural” para dar conta do deslocamento da base. A adequação do trabalho, do lazer, das trocas materiais e imateriais, dos fluxos de valores, à um novo espírito do capitalismo refere-se a uma mudança da lógica na superestrutura acelerada pelo avanço tecnológico, comunicacional e cognitivo. É evidente que se pode ressaltar as condições materiais e os modos de produção como contribuintes deste processo, porém, nunca na história da humanidade a aceleração da técnica operou uma mudança tão forte na superestrutura de modo a fazê-la interferir diretamente na base de produção da economia como ocorre hoje.

O caso é que seria errôneo raciocinar em termos herméticos a função que se estabelece entre determinada esfera da superestrutura (artes, culturas, comunicação) e a base econômica da sociedade. Observando a integração dos processos subjetivos de expressão com os processos objetivos de mediação, observamos que se refletem em última instância em produção de subjetividade, produção de valor, ideologia, forças políticas e dominação econômica. Deste modo, não faria sentido pensar nem que este aspecto da superestrutura depende diretamente ou é determinado unicamente pela realidade social, nem que, ao contrário, na qualidade de formadoras de consciência, a determinam. O caminho a se percorrer na análise, então, seria o apontado por Raymond Williams, no qual estas esferas superestruturais “embora dependam, em última análise, da estrutura econômica real, agem em parte

40 Quem discorda ou questiona essa proposição, poderia tentar imaginar a infraestrutura econômica da sociedade sem os softwares que gerenciam supermercados, mega-stores e aeroportos. Sem empresas como a Google, Microsoft ou MTV, sem a linha ideológica calvinista das igrejas evangélicas aliada a sua participação nos meios de transmissão de informação, sem a Nasdaq ou a Comsat, sem as fotos por celulares ou sem os periódicos eletrônicos, e observaria que a infraestrutura que sustenta não só o sistema, como a crença nele, é fruto de uma politização e de uma determinação da produção de valores imateriais, culturais e espirituais (como são softwares, vídeos, satélites e o conhecimento).

refletindo essa estrutura (...) e, em outra parte, afetando as atitudes para com a realidade, visando a favorecer ou a obstruir a tarefa ininterrupta de alterar essa mesma realidade”⁴¹. Deste ponto de vista, seria necessário assumir que as criações materiais e a lógica econômica desenvolveram um suporte também na superestrutura, e que a linguagem, as artes, as expressões e a subjetividade alteram e são alteradas pela realidade social, num conflito que, para ser pleno, necessita das duas esferas.

De outro modo, seria como se a própria técnica enquanto organização da base do sistema, criasse, a partir de si, uma outra superestrutura, a qual seria formada por seus princípios e como consequência de sua criação e desenvolvimento. Se a noção de “que o instrumento só aliena o trabalhador a partir do momento que é o senhor que os possui”⁴² teve sentido em uma época, há que se refletir sobre a continuidade que as bases de consumo e de produção geraram nos mecanismo de apropriação individual destas técnicas. Os instrumentos de consumo solapam qualquer potencialidade do fim da alienação pela apropriação individual das forças produtivas. A inocência gerada por esta “superestrutura da técnica” que ataca o motor vital da cultura, não obstante cria uma maior dependência acrítica das forças produtivas mascaradas de objetos de consumo. O capital, operando uma “cultura da técnica”, fez valer sua sabedoria, expandindo as forças produtivas ao mesmo tempo em que se aguça uma dependência de sua lógica, de seu *telos* e de seu mercado.

41 Williams, Raymond, *Cultura e Sociedade 1780-1950*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1969.

42 Vaneigem, Raoul, *A arte de viver para as novas gerações*, São Paulo, Ed. Conrad, 2002.

1.3 OS DESLOCAMENTOS E IMPLICAÇÕES DA RACIONALIDADE

Herbert Marcuse, numa conferência de 1964 sobre “Industrialização e capitalismo na obra de Max Weber”, critica a noção de racionalidade de Weber quando diz que a visão sobre o destino do ocidente capitalista se mostrou equivocada tanto por causa dos níveis de racionalidade das experiências socialistas do leste, quanto na presunção de que a razão era necessária para a eliminação das concepções valorativas e para assegurar a manutenção das instituições do Estado Nação. No entanto, Marcuse se utilizará da noção de racionalidade de Weber para servir-lhe de base para muitas análises posteriores. Assim resume Marcuse a racionalidade apontada por Weber : “(...) a razão se realiza em um sistema de cultura material e intelectual (economia, técnica, “modo de vida”, ciência, arte) que tem seu pleno desenvolvimento no capitalismo industrial; e este sistema tende a um tipo específico de dominação que se converte no destino do período atual: a burocracia total”⁴³. Mais do que isso, Marcuse mostra a evolução do conceito de razão e a trilha que Weber percorre para distinguir os tipos de aplicação dos conceitos. Weber coloca a matematização dos saberes e conhecimentos, a supremacia do cálculo racional sobre as outras disciplinas científicas e para a validação das experiências e o aumento da quantificação suplantando a qualificação. Como consequência destes processos de contabilidade, resultado, precisão e controle, a sociedade cria organizações e especializações encarregadas das fórmulas de operações exatas e racionais que determinam historicamente o “modo de vida” da racionalidade, dando a ela seu caráter prático.

Essa razão prática é de utilidade para o empresário moderno e que, segundo Marcuse, “se converte em razão econômica do Capitalismo. (...) A razão abstrata se faz concreta na dominação calculável e calculada sobre a natureza e sobre o homem. Assim, (...) aparece como razão técnica: produção e transformação de material (objetivo e humano) mediante o aparato metodológico-científico

43 Marcuse, Herbert, *Ética de la Revolución*, Madrid, Taurus Ediciones, 1970.

construído na medida da capacidade de produção calculável, cuja a racionalidade organiza e controla coisas e homens, fábricas e burocracias, trabalho e tempo livre”⁴⁴. Marcuse demonstra como para Weber, a partir de seu método de análise, a racionalidade construída torna-se uma necessidade tecnológica do desenvolvimento do moderno capitalismo. Seja na relação de homens com a natureza, seja na de homens com homens. Marcuse aponta que há uma relação de dominação intrínseca ao conceito de racionalidade. Existe uma inevitabilidade que nos leva a pensar tanto no sentido (fins e valores) da adoção desta forma quanto na posição de dominação econômica que se estabelece no seio do cálculo racional. A transformação do modelo de sociedade, do início do século XX para o início da década de 60, nos faz compreender que a trajetória da racionalidade (formal, prática, técnica) realiza uma realocação do agir e pensar racional no sentido de uma dominação material e subjetiva, enquanto ideologia e como aponta Habermas analisando a perspectiva de Marcuse: “forma inconfessada de dominação política”⁴⁵

Em sua concepção de sociedade industrial, Marcuse indica uma mudança na relação e no papel histórico das classes sociais por consequência de um realocamento nos conflitos que a sociedade capitalista engendra. Em função, dentre outras coisas, da personificação da razão exercida pelos meios de comunicação de massa, esta “estrutura de defesa e perpetuação do perigo”, atuando com maturidade técnica, faz com que se revele um maior domínio da sociedade sobre o indivíduo, que se sente mais subordinado pela tecnologia que pela coesão: “os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação”⁴⁶. Esse movimento da sociedade industrial, através de seu aparato, promove uma contenção das transformações possíveis a partir do desenvolvimento técnico e transforma os conflitos num campo de dominação que ora rejeita racionalmente, ora reconcilia as lutas pela liberdade. As classes subalternas desta sociedade, portanto,

44 ibidem

45 Habermas, Jürgen, *Técnica e Ciência enquanto Ideologia* (Coleção *Os Pensadores*), São Paulo, Abril Cultural, 1980.

46 Marcuse, Herbert, *A ideologia da sociedade industrial*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

são moldadas pelo aparato e levadas a requerer a preservação travestida de avanço, a dominação travestida de bem estar, a recepção travestida de lazer.

Estes novos sistemas de controle desenvolvem um novo tipo de sujeição aliando razão e tecnologias de conforto “a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível.”⁴⁷ A condição de conforto material se reflete em introjeção da dominação como fruto de uma “gerência e organização complicadas e científicas” que elevam um padrão de vida administrado “montado como um poder separado e acima do indivíduo”⁴⁸. Neste sentido, a razão instrumental, operando enquanto ideologia fecha os espaços do pensamento crítico e cede ao controle tecnológico “a própria personificação da razão”, e seus produtos e consumo impõem um estilo de vida que está permanentemente mobilizado para a defesa do próprio universo construído: “Validado pelas conquistas da ciência e da tecnologia, justificado por sua crescente produtividade, (...) o operacionalismo se torna, na teoria e na prática, a teoria e a prática da contenção.”⁴⁹ Marcuse pergunta-se, então, como podem os homens desta sociedade “se libertarem deles mesmos e de seus senhores”⁵⁰.

É neste sentido que Jurgen Habermas analisa o pensamento de Marcuse e discute o poder de institucionalização da legitimidade que o “agir racional com respeito a fins” exerce sobre a sociedade e como este se “torna irreconhecível enquanto política”. O desenvolvimento das forças produtivas aliando técnica e ciência aparece como forma necessária da organização social e subtraem o poder da crítica, atuando enquanto modelo único gerenciador da sociedade capitalista.

Habermas apresenta sua contribuição ao pensamento de Marcuse ao demonstrar como este último encara a junção da dominação e da técnica como um projeto de mundo entendido e aplicado politicamente enquanto ideologia. Não obstante, Habermas faz ressalvas à alternativa apresentada pelo

47 ibidem

48 ibidem

49 ibidem

50 Marcuse, Herbert, *A ideologia da sociedade industrial*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

diagnóstico de Marcuse. Este afirma que somente a construção de uma nova ciência e de um novo projeto de dominação “libertadora” da natureza indicaria novos rumos para a técnica e para o aparato e isso geraria uma outra relação entre homem e natureza e, conseqüentemente, entre homem e homem. Habermas considera que isso não se realizaria por não haver historicamente alternativa ao projeto científico e nem mesmo a realização desta alternativa poderia ultrapassar a história, devendo ser construída por um projeto da espécie humana como um todo, partindo dos dispositivos disponíveis dentro de sua condição e potências.

Quanto mais a conexão entre a técnica e o agir-racional com respeito a fins se aguça, mais são as esferas humanas e relações sociais que estão sendo atingidas e modeladas por esta idéia da técnica enquanto progresso necessário, unidimensional e irreversível. Para Habermas, o agir racional com respeito a fins é uma estrutura à qual uma lógica do desenvolvimento técnico obedece. E diferencia seu postulado de análise daquele aplicado por Marcuse no seguinte sentido: “Em vez de tratar a natureza como objeto passível de uma possível manipulação técnica, podemos dirigir-nos a ela como a um parceiro numa possível interação. (...) podemos atribuir a subjetividade aos animais, às plantas (...) e comunicar-nos com a natureza, em vez de nos limitarmos a trabalha-la, quebrando a comunicação. (...) refere-se a uma estrutura alternativa do agir: a interação simbolicamente mediatizada, em oposição ao agir-racional com respeito a fins”⁵¹.

51 Marcuse, Herbert, *A ideologia da sociedade industrial*, op. cit.

1.4 NOVAS FORMAS DE DOMINAÇÃO

As percepções de Marcuse apontam para um diagnóstico novo da sociedade industrial. O apontamento de que a oposição e a crítica sucumbiram a um processo de dominação interno e inerente ao desenvolvimento do bem estar e das lógicas de reprodução e avanços tecnológicos, e que o sistema absorve as forças de oposição e rejeita a radicalidade destas iniciativas, advém de uma análise tanto da racionalidade da técnica corporificada enquanto ideologia desta sociedade quanto da percepção dos efeitos da sociedade sobre os movimentos políticos tradicionais e sobre as expressões artísticas. Diferentemente de um panorama mais popular das teorias críticas do *Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt*, para o qual o esclarecimento, agindo sobre a subjetividade e a individualidade de maneira homogeneizante, atingiria fortemente a esfera cultural e do lazer, Marcuse observa potenciais de deslocamento do campo das ações políticas e de seus agentes. A visão hermética dos estudos acerca da “cultura de massas” argumenta sobre o movimento na sociedade da cultura à civilização – sendo esta última a esfera da necessidade, do trabalho e da operacionalização –, e que tudo que se cria dentro deste sistema tem característica degenerescente, pois estaria envolto e dominado pela dominação técnico-racional. Nesta perspectiva, a crítica ao postulado marxista – que enuncia que o desenvolvimento das forças produtivas levaria à mudança nas relações de produção – é construída no sentido de que nem as consciências nem as produções críticas são livres na sociedade industrial.

Nessa realidade, abre-se um conflito entre meios e fins de determinada sociedade, na medida em que a cultura, como realização do complexo de valores “morais, intelectuais e estéticos que uma sociedade se propõe como meta de sua organização, divisão e direção do trabalho”⁵², lida com os meios desenvolvidos por esta mesma sociedade para sua realização efetiva.

52 Marcuse, Herbert, *Ética de la Revolución*, op. cit.

Na obra mais emblemática da escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer definem o esclarecimento como um processo histórico-social de integração total que destrói sua auto consciência e que coloca o homem na posição de senhor do mundo. É o entendimento no lugar da superstição, a libertação das potências míticas da natureza, fenômeno que Weber já havia notado e nomeado de *desencantamento do mundo* e que transpõe a vida secular para um patamar central, relegando o asceticismo para segundo plano e tirando os valores mágicos, míticos e fantasiosos das práticas sociais. Para a escola de Frankfurt, o esclarecimento é totalitário, as resistências tornam-se argumentos deste, e ele, por sua vez, resume-se na própria mitologia e em seu sentido de unidade. O esclarecimento desenvolve-se em questões de ordens práticas, tendo como sua essência a técnica: métodos, operações, instrumentalizações, cálculos e utilitarismos, destruindo o encanto pela autonomização gerada no desenvolvimento da ciência racional.

Este diagnóstico aponta novas formas de dominação sobre o indivíduo e sobre a natureza. O processo opera uma lógica discursiva dominadora, convertendo os conceitos esclarecidos em “argumentos da irracionalidade política”⁵³ e mitologias do bem estar, flertando com a coesão social e atacando a multiplicidade e o indivíduo através da unidade e integração social. O esclarecimento rege um processo de abstração, atuando ao mesmo tempo como produto dos mitos que ele próprio se propõe a substituir. A verdade é identificada com o pensamento ordenador, que opera a separação entre sujeito e objeto pela lógica discursiva na esfera do conceito e fundamenta-se na dominação real pela legitimidade que constrói, subordinando a crítica e a oposição à racionalidade tecnológica.

O esclarecimento opera para si, relegando os fins pelos meios de suas técnicas, constituindo uma integração total: uma espécie de autonomização absoluta. A posição dos homens no mundo e sua luta pelo entendimento no lugar da superstição, tomam a técnica como essência e centra seus métodos,

53 Adorno, T. Horkheimer, M – Dialética do Esclarecimento

operações e instrumentalizações no motor que domina a sociedade e a civilização. Deste ponto de vista, o esclarecimento destrói o encanto dos mitos tornando-se totalitário, resolvendo-se na própria mitologia.

O sistema criado pela teoria crítica, por sua vez, como “crítica da filosofia sem abrir mão desta”, circunscreve um problema que se torna, da mesma maneira que sua concepção sobre o esclarecimento, uma resolução dentro de sua própria idéia. Para esta perspectiva as resistências tornam-se argumentos da dominação e não há espaço para conceitos esclarecidos de oposição, pois estes se utilizam de uma lógica discursiva dominadora.

No que concerne a nossa problemática, esta materialização (recaída) do esclarecimento em métodos, normas e operações, viabiliza a corporificação de cálculos, codificações e quantificações em operações maquínicas, que se inserem em várias esferas da ciência. A catalogação, a normatização e o estreitamento das variáveis possíveis de ação são formas da inserção da racionalidade em técnicas, mecanismos e aparatos de aplicação social. Os meios técnicos da indústria da cultura não seriam mais do que isso.

A utilização do mito pela resistência, defendem Adorno e Horkheimer, é sintoma do esclarecimento, e as multiplicidades se resumem a cálculos e padrões nas escalas deste. A volta do esclarecimento ao mito se converte em objetividade e forçam a padronização das práticas, experiências e condutas da vida cotidiana.

1.5 AS ALTERNATIVAS DA REALIZAÇÃO DA CULTURA

A analogia mais forte da idéia de “integração total” no que se refere à indústria da informação está na criação da máquina mais completa de armazenamento, produção, reprodução, recepção e transmissão de informação. Em 1948, Shannon⁵⁴, sustentado por disciplinas como a matemática e a física, cria uma teoria na qual a informação é traduzida em códigos e quantificada, facilitando assim seu processo de comunicação. O desenvolvimento desta teoria reduz praticamente todas as formas de transmissão de conteúdo sensitivo, semiótico e comunicacional a uma técnica de manipulação de seqüências de dígitos binários. A corporificação e aplicação desta técnica levaram a possibilidade do seu desenvolvimento a criar máquinas individuais de processamento de informação, das quais a mais conhecida, completa e integrada é o computador.

Baseando-se na assim chamada *Teoria da Informação (TI)*, Warren Weaver diz que “poder-se-ia estar inclinado a pensar que os problemas técnicos envolvem apenas os pormenores de construção de um sistema de comunicações, enquanto que os problemas de semântica e eficácia abrangem a maior parte, senão todo o conteúdo filosófico do problema geral da comunicação”; e acrescenta que “(...) o significado e a eficácia são inevitavelmente restringidos pelos limites teóricos de precisão na transmissão de símbolos. Mais significativo, ainda, é que a análise teórica do problema técnico revela que este se justapõe, mais do que se poderia suspeitar, aos problemas de semântica e de eficácia”⁵⁵. Assim sendo, pode se supor que desde suas primeiras aplicações este método já se direcionava num sentido da alteração da maneira de recepção que as esferas da linguagem, comunicativas e culturais sofreriam quando em contato com este fenômeno técnico. Ademais, a problemática que se segue é uma

54 Claude Elwood Shannon, com o lançamento do artigo *Uma teoria matemática da comunicação*, abre uma nova área na matemática criando uma *Teoria Geral* da comunicação, hoje utilizada em todo e qualquer processo de transmissão de informação digital. Ele resolve de forma matemática a questão de reproduzir em um local as mensagens feitas em um outro, a partir de uma seqüência de combinações de zero e um (verdadeiro/falso).

55 Weaver, Warren, “A teoria matemática da comunicação”, *Scientific American*, n. 181, 1949, pp. 11-15.

resultante dos processos culturais integrados ao tipo de tecnologia desenvolvida, e de como se situa essa relação quando os fenômenos e atores sócio-culturais passam a não somente ser receptores do produto destas técnicas, mas também se integram a elas como produtores e manipuladores. Cria-se uma nova fase para as forças produtivas de uma indústria da informação.

Hans Magnus Enzensberger, no intuito de se distanciar do conceito de “Indústria Cultural”, cunha um termo para designar um estágio social da reprodução em escala que, desde o esclarecimento, se ocupa da função de “indução e transmissão social da consciência”. Ele argumenta que, acostumado a encarar a consciência como o último refúgio do sujeito, o homem esclarecido não admite sua tombada nem o fato de que, após sua reprodução industrial, não se é mais senhor dela. Enzensberger recorre ao argumento marxiano contido em *A ideologia Alemã*⁵⁶ para apontar que desde que o professor, o padre e o mestre perderam o espaço da transmissão tradicional, mítica e carismática de conteúdos culturais e espirituais para um sistema industrial produtor de idéias, a consciência deixa de ser algo “óbvio, opaco, invisível”. Só a partir do desenvolvimento industrial dos meios de produção deste tipo de indústria é que se verifica a existência de um conflito relacionado à importância política dos conteúdos imateriais.

O pressuposto do esclarecimento na formação de sua “Indústria da Consciência”⁵⁷ é fundamental, pois leva a luta política inserida no campo da produção e reprodução das idéias a um patamar que não era possível enquanto não se percebesse que existe uma forma industrial, técnica e ideológica de formatação espiritual: “O esclarecimento (...) é o pressuposto filosófico de toda indústria da consciência. Ela depende, portanto, de pessoas emancipadas, mesmo quando se trata de as sujeitar”⁵⁸.

A “Indústria da Consciência” de Enzensberger se diferencia do conceito de indústria cultural,

56 “A consciência é de antemão um produto social e continuará sendo enquanto existirem pessoas”. Marx, K, *A Ideologia Alemã*, op. cit.

57 Enzensberger, Hans Magnus, *Com Raiva e Paciência*, op. cit.

58 Enzensberger, Hans Magnus, *Com Raiva e Paciência*, op. cit.

pois, como argumenta, seu objeto “situa-se além de qualquer indústria”. Sua realização “pode ser industrialmente reproduzida ou induzida, mas não produzida”. Surge assim a natureza paradoxal e contraditória da forma de produção social que ela imprime, pois este tipo de indústria é incapaz de produzir a consciência, mas age sobre ela no âmbito de “sua mediação, das derivações secundárias e terciárias, das infiltrações e do lado fungível daquilo que ela multiplica e vende”⁵⁹. Considerando de uma perspectiva marxista os meios de comunicação como forças produtivas da indústria da consciência, Enzensberguer alia a isso o fato de que o resultado das integrações destas forças no capitalismo são os “marca-passos do desenvolvimento sócio econômico na sociedade pós industrial”⁶⁰.

Enzensberguer se propõe a analisar os meios como totalidade (sistema integrado) e não do ponto de vista de novas invenções ou inovações tecnológicas inseridas em determinado complexo industrial. Nem os procedimentos industriais nem as premissas tecnológicas podem substituir ou criar a cultura, mas através daquelas mediações e derivações opera uma construção que a abriga num lugar inofensivo, obscurecendo “as conseqüências políticas e sociais resultantes da intermediação e transformação industrial da consciência”. A cultura, portanto, não seria passível de uma produção industrial, mas sim subordinada, isolada e relegada à passividade dado o nível de manipulação da consciência por parte do poder exercido sobre seus meios de produção. Com isso, a indústria da consciência carrega uma contradição em seu modo de operar. A partir destes pressupostos, abre-se um campo de conflito entre a cultura e as relações de produção que dominam a esfera de reprodução social da “consciência”. Esta sim, em sua forma indutora e reprodutora, é passível de modificações devido ao seu status industrial. Confere aos meios de produção e à sua manipulação, propriedade e distribuição, um eixo central pelo qual se determina o desenvolvimento político e o estágio de dominação contido em cada sociedade.

⁵⁹ ibidem

⁶⁰ Enzensberger, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

A partir de sua perspectiva, pode-se apontar um erro em que incorrem os teóricos da Indústria da cultura, qual seja, a forma de produção de caráter cultural seria similar, em todos seus aspectos, à forma de qualquer indústria de bens materiais. A indústria da consciência se difere das demais justamente pelo fato de sua mercadoria e produtos não terem a mesma propriedade nem função social das mercadorias em geral. Enzensberger argumenta: “Nos seus ramos mais evoluídos, ela nem trabalha mais com mercadorias; livros e jornais, quadros e fitas gravadas são apenas seus substratos materiais, que se volatizam sempre mais com a crescente maturidade técnica, desempenhando papel econômico destacado somente em seus ramos mais antiquados, como as editoras”⁶¹. Os suportes materiais na época em que Enzensberger redigiu seu texto eram mais tímidos e sua importância menos problematizada. Esta questão nos aponta para uma discussão sobre a função do suporte. O livro é diferente de um *Compact Disc (CD)*, por exemplo. O conteúdo do livro são átomos de matéria impressos sobre a folha. A matéria prima do CD é a informação. Ela permite ao operador que grave, regrave, armazene, transmita e modifique o conteúdo sem prejuízo do suporte. No caso do computador torna-se ainda mais delicada esta classificação. É uma força produtiva, pois recebe trabalho, gerando um produto. É um suporte armazenador de diversas linguagens e funciona como meio de comunicação e informação, podendo ser utilizado como auxílio a quase todas as atividades correntes. A infraestrutura científica e tecnológica, em suas descobertas e desenvolvimentos – como no caso da criação dos bits, citado acima –, confere uma alteração na maneira de lidar com as forças produtivas da indústria da consciência; e assim, alteram também a maneira de manipular a consciência e compreender sua indução social, sendo portanto altamente significantes no processo geral das práxis culturais das sociedades do capitalismo avançado.

A teoria de Enzensberger, em suma, apela ao poder mobilizador e às potencialidades dessas

61 Enzensberger, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, op. cit.

forças produtivas. Para ele, toda a investida nos meios é uma forma de manipulação, o que o leva a criticar as posições da esquerda que freqüentemente justificam o domínio do capitalismo sobre as idéias na tese da manipulação: “A fé cega dos liberais na existência de uma verdade pura e não manipulada em questões políticas e sociais parece gozar de insuspeitada validade para a Esquerda Socialista. É a tácita premissa básica para a tese da manipulação”⁶². Por um outro lado, Enzensberger argumenta que a questão central não são as ramificações ou tendências políticas que se utilizam da indústria da consciência, mas sim a essência de sua função social. Induzir a consciência para em seguida explorá-la é o cerne da dominação política imposta por ela. A disposição das consciências alheias torna-se um centro fundamental para este processo. Manipular os meios desta indústria é necessário para, mais do que imprimir um domínio material sobre os homens, eliminar a *consciência da exploração* a que estes estão submetidos.

Dado este diagnóstico, Enzensberger, em outro texto exploratório sobre os meios de comunicação, traça linhas no sentido de uma superação da contradição daquela indústria elencando elementos que acelerariam a potencialidade de suas forças produtivas e que gerariam uma contradição com as relações de produção atuais. Influenciado pela teoria de Bertold Brecht sobre o rádio, defende a igualdade entre emissor e receptor, eliminando a aparência de oposição que confere categorias diferentes para os meios de produção e objetos de consumo⁶³. Os meios de comunicação, portanto – e ele tem um certo sentido premonitório –, não são meros objetos de consumo, pois além de trabalharem as consciências, são passíveis de utilização como forças produtivas. Rádio, câmeras, gravadores, impressoras e copiadoras detêm estas propriedades que possibilitam uma tomada de consciência política no sentido não só de consumir, mas de produzir a partir dos mecanismos técnicos, realizando

62 Enzensberger, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, op. cit.

63 “A radiodifusão há de ser transformada de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação (...) Isto se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber (...) se conseguisse que o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado (...)”. Brecht, Bertold, “Teorías de la radio”, *São Cristovão*, v. 5, n. 3, pp. 5-16, setembro-dezembro de 2003.

sua função social a partir de bases alternativas àquelas que estariam sendo utilizadas até hoje.

Esta proposição, no entanto, realiza-se quando complementada por questões políticas inseridas nos processos de manipulação dos meios. Esta manipulação, como “consciente intervenção técnica num material dado”⁶⁴, aparece como aprendizado político que faz de todos manipuladores, realizando um objetivo de socialização do conhecimento e vontade política das “massas”. Os meios são, portanto, orientados para ação e não para contemplação. Os estudos sobre recepção que não partem do princípio da ambivalência de sua natureza estariam incompletos ou, ao menos, politicamente reacionários.

No sentido de uma realização política da função social dos meios, a organização haveria que se construir sobre patamares opostos aos tradicionais. Isso significa, para Enzensberger, que a programação de conteúdo e a maneira de gerenciamento dos meios tem que ser feita através de uma descentralização de cargos e funções. Os produtos seriam fruto de um esforço coletivo inserido nos meios socializados, auto regulados e controlados diretamente por aqueles que os operam. Neste sentido, o sujeito cumpre o papel de produção e reprodução política, dando aos meios novas maneiras de interação e alterando completamente a forma hierárquica e centralizada que tanto corporações quanto Estados impõem a eles. Em suma, é uma nova forma de interferir sobre os meios materiais de produção e sobre a forma com que se enxerga um tipo de produção imaterial.

Numa crítica a Enzensberger, Jean Baudrillard considera que a exploração da potencialidade dos *media* não compreende o que eles têm de singular e que não é possível encaixa-los nos esquemas de infra e superestrutura marxistas. Para ele, a apreensão marxista toma a produção de signos como mera derivação dos esquemas de produção, ou seja, “para uso funcional”. Para Baudrillard, a tentativa de levar os meios a uma nova função, ou seja, liberta-los da lógica imposta a eles pelo capital a partir de sua categorização como força produtiva em máximo desenvolvimento não seria um ato crítico, mas

64 Enzensberger, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, op. cit.

sim uma tentativa de “melhor fecha-los na metafísica revolucionária”⁶⁵. Numa leitura equivocada das premissas contidas em Enzensberger, Marcuse e Brecht, Baudrillard considera que aqueles advogam por uma “neutralidade” dos *media*, afirmando que, assim como a mercadoria, eles não teriam “outro estatuto de realidade, ou algo como “valor de uso do produto”. Defendendo que a ideologia dos *media* está na sua forma e que sua separação é uma divisão social, argumenta que a tomada subversiva dos *media* seria somente uma alteração de conteúdo e que ratificaria o status monopolista destes. Para Baudrillard, no entanto, o processo de comunicação ou troca simbólica é fundamental, e neste rastro, considera que os *media* teriam que servir para este processo. Aliando as teorias que quer refutar à constituição dominante dos *media*, solidifica a categoria de mídia à uma arquitetura “que proíbe para sempre a resposta”.

Ora, atacar uma perspectiva partindo do pressuposto que ela defende uma neutralidade e, subsequente, formular uma crítica que prevê uma totalidade hermética e imutável de objetos técnicos não nos parece a forma adequada de analisar teoricamente o fenômeno cultural em torno dessas tecnologias. Destarte, Baudrillard comete o equívoco primariamente citado por Enzensberger: equiparar a mercadoria ou o produto simbólico gerado pelos meios a qualquer outra mercadoria, igualando-se a eles em sua característica funcional: “Como se a posse de um aparelho de televisão ou uma máquina de filmar inaugurasse uma possibilidade nova de relação e de troca. Estritamente, nem mais nem menos que um frigorífico ou uma torradeira”⁶⁶. Nos parece que Baudrillard oferece uma leitura incompreendida das questões apresentadas por Enzensberger, a saber, tanto por afirmar que a simples existência dos meios aliada à sua possibilidade de apropriação geraria uma mudança na forma e na lógica das trocas simbólicas, quanto na sua afirmação de que os meios envolvidos na produção de

65 Baudrillard, Jean, *Para uma crítica da economia política do signo*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.

66 Baudrillard, Jean, *Para uma crítica da economia política do signo*, op. cit.

subjetividade são por si só “antimediadores, intransitivos, fabricam a não comunicação”⁶⁷. O que tomaremos como ponto de partida da relação entre técnica e cultura não assume uma face de negatividade instantânea nem de inevitabilidade revolucionária. É mais como um conflito entre os próprios conceitos criados em torno de um fenômeno volátil que há de ser compreendido como processo de construção cultural e subjetiva. Neste sentido, ele tem a força de uma negação de seu próprio estatuto, construído por heranças teóricas que mais se preocupam em aloca-lo em filiações do que testar o imaginário possível a partir de suas potências e reações.

Se formos seguir a lógica de Baudrillard e buscar a negatividade no status de antimediação dos meios, nunca poderíamos advogar pelo fim da separação entre sujeito e objeto – sabidamente implícita no moderno processo de mediação –, nem imaginar a força da subjetividade como motor de agenciamentos numa busca pelo fim dos meios, pela liquidação da mediação e da necessidade do outro para a comunicação. Por que não se comunicar com si próprio e fazer com que o outro também realize este processo, criando não mediações, mas sim ligações que não constituem separação entre maneiras de fazer ? A intuição de que a mediação técnica pode se constituir como processo natural de troca simbólica nos parece falho. A separação que a mídia realiza é consequência ideológica de elementos da separação da divisão do trabalho, entre sujeito e objeto, entre homem e máquina, entre cultura e tecnologia, entre produtor e receptor. Essas separações são artificiais e impedem a elaboração de práticas e teorias que se voltem para o sentido da emancipação humana e de sua plena realização enquanto força geradora de riquezas materiais e subjetivas, propriedades elementares e complementares do ser.

Michel de Certeau, por sua vez, utiliza o termo “cultura do consumo” para designar uma prática silenciosa operada por aqueles que recebem o produto industrial e os submetem à um outro tipo de

67 ibidem

função e realização. Para ele, mais importante que o status dos bens oferecidos é a utilização que deles se faz. Certeau coloca questões sobre como criar-se, “deslocando a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso destes produtos”⁶⁸. Interrogando-se “sobre as *operações dos usuários*, supostamente entregues à passividade e à disciplina”, Certeau considera que o importante não é a cultura erudita nem a dita popular, mas sim a “proliferação disseminada” de criações anônimas, utilizando “maneiras de fazer” que desloquem a determinação do objeto de sua função inicial.

Certeau cria uma dicotomia entre tática e estratégia para diferenciar os tipos de operações surgidas a partir da disponibilização dos artefatos e lógicas da produção. Ele se preocupa em diferenciar as práticas de realização desde as construções estabelecidas nos sistemas sociais de produção material. Para Certeau, enquanto a *estratégia* é capaz de “produzir, mapear e impor”, as *táticas* podem “utilizar, manipular e alterar”. A idéia de tática se articula com práticas de focos, resistências, levantes, surpresas, enquanto a noção estratégica é um cálculo operado pela idéia de um todo homogêneo e modelado totalitariamente que aparta sujeito de objeto.

A questão é a análise de o que e como se manifesta a produção dos que “consomem” ou “usam” os produtos materiais e culturais disseminados entre grupos e indivíduos, o que estes “fabricam” a partir do que recebem: “A fabricação que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, por que ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da ‘produção’ (televisiva, urbanística, comercial) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos ‘consumidores’ um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos”⁶⁹.

A maneira preponderante como os “procedimentos populares (...) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los” é classificada por Certeau como uma

68 Certeau, Michel de, *A invenção do Cotidiano - Artes de fazer*; Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

69 ibidem

tática. Ela seria uma maneira constante e silenciosa, “pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”⁷⁰. Estas táticas, para ele, são múltiplas formas de reapropriações culturais de um todo construído pelas estruturas tecnocráticas que alteram, através de bricolagens, maneiras de usos e transformações funcionais, de processos da organização sócio política dominante. Para Certeau, é possível que as culturas “joguem” com os mecanismos da disciplina, fazendo emergir através de criatividades, momentos e criações de resistência e inventividade que formam operações em que “o fraco tira partido do forte” utilizando forças que lhes são estranhas.

Este conflito que se abre entre o aparato estrategicamente criado e a possível resposta da cultura quando toma para si suas potencialidades se relaciona com aquela já mencionada alteração cultural da dicotomia entre produção e consumo. Em função da modificação das expressões culturais, da entrada de tecnologias e objetos de consumo transformados e articulados com a cultura de massa, alguns autores passam a identificar neste processo uma nova forma do fazer cultural. A “cultura de massa” passa a ter um outro status quando suas entrelinhas e expressões podem ser reverberadas por criações que de alguma forma representam esferas artísticas, estéticas e de transformação.

Décio Pingnatarí afirma que “já existe um mercado de consumo, de repertório alto, para a arte de vanguarda (toda arte do nosso tempo é arte de vanguarda), que assim busca defender-se contra a arte de massas, da qual tende ser metalinguagem (a pop arte não é senão metalinguagem da arte popular criada pelos meios de comunicação de massa). Podemos dizer que estamos assistindo a agonia final da arte: a arte entrou em estado de coma, pois seu sistema de produção é típico e não prototípico, não se prestando ao consumo em larga escala. Não há porque chorar o glorioso cadáver, pois de suas cinzas já vai nascendo algo muito mais amplo e complexo, algo que vai reduzindo a distância entre

70 Certeau, Michel de, *A invenção do Cotidiano*, op. cit.

PRODUÇÃO e CONSUMO e para o qual ainda não se tem um nome.”⁷¹. Mais tarde, o próprio Pignatari nomearia este processo de “produssumo”: “PRODUSSUMO. O mundo do consumo substituído pelo mundo da informação, onde se travarão as grandes lutas. NOVA BARBÁRIE: campo aberto para os novos modelos da batalha informacional”⁷². Este conceito tem como elemento central a criação da cultura popular e sua ramificação a partir das possibilidades tecnológicas e publicitárias. Ele oferece novas plataformas para uma criação comunicativa que agencia da mesma forma e busca colocar no mesmo patamar o consumidor e o apreciador, alargando o campo estético para uma esfera social cotidiana: “tem início a reversão do sistema de consumo da obra de arte: não é mais o espectador que vai ao objeto, mas o objeto que vai ao apreciador”⁷³.

Esta nova forma de perceber uma criação anônima, ocasional, improvisada da cultura não se remete só ao conteúdo recebido pela construção do campo estratégico de dominação, mas também à forma das respostas que as culturas oferecem a estes sistemas. Enquanto a operação estratégica necessita de uma distância entre o sujeito e o ambiente, circunscrevendo um lugar próprio e inquestionável, a tática é uma aproximação com um outro qualquer que não admite uma fronteira. Segundo Certeau, a tática se identifica com a percepção de momentos oportunos em que cria “ocasiões”, substitui a lógica do discurso por atos e maneiras de realizar uma “decisão”. As táticas apresentam certo sentido de permanência, somente na medida em que se constituem multiplicações móveis, artes ocasionais e nômades. Ela não tem lugar próprio, nem uma comunidade que a circunscreva, dependendo do que lhe é oferecido para a realização de suas colagens e bricolagens que as permitem produzir “sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo”. A percepção de Certeau é certamente uma jornada rumo à esperança na autonomia do sujeito, que por sua vez é causa de uma

71 Pignatari, Décio, “Comunicação e Cultura de massas”, in *Informação, linguagem, comunicação*, São Paulo, Perspectiva, 1976.

72 *ibidem*

73 *ibidem*

mudança no estatuto do indivíduo. Neste sentido, ele acredita no poder transformador da cultura, mesmo em contato com uma sociedade tecnocrática e burocratizada que eleva o indivíduo a senhor de seus atos, mesmo sabendo que há muito eles não são mais autônomos. Para Certeau, o que resta ao indivíduo, quando relacionado com a expansão do enquadramento e da coação social, é uma “astúcia no relacionamento com eles, dar golpes, encontrar na megalópole eletrotécnicizada e informatizada a “arte” dos caçadores ou dos rurícolas antigos”. Em última instância, a visão de Certeau é, de uma certa maneira, a perspectiva de uma defesa da cultura contra os sistemas tecnológicos. Mas, diferentemente daqueles que vêem na cultura uma oposição à técnica, ele elabora maneiras e formas de reverter a imposição sistemática de um tipo de concepção de organização por formas de improviso e manipulações, utilizando, mesmo que de outra forma, o aparato constituído pela lógica da racionalidade industrial e, mais profundamente, da civilização.

As dinâmicas entre técnica e cultura atingem fortemente uma parcela considerável de agentes sociais, principalmente no caso da utilização dos meios de comunicação. Cria-se um campo de conflito de formas e interesses que, inevitavelmente, influencia outras esferas da sociedade como a economia, a política e as artes. O vértice comum que se observa a partir destes processos são as relações de mediatização que constam destas esferas. As disciplinas das ciências humanas, se compartimentalizadas, não apreendem as relações de maneira completa. É necessário entender que a comunicação, arte, política e tecnologia estabelecem, na atual configuração dos fluxos sociais, pontos de encontro e de dependência. Influenciadas por interesses, as disciplinas assumem personalidades isoladas voltadas para fins de reprodução de seu próprio pressuposto. Assim o faz a publicidade, o marketing, o jornalismo e a midialogia.

O pensamento exige que se observe e se traduza, a partir das movimentações sociais em torno das mediações, formas com que a sociedade - independentemente do nível de especialização ou da área

de interesse - conjuga e reinventa esse fenômeno recente e o converte em fazeres sócio-culturais. Estes, por sua vez, podem se traduzir em criação de redes, políticas e subversões cotidianas.

O campo em questão pode ser nomeado de “tecno-cultura”, definido como “o campo comunicacional enquanto instância de produção de bens simbólicos ou culturais, mas também para a impregnação da ordem social pelos dispositivos maquínicos de estetização ou culturalização da realidade”⁷⁴. Esta definição estabelece um vínculo entre as formas tradicionais dos meios de comunicação e adiciona as novas formas de tecnologias “rizomáticas”, características das redes informáticas.

Este recorte nos parece importante na medida em que a problemática levantada neste estudo se refere não ao processo da gênese da comunicação (sem querer retirar a importância do conhecimento deste), mas sim a como esta propriedade humana – nas idéias de Platão, uma articulação da essência da linguagem com as idéias e a busca dos meios de revelação e transmissão do ideal – impulsiona mudanças radicais na cultura, interfere na política e é utilizada como forma de dominação ou de revolta. É a importância da técnica que impõe ritmos e mudanças às relações sociais, não somente nos objetos e máquinas de comunicar, mas também na forma de organização através da linguagem, retórica e raciocínio.

A modelação que a sociedade industrial imprimiu às formas de comunicação, legaram um conflito político dentro das culturas. A história marcou as maneiras como lidamos com a comunicação, transformando, hoje em dia, sua problemática em uma questão política sobre as tecnologias de informação. Com isso “o novo modo de organização das sociedades plenamente industrializadas procura integrar a produção e o consumo de bens culturais ao movimento de acumulação do capital” e “a cultura passa a servir de forma cada vez mais direta à reprodução ampliada das relações

⁷⁴ Sodré, Muniz, *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

capitalistas”⁷⁵.

Assim, percebe-se uma proeminência da técnica nas atuais relações culturais da modernidade tardia. Há também uma mudança necessária nas maneiras tradicionais de compreensão da sociedade. Essa nova sociedade reflete novas teorias, que defendidas ou refutadas, expressam uma tentativa de compreensão de novas configurações.

⁷⁵ Sodré, Muniz, *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*, op. cit.

CAPÍTULO 2 - TÁTICAS DE MÍDIA

Mídia Tática (MT) é um termo cunhado para designar um conjunto de práticas que surgiram a partir do recente aumento da distribuição, da integração e do barateamento de mecanismos técnicos de produção de informação. Estas práticas, por sua vez, estão diretamente ligadas a um contexto maior de mudanças ocorridas no decorrer da modernidade, que mesclam aspectos da arte, política e comunicação. Utilizado pela primeira vez em meados dos anos 90 do século XX, o termo indica perspectivas de pensamento e ação baseados no desenvolvimento que as tecnologias de comunicação tomaram quando integraram-se massivamente na sociedade, operando reformulações em diversos aspectos das culturas e políticas.

O termo serve para traçar um escopo de ações relacionadas às maneiras de subverter, boicotar, desviar e resistir às inúmeras mensagens e instituições midiáticas vinculadas à reprodução do poder e da dominação da mediação controlada pelo capital. Diretamente relacionado à função da informação⁷⁶ e seu papel na cultura e na política do século XX, agrega expressões culturais como identidades, representações e *práxis* no sentido de operações táticas realizadas por meio de mecanismos técnicos que permitem irrupções através de fendas e brechas dentro da construção do sistema estratégico de controle de subjetividade.

Formulado na Europa, dentro de um ciclo de debates que envolvia principalmente artistas, teóricos das comunicações, hackers, ativistas políticos e cientistas sociais, o termo apresenta uma mescla de referências entre movimentos sociais e artísticos do século XX e experiências de "usos da

⁷⁶ definido como em Gregory Bateson, como “a diferença que faz diferença”, refere-se a uma unidade elementar, que de acordo com sua posição num sistema altera, soma ou diminui sua significância ou confere à um estado uma maior organização ou desorganização semântica ou energética. Usado na TI, indica as menores partes constituintes da mensagem transmitida por determinado meio. - Bateson, Gregory - *Mente e Natureza*, Ed. Francisco Alves, 1986, Rio de Janeiro

cultura"⁷⁷ - maneiras de apropriação dos objetos técnicos e sua realização por determinadas *práxis*.

Mídia Tática⁷⁸ é uma ampliação da idéia de "televisão tática", tema central de uma conferência/festival realizada em Amsterdã em 1993, denominada "Next Five Minutes" (N5M). Esta conferência tinha como objetivo expor e debater vídeos independentes e produções audiovisuais de cunho político realizados durante a segunda metade do século XX. Incentivado pela abertura política dos países do Leste europeu, o festival viabilizou uma troca de experiências dos interessados nas novas condições técnicas e políticas para realização de movimentos de oposição focados nas artes e comunicações.

A idéia de táticas de mídia é uma das perspectivas que se posicionam frente ao estado geral das políticas de comunicação, conjugando a herança de movimentos chamados de "contra-culturais" com a emergência de fenômenos tecnológicos de informação. Propõe novos usos e perspectivas de ação em relação à entrada das novas tecnologias na sociedade e a apropriação que as culturas podem realizar por meio de sua manipulação. Indica, desta maneira, um campo de batalha que se forma numa determinada esfera avançada da sociedade e que reflete maneiras de compreender certas conexões e contradições advindas da aceleração da técnica e da diminuição das forças das fronteiras culturais do capitalismo avançado.

Iniciaremos esta parte contextualizando o ambiente e os debates que geraram a formulação de uma concepção tática das novas mídias, indicando os momentos e perspectivas emergidas *nos* e *por* estes debates, para em seguida construir uma noção mais ampla de onde se inserem estas formulações no contexto de novas formas de estruturação de movimentos sociais e do pensamento crítico em relação ao conflito entre técnica, política e cultura.

⁷⁷ Certeau, Michel de, *A invenção do Cotidiano*, op. cit.

⁷⁸ o primeiro uso do termo foi como um adjetivo para um trabalho de 1994, chamado Makrolab de autoria de Marko Peljhan, artista esloveno. ver: <http://makrolab.ljudmila.org/>

2.1 - TACTICAL MEDIA

No início do texto "Tactical Media and the Digital Multitudes", Geert Lovink e Florian Schneider, dois dos principais teóricos das novas mídias, escrevem: "O termo MT despontou em consequência da queda do muro de Berlim como uma renascença do ativismo nas mídias, misturando um trabalho político da 'velha guarda' e o engajamento de artistas com novas tecnologias"⁷⁹. O *locus* do pensamento sobre a MT é portanto especificamente o contexto pós 89, vivido por uma geração europeia que, desprendida e desfilhada da ordem política tradicional, procurou realizar uma crítica que superasse aquela dos antigos padrões em erosão, sensivelmente presentes no debate continental da época. Nas palavras de Virilio, "um mundo que implodia diante das objetivas das câmeras ocidentais, sob a opacidade da cortina de ferro ou do Muro de Berlim", voltava o olhar para a "urgência das técnicas de tempo real, que de agora em diante infiltra todo o conjunto de comunicação de massa"⁸⁰.

Representando a "era dourada da MT"⁸¹, a segunda metade da década de noventa indicava a criação de "um novo sentido de auto consciência entre ativistas, programadores, teóricos, curadores e artistas"⁸², unificando esferas sociais motivadas politicamente em sua penetração na cultura popular através da liberdade oferecida pelos novos meios de comunicação desregulamentados e com livre fluxo de informação. Em suma, traça-se uma perspectiva da liberdade de expressão digital como confluência das técnicas em prol de objetivos políticos.

Influenciada pelas lutas individuais e coletivas dos "novos movimentos sociais", a idéia de MT "começou no reconhecimento da incrível variedade de conquistas no campo da arte, comunicação civil

79 Lovink, Geert & Schneider, Florian, "A Virtual World is Possible: From Tactical Media to Digital Multitudes", *Next Five Minutes 4 Reader*, 2004. Este é o caderno de publicações que contém os textos debatidos no 4o. Festival Internacional de Mídia Tática, realizado entre 11 e 14 de setembro de 2003, em Amsterdam.

80 Virilio, Paul, *A arte do motor*, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

81 Lovink, Geert & Schneider, Florian, "A Virtual World is Possible: From Tactical Media to Digital Multitudes", op. cit.

82 ibidem

e dissidência eletrônica que se inicia com a exploração em massa das ferramentas de mídia"⁸³. Os anos 90 observaram o reavivamento de várias lutas em torno dos processos culturais que demonstram principalmente um deslocamento da agenda política tradicional e novas formas de compreender os conflitos da sociedade pós 1989. Os debates que levaram à adoção do termo MT são fruto deste momento. Como operação nos meios de comunicação, ela lida com uma ordem simbólica que encontra importância nas perspectivas políticas que se utilizam de "efêmeros, imediatos, específicos e desterritorializados processos de produção cultural que pareciam tão urgentes para muitos assuntos radicais no começo dos anos 90"⁸⁴.

Dois pontos se alteram na percepção da MT como forma de ação. Um refere-se às plataformas utilizadas: "fazem com que a criação de espaços, canais e plataformas para estas inversões seja fundamental para sua prática"⁸⁵. Significa que táticas de mídia interferem não somente no uso de produtos criados a partir do sistema midiático, mas volta sua produção para a abertura de canais independentes e estruturas autônomas de comunicação e de sociabilidade⁸⁶.

O segundo ponto refere-se à maneira de utilizar a produção construída, tendo em vista a possibilidade do desvio, plágio, recombinação e metalinguagens que formam um contexto de "uso" do aparato distribuído: "Uma estética existencial. Uma estética da apropriação, do engano, da leitura, da fala, do passeio, da compra, do desejo. Truques engenhosos, a astúcia do caçador, manobras, situações polimórficas, descobertas prazerosas, tão poéticas quanto guerreiras"⁸⁷. Neste sentido, a MT pretende

83 Garcia, David, "What is tactical media", ver David Garcia em http://www.nyu.edu/fas/projects/vcb/definingTM_list.html

84 Critical Art Ensemble, "Framing Tactical Media", *Next Five Minutes 4 Reader*, 2004. Também disponível em : http://subsol.c3.hu/subsol_2/contributors3/caetext.html

85 Garcia, David & Lovink, Geert, "O ABC da Mídia Tática", disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=131&secao=intervencao>

86 Exemplos dessas estruturas vão desde laboratórios de mídia tática, onde se desenvolvem experiências com tecnologias de comunicação, rádios e televisões livres, estruturas de redes (como servidores de internet autônomos) até ocupações, realizadas na linha dos *squatters*, que criam espaços de convivência para debates e eventos presenciais.

87 Garcia, David & Lovink, Geert, "O ABC da Mídia Tática", disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=131&secao=intervencao>

apontar a fragilidade e inconsistência da produção cultural industrial, elevar a mentira ao ponto de se tornar ridícula ou indicar a verdade escamoteada no silêncio e fazer surgirem as contradições nos níveis dos signos, linguagens e subjetividades que se encontram por detrás da mediação controlada do aparato⁸⁸.

Desta maneira, as táticas de mídia se assumem como plataforma e como produtos. *Plataformas* para o suporte de ações, campanhas, intervenções, manifestações, criação de redes de afinidades e *produtos* construídos a partir da abertura de possibilidades tecnológicas que permitem subversões das informações institucionalizadas e propiciam experimentações estéticas com conteúdo voltado à contestação.

Passível de ser realizada nesta dupla funcionalidade, a concepção tática da mídia se debate sobre um dilema que se encontra na gênese da sua criação. O manifesto "ABC da MT", referindo-se a obra de Certeau, afirma que "O conhecimento dessa dicotomia tática/estratégica nos ajudou a nomear uma classe de produtores que parecem singularmente conscientes do valor destas inversões temporárias no fluxo do poder"⁸⁹. Enquanto a mídia oficial, comercial, corporativa e hegemônica cumpre um papel estratégico, à tática confere-se uma outra lógica, fugidia, híbrida, volátil, nômade e móvel, que a diferencia dos esquemas montados segundo uma ordem mercadológica, vinculada às conquistas permanentes e relativas a um exercício de poder.

Como complemento, mediação e peça de um contexto maior de crítica social, os meios táticos se vêem forçados a integrar seus modos de ação com estratégias políticas maiores: "Transformar a ordem simbólica não é suficiente para mudar completamente uma cultura – a ordem material há que ser reconstruída também – mas deslocamentos no domínio simbólico são contribuições necessárias para

⁸⁸ veremos adiante exemplos de ações táticas que ilustram essas características.

⁸⁹ Essas inversões referem-se a alterações nos métodos de realização de objetivos e mudanças nas maneiras de perceber os movimentos adversários.

uma agenda de mudança em toda parte. MT funciona da mesma maneira. É somente uma parte do sistema de resistência; não o sistema como todo”⁹⁰. Na tentativa de livrar-se da dicotomia, sem dela desvinciliar-se por completo, a tática "constrói as ferramentas e os estrategistas ativam-nas em escala massiva"⁹¹.

Estas estratégias referem-se a campanhas e movimentos políticos que de alguma forma contêm *afinidades eletivas* com uma concepção tática da mídia, embora se diferenciem delas enquanto método. Em uma crítica à idéia de separar as duas esferas (táticas e estratégias), o filósofo Hakim Bey defende um "equilíbrio entre os gestos de recusa", possibilitando que os elementos táticos apareçam como um sentido para construção de uma estratégia orgânica que retire o papel do Capital como seu próprio meio: "Nossa questão essencial então, concerne a possibilidade do reaparecimento do não-visto como oposição. Finalmente pareceria que a recusa tática de toda sistematização estratégica poderia ser inadequada para realizar este desejo de reaparecimento. (...) um substituto “orgânico” para a estratégia/ideologia surge de um imaginário compartilhado baseado em perspectivas tradicionais, ainda que radicais. É desta maneira que a mídia tática pode ser vista como um aspecto de uma oposição efetiva possível para se auto-modificar para a ideologia pós ideológica do capital, uma oposição que não pode ser englobada, e por conseguinte pode contemplar a possibilidade de vitória”⁹².

Os movimentos altermundistas-globais das últimas três décadas, erroneamente chamados de "anti-globalização"⁹³, são os mais próximos e mais genealogicamente ligados às teorias da mídia tática,

90 Critical Art Ensemble, “Framing Tactical Media”, op. cit.

91 ibidem

92 Bey, Hakim, “The Obelisk 2/2”, nettime mailing list, disponível em - <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9712/msg00001.html>

93 "the vast majority of groups that participate in these protests draw on international networks of support, and they generally call for forms of globalization that enhance democratic representation, human rights, and egalitarianism." - Podobnik, Bruce, Resistance to Globalization: Cycles and Evolutions in the Globalization Protest Movement & “Opposition to neoliberalism does not necessarily entail opposition to globalization. The term “antiglobalization” has been routinely rejected by prominent participants in the struggle as a media-imposed description of a more complex reality” - “Antiglobalization” Protests and the Future of Democracy, Mark A. Laffey and Jutta Weldes, Kent State University press

mesmo que em sua agenda contenham objetivos estratégicos. Examinaremos mais a frente alguns destes pontos, sendo, por hora, a noção de que existe no contexto da mídia tática uma abertura para uma conjunção a objetivos estratégicos, e que isso leva a uma contradição no que diz respeito a sua lógica discursiva (a tática como não permanência, devir, passado e futuro), o bastante para compreender a introdução dessa problemática.

O início do "ABC da Mídia Tática" nos diz que elas "são o que acontece quando mídias baratas tipo 'faça você mesmo', tornadas possíveis pela revolução na eletrônica de consumo e formas expandidas de distribuição (do cabo de acesso público à internet), são utilizadas por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos ou excluídos da cultura geral. As mídias táticas não só reportam fatos, mas também nunca são imparciais: elas sempre participam e é isso o que mais que qualquer coisa as separa das mídias dominantes"⁹⁴. A proposição acima oferece duas dimensões: a de que houve uma revolução à mercê dos agentes que dela usufruem e de que é possível ser parcial e político ao utilizar-se da situação criada por essa revolução.

Michael Harrington denomina de "revolução acidental" uma "transformação tecnológica radical e sem precedentes (...) levada a efeito de forma casual", que desencadeia uma decadência pela "banalidade do progresso material" contemporâneo e que faz "vacilar a imaginação de qualquer visionário do século XIX"⁹⁵. Seu argumento é de que essa revolução surgiu "sem revolucionários conscientes". Apesar da extensão dos limites da evolução da técnica para além das práticas capitalistas tradicionais, os atores que se situam no cerne desta revolução não são os "proletários emancipados de Marx, ou sensíveis escravizadores de Nietzsche", mas sim os sujeitos inseridos na *cultura ordinária* de Certeau, "adolescentes, homens de organização (businessman), donas de casa suburbanas"⁹⁶. Sendo a

94 Garcia, David & Lovink Geert, "O ABC da Mídia Tática", op. cit.

95 Harrington, Michael, *A revolução tecnológica e a decadência contemporânea*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

96 ibidem

causa desta revolução accidental o uso das máquinas pelos homens e isto, por sua vez, subterfúgio para a dominação entre eles ("a revolução accidental é humana, não inanimada"), a vida contemporânea baseada nessa revolução ("uma nova disposição da vida humana") é fruto de um complexo de relações entre o desenvolvimento da técnica e sua aplicação real e fenômenos culturais.

Se, como define o coletivo Critical Art Ensemble, o termo *tactical media* "refere-se ao uso e teorização crítica das práticas de mídia que se desenham em todas as formas de meios, antigos e novos, lúdicos e sofisticados"⁹⁷, seria correto admitir que a MT é uma tentativa, por meio dos usos do aparato construído pela "revolução accidental", de reversão dos fluxos dominantes constituintes do poder exercido pela consequência tecnocrática daquele conjunto de mudanças operadas "de maneira casual". Com isso, as táticas de mídia aparecem como uma forma de resistência, um *locus* de oposição à determinada situação: "Mídias táticas são mídias de crise, crítica e oposição. (...) estão baseadas num princípio de resposta flexível, de trabalho com diferentes coligações, sendo capaz de se mover entre as diferentes entidades na vasta paisagem midiática"⁹⁸. A função das táticas na mídia seria, portanto, amplificar os momentos de crise, ampliar os motivos da resistência e penetrar nas brechas abertas por um sistema maior de controle e mediação.

É visível um paradoxo que se realiza na concepção das táticas de mídia enquanto fruto e consequência daquela "revolução accidental": não a fizeram eclodir, nem precipitaram sua realização, mas a utilizam como sustentação para sua existência ao mesmo tempo em que se colocam em oposição à forma e ao conteúdo emergido por ela de maneira a buscar, "por qualquer *mídia* necessária"⁹⁹, formas

97 Critical Art Ensemble, *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*, New York, Autonomedia, 2002

98 Garcia, David & Lovink Geert, "O ABC da Mídia Tática", op. cit.

99 A frase é uma recombinação, um desvio, de uma sentença usada pela primeira vez por Jean Paul Sartre em sua peça *Les Mains Sales* (As mãos sujas), quando, na terceira cena do quinto ato, o personagem fala: "não é se recusando a mentir que aboliremos a mentira: mas sim é eliminando as classes *por qualquer meio necessário*" A mesma frase ficou famosa pela boca de Malcom X, quando em um discurso de 1965 ele diz ser necessário levar independência e liberdade aos afro-americanos *por qualquer meio necessário*. Critical Art Ensemble, *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*, op. cit.

de reverte-la em ações e críticas que pretendem transformar o status criado pela revolução.

A revolução acidental cria uma simbiose entre técnica e cultura que as empurra para uma integração ou, ao menos, para um suporte mútuo. A *alocalidade* e a *transtemporalidade* são fenômenos tanto de uma como de outra, parte de um processo de mudança que indica maneiras diferentes de cultivar o lugar e o tempo. Uma das mais sensíveis mudanças ocorridas em decorrência desse processo é a transformação das percepções espaço-temporais, uma "aceleração do tempo (...) que faz a proeza relativista de comprimir o 'espaço real' do globo, pelo artifício da compressão temporal das informações e das imagens do mundo"¹⁰⁰. Uma aceleração da realidade que cria um "Tempo Superficial que resulta da impressão dromológica da ação à distância"¹⁰¹. Esta característica "dromológica" da contemporaneidade funciona para a MT como método de ação, maneiras de aparecer e desaparecer sem deixar rastro ou sintomas de permanência.

A constatação de que "o poder livrou-se tanto quanto possível de seus acessórios sedentários, de forma que o lugar onde se encontra importa menos do que a velocidade de seu movimento entre pontos temporários"¹⁰² é um diagnóstico que leva às ações táticas uma necessidade paradoxal de acompanhar os movimentos do poder que deseja destronar. A ruptura a que se propõe passa por uma participação nos movimentos deste poder e suas alternativas de ação dependem em grande parte de alocar-se junto a essas atividades. Se o exercício do poder atual, como uma "zona ambígua, sem fronteiras"¹⁰³, em que os sinais "fluem em transição entre dinâmica nômade e estruturas sedentárias"¹⁰⁴, não tem características fechadas, herméticas ou sólidas, ou de outra maneira, se os mecanismos de dominação sócio-culturais têm caráter dissonante, instáveis e voláteis, os movimentos táticos são levados a não só se utilizarem de seus recursos e técnicas, como também criarem um manto igualmente escorregadio,

100 Virilio, Paul, *A Bomba Informática*, São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

101 *ibidem*

102 Critical Art Ensemble, *Distúrbio Eletrônico*, São Paulo, Conrad Editora, 2001.

103 *ibidem*

104 Critical Art Ensemble, *Distúrbio Eletrônico*, op. cit.

não identificável e fugidio. Se considerarmos a sociedade de controle de Deleuze, como forma imperante de dominação atual e que significa, segundo ele, "um sistema de geometria variável cuja linguagem é numérica (...), como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro"¹⁰⁵, a perspectiva tática nos indica que um conflito configurado neste tipo de campo teria que se deslocar mais ou menos dentro destes mesmos parâmetros, seja para conhecer o ambiente em que se situa, seja para uma busca de suas contradições a fim de suplanta-las: "Dada esta situação, um dos objetivos chave para o trabalhador cultural da resistência é perturbar a solidificação da nova ideologia antes que ela se torne uma ordem simbólica de uma tirania ainda maior do que a existente"¹⁰⁶.

A percepção de que os meios de comunicação são passíveis de usos diferenciados e que podem se agregar a políticas de oposição é uma idéia que emerge nas lutas culturais da segunda metade do século XX, logo após a percepção de que a evolução tecnológica criara uma cultura do consumo em torno do aparato de produção, distribuição e armazenamento de conteúdos imateriais. A crítica baseada na "espetacularização" da sociedade é um dos pontos de partida dessa movimentação. Um dos primeiros fenômenos deste período, as Rádios Livres surgem, conforme Felix Guattari, "nos anos 70, como reação a uma certa utopia abstrata dos anos 60 (...) no contexto das lutas de emancipação materiais e subjetivas"¹⁰⁷. A elas seguiram-se ativismos em vídeo, criação de cinematógrafos alternativos, produções gráficas independentes, dentre outras manifestações que examinaremos em seguida.

Algumas classificações foram introduzidas para nomear os tipos de movimentos influenciados pela idéia de que é possível estabelecer outros usos e novas representações e subjetividades a partir da

¹⁰⁵ Deleuze, Gilles, *Conversações: 1972-1990*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

¹⁰⁶ Critical Art Ensemble, *Distúrbio Eletrônico*, op. cit.

¹⁰⁷ Machado, A., Magri C., Masagão, M., *Rádios Livres, reforma agrária no ar*, São Paulo, Brasiliense, 1987.

manipulação das mediações culturais, sejam elas técnicas ou meramente expressivas. John Downing nos sugere "Mídia Radical" para designar "uma vasta gama de atividades, desde o teatro de rua e os murais até a dança e a música, e não apenas os usos radicais das tecnologias de rádio, vídeo, imprensa e internet"¹⁰⁸. Tendo como matriz a cultura popular, suas expressões podem ser conservadoras ou progressistas e conotar uma herança de práxis culturais de representações variadas, exprimidas através de diferenciações no âmbito da ação das mídias corporativas e tradicionais. Ele aponta que o universo da Mídia Radical é antigo e tem sua base na derivação "da expressão cultural radical diante de estruturas de poder repressoras, que vão desde a escravidão no Novo Mundo até o stalinismo e as ditaduras militares, incluindo as culturas machistas"¹⁰⁹.

A "Mídia Independente" se situa num campo nebuloso, entre uma nomenclatura genérica que designa ações e estruturas apartadas dos esquemas gerais da comunicação (lucro, prozelitismos, vínculo com o poder) que atuam sem suportes do poder, e por outro lado, uma organização que, desde as manifestações de Seattle em 1999¹¹⁰, organiza-se em rede pela internet e através de ações diretas. Mantém um site de publicação aberta de caráter contra-informativo, difundindo descentralizadamente notícias, acontecimentos e opiniões que não são veiculadas nos órgãos oficiais. A este coletivo internacional se deu o nome de *Indymedia Network* (Centro de Mídia Independente)¹¹¹.

"Mídia Alternativa" poderia ser um substituto da primeira designação que concedemos à Mídia Independente, com o agravante de que muitas "mídias alternativas" mantêm-se suportadas por patrocínios corporativos e não propõem grandes alterações políticas nem elaborações do pensamento

108 Downing, John, *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*, São Paulo, SENAC, 2002.

109 Downing, John, *Mídia Radical*, op. cit.

110 Movimento de manifestantes na reunião da OMC que deu início à uma rede e protestos globais durante a primeira década do século XXI – ver: <http://www.globalissues.org/TradeRelated/Seattle.asp> & http://en.wikipedia.org/wiki/WTO_Ministerial_Conference_of_1999_protest_activity

111 Embora de extrema importância para o ambiente de mídias de oposição, é inviável alongar-se sobre o CMI, já que outros trabalhos o fizeram melhor ficando aqui somente um destaque da importância deste coletivo no ambiente das práticas radicais de mídia. O endereço do site do CMI Brasil é <http://prod.midiaindependente.org/pt/red/>

em termos de definição. Diversos projetos e estruturas públicas e privadas utilizam-se dos termos “alternativo” e “independente”. Estes, devido à falta de conceitualização, ficam a cargo de designar a vontade de seu enunciador. Sobre as mais recentes ramificações da idéia de utilização das mídias como oposição política trataremos no último capítulo, quando a discussão apontará problemáticas nos usos indefinidos de propostas de ação voltados para os sistemas de comunicação.

A Mídia Tática por sua vez, oferece um *locus* e uma discussão que permitem-na ser debatida dentro de um escopo mais ou menos definido, embora esta própria tentativa de definição encontre oposição dentro de seus ciclos. Característica das análises táticas em geral, ela representa um momento inesperado, imprevisível, no qual o modelo do *hit-and-run*¹¹² é uma das razões e maneiras de fazê-la permanecer desconhecida, aparecendo e desaparecendo sem deixar pistas. Algumas proposições dão à MT a propriedade de "fazer o invisível visível"¹¹³. Para seus praticantes, a nomeação, no sentido de fecha-la em categorias e normatizações, leva a tática a um patamar de *establishment* que contradiz sua intenção de mobilidade em fluxos temporários: "A nomeação seria o primeiro passo em fazer aquilo que a MT mais teme - reivindicar um território cultural fadado a historicisar uma casa mal assombrada (...), antes de ser refinada em uma unidade pura de consumo, a MT é correntemente um ambiente desgovernado de singularidade e fins"¹¹⁴. Ou, por um outro lado, seguindo um raciocínio crítico, poderíamos afirmar que a MT "é particularmente enamorada de todas as coisas digitais ou de 'novas mídias', desde seu início (...), uma idéia altamente atrativa que ninguém parece muito hábil - ou será, capaz? de definir"¹¹⁵.

A MT é uma tentativa de ilustrar uma "prática cultural que existe historicamente e que se nega a

112 A tradução literal é “bater e correr”, mas representa uma tática como método de agir e fugir ou aparecer e desaparecer.

113 Media Filter, “Tactical Media”, disponível em <http://mediafilter.org/>

114 Critical Art Ensemble, “Framing Tactical Media”, op. cit.

115 Rosenfeld, Kathryn, “Tacitly Tactical”, *In these times*, 2004, disponível em http://www.inthesetimes.com/article/753/tacitly_tactical/

ser nomeada ou integralmente categorizada"¹¹⁶. Pertence a este campo de ação uma classe que não se configura nem como artística nem como política no sentido tradicional, mas sim como atores híbridos que "apenas desejam fluir através do campo de *nomos* em desafio à eficiência e à necessidade"¹¹⁷. Assim, embora a MT ofereça referências a um recorte analítico, nega-se a ser enquadrada em normatismos e conceitualizações que ofereceriam um risco de, catalogada e conhecida, fixar-se em regras que a impossibilitariam de atacar sem serem notadas ou fluir nos ambientes do aparato sem serem cooptadas. Com isso, restaria à Mídia Tática alcançar subterfúgios que a distancie da anúncio, ordenação, classificação e catalogação. Veremos alguns destes subterfúgios mais a frente.

Em um cenário de guerra¹¹⁸, assumindo a postura da tática em relação a um inimigo (as estratégias da mídia) e levando em consideração que aquelas são efêmeras, surpreendentes e inesperadas, permitir um enquadramento seria como conceder um rótulo fixo a essas movimentações. A analogia correta, neste sentido, seria a de que a MT representa um tipo de "guerrilha midiática", ou ainda, por seu *modos operandi*, congregando relações, organizações e estéticas, denomina-la de um tipo de "guerrilha cultural", sendo que a característica principal e razão de sua operação é a mobilidade, os ataques às brechas, a aparição e o desaparecimento e o foco em um espaço determinado.

Deste ponto de vista, examinaremos algumas características do ambiente das táticas de mídia, utilizando uma noção de que são um conjunto de aspectos que vieram à tona a partir de mudanças nas culturas políticas, em um envolvimento com técnicas e tecnologias de consumo voltadas para a informação. Ao invés de uma tentativa de conceitualização, no capítulo 3, levantaremos pontos que se inserem na discussão sobre MT e propiciam debates em torno de uma modificação do campo de lutas políticas e maneiras de organização cultural no século XXI.

¹¹⁶ Critical Art Ensemble, *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*, op. cit.

¹¹⁷ ibidem

¹¹⁸ Sobre a MT enquanto a analogia com a formulação da tática militar, Hakim Bey define: "where they can damage the totality without being absorbed into its "spectacle of dissidence" and permitted rebelliousness". Bey, Hakim, "The Obelisk 2/2", op. cit.

2.2 - OS PRÓXIMOS CINCO MINUTOS

A internet consiste em um conjunto de *backbones*¹¹⁹ que interligam redes de computadores. Um computador conectado à outro, fazendo com que seja possível a transferência de informação entre eles, define uma rede. A comunicação entre diferentes redes necessita de um sistema de transferência de alta velocidade e capacidade de manuseio de dados que facilita as rotas e transações entre servidores, provedores de acesso e computadores conectados. A este sistema conglomerado de redes da-se o nome de *backbone*, sendo a ARPANET¹²⁰ a primeira a cumprir este papel na história. Em 1989, com a criação da NFSNet¹²¹, a ARPANET deixa de existir e o departamento de defesa dos EUA, até aquele momento responsável por este sistema, migra inteiramente para uma outra rede chamada MILNET, deixando o papel de *backbone* central para a Fundação Nacional de Ciência (NFS), que conecta os principais centros de pesquisa e de computação dos EUA.

O grande salto da internet dá-se nos anos noventa. No ano de 1995, os *bytes* trafegados pela internet passavam de 10 trilhões por mês. A NFSNET deixa de ser o único *backbone* provedor, redistribuindo seus recursos e permitindo a criação de redes comerciais interligadas, tornando possível

¹¹⁹ Em português "espinha dorsal", refere-se a um conjunto de infra-estruturas de telecomunicações responsável pela conexão entre as redes informáticas.

¹²⁰ O *Advanced Research Projects Agency Network* do departamento de defesa dos EUA foi o primeiro sistema de troca de pacotes de dados a operar. Fundou as bases das redes de comunicação que deram origem a atual internet.

¹²¹ Iniciado em 1985, o NFSNET era um projeto da Nacional Science Foudation dos EUA, responsável por criar as conexões entre as redes pré existentes dos EUA, principalmente entre centros de computação em universidades. De 1989 a 1995, aumentou significativamente a capacidade das conexões, e após um processo de desregulamentação, sua arquitetura foi substituída pela atual, no qual diversos provedores comerciais fazem o papel de backbone, interconectando as redes.

a existência de motores de busca e pesquisas integradas além das fronteiras militares e acadêmicas. Os dados trafegados por *www*¹²² passam os por *FTP*¹²³ em transações via rede. A linguagem de programação *JAVA*¹²⁴ e a tecnologia de *streaming*¹²⁵ são lançadas e o registro de nomes de domínio na rede já não pode ser mais feito de graça. O que era meramente transferências de arquivos e visualizações de páginas estáticas, com taxas de transferências insuficientes devido ao crescimento do número de usuários, passou a ser uma "rede de redes" dinâmica, de trocas de linguagens, signos e representações. Tanto cultura como pensamento crítico tiveram que desviar suas atenções ou ao menos passar a considerar o avanço das comunicações via informática como uma nova etapa da estruturação social.

Desde meados dos anos 80 a principal discussão crítica que se travava em torno do desenvolvimento da internet era basicamente focada em duas posições. A primeira era a de que seu desenvolvimento estava baseado numa expansão do domínio estadunidense em relação ao seu poder cultural e econômico. A internet seria uma forma de se implementar uma via única de domínio global relativo às manifestações culturais e imposições tecnológicas. Devido ao fato do embrião da rede mundial estar centrado nos centros militares e de inteligência norte americanos e das plataformas e arquiteturas serem construídas a partir dos interesses estatais, criou-se uma visão na qual a forma da internet seria uma extensão da cultura e do domínio norte americano.

Uma segunda perspectiva, denominada de "cyber-libertarian ideology"¹²⁶, alia a perspectiva

¹²² O projeto *world wide web* é um sistema baseado em protocolos e hipertextos que permite, via servidores, uma transação simplificada de arquivos pela internet. Possibilitando o acesso a documentos virtuais, o *www* foi responsável pelo aumento significativo de tráfego, facilidade nas visualizações e pela criação dos softwares navegadores (browsers).

¹²³ *File Transfer Protocol* é um protocolo que permite a transferência de arquivos entre dois computadores conectados diretamente.

¹²⁴ Linguagem orientada a objetos que, a partir de uma máquina virtual instalada no computador, possibilita que se execute aplicativos que desenharam objetos animados e vídeos e gráficos em 3 dimensões.

¹²⁵ Tecnologia que permite a troca de arquivos de áudio e vídeo via acesso a uma URL provedora, sem necessidade de se fazer o *download* por completo do conteúdo para acessá-lo (real time).

¹²⁶ A tradução fiel seria 'ideologia ciber-liberal' já que a palavra *libertarian* vem de *liberty*, significando liberdade, permissão, isenção ou imunidade. Não se relaciona com o termo libertário, relativo a características políticas

tecnológica iniciada pelo pensador canadense Marshall McLuhan¹²⁷ com um princípio na "crença que o Estado é o maior inimigo da internet e somente as forças do mercado podem criar um sistema de comunicação descentralizado, acessível para todos"¹²⁸. Desenvolve-se uma tendência aliada com o momento neoliberal das sociedades capitalistas que indicava a necessidade de que se deveria desregulamentar a internet e entregá-la ao mercado, fazendo-a se auto regular, flexibilizar-se e dar à lógica econômica liberalizante o sentido da evolução que tomaria a partir dali; uma perspectiva pela qual a livre expansão da rede propiciaria gradualmente a diminuição das diferenças sociais, culturais e tecnológicas¹²⁹.

Descrevendo a maneira como uma interpretação da tecnologia foi capaz de dar subsídios para uma forma de renovação da lógica econômica e cultural relativa ao desenvolvimento da internet, Richard Barbrook defende que "Do começo dos anos oitenta em diante, essa interpretação liberal do McLuhanismo foi também promovida como justificativa teórica para a desregulação e privatização da economia global. Já que a América era o protótipo da sociedade da informação, o resto do mundo teria que seguir seu exemplo"¹³⁰. A internet emerge, portanto, com uma dupla característica, a de viabilização de um novo modelo de negócios e como realização de uma profecia indicativa da aldeia global congregada, onde se misturam elementos do consenso econômico pós guerra fria e do consenso

anarquistas.

¹²⁷ Controvertido pensador canadense, McLuhan é o responsável por conceitualizar a "aldeia global". Segundo ele, diferentemente dos meios lineares como as escritas, os meios "quentes" eletrônicos e informáticos, seriam responsáveis por "um aprimoramento da capacidade de produzir, acumular e de, principalmente, partilhar informações, especialmente após a entrada das mídias eletrônicas em cena, promovendo uma perturbação nas referências espaço-temporais, subjetivas e culturais." - A Teia Global: MacLuham e Hipermídias - Vinícius Andrade Pereira - "Today, after more than a century of electric technology, we have extended our central nervous system itself in a global embrace, abolishing both space and time as far as our planet is concerned." - Marshall McLuhan, *Understanding Media*, 1964.

¹²⁸ Lovink, Geert, *Dynamics of Critical Internet Culture (1994-2001)*, PhD thesis, English Department, The University of Melbourne, 2002.

¹²⁹ Ver Borsook, Paulina, *Cyberselfish: A Critical Romp Through the Terribly Libertarian World of High-Tech*, London, Little, Brown and Company, 2000; Thomas, Frank, *One Market Under God: Extreme Capitalism, MarketPopulism and the End of Economic Democracy*, New York, Doubleday, 2000.

¹³⁰ Barbrook, Richard, *Imaginary Futures - from thinking machines to the intergalactic network*, Londres, Pluto Press, 2005.

tecnológico de uma rede interligada sem fronteiras¹³¹.

Essa perspectiva se tornou não só o motor da lógica de desenvolvimento da internet como também abriu fronteiras para outros debates e turbulências no que se refere ao controle, regulações e possibilidades do uso da rede. Um documento exemplar deste período, escrito por John Perry Barlow e postado na internet com o título de "Declaração de Independência do Ciberespaço" indica a justificativa da conjunção do liberalismo político travestido de ideologia progressista: "Governos do Mundo Industrial, vocês gigantes aborrecidos de carne e aço, eu venho do espaço cibernético, o novo lar da Mente (...) Vocês não conhecem nossa cultura, nossos códigos éticos ou falados que já proveram nossa sociedade com mais ordem do que se fosse obtido por meio de qualquer das suas imposições.(...) Nosso é um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar (...) Estamos formando nosso próprio Contrato Social. Essa maneira de governar surgirá de acordo com as condições do nosso mundo, não do seu. Nosso mundo é diferente"¹³².

Em oposição a essa perspectiva predominante dos debates acerca das possibilidades e funções da internet, um grupo de artistas e teóricos passa a desenvolver uma "Cultura Crítica da Internet", também denominada "Net Criticism", que "pode ser posicionada na encruzilhada entre as artes visuais, movimentos sociais, cultura pop, e pesquisas acadêmicas. Sua intenção interdisciplinar é tanto interferir quanto contribuir para o desenvolvimento das novas mídias"¹³³.

Os motivos desta reflexão originam-se na crença de que "o acesso universal às redes nem foi realizado, e já aterrisamos na era do desapontamento"¹³⁴. Este desapontamento tem a ver com uma suposta ausência de perspectiva crítica em relação à estrutura da internet e também com um foco, não

131 A discussão sobre o contexto da Internet nestes anos é muito bem desenvolvida nas obras de Lovink, Geert, *Dynamics of Critical Internet Culture (1994-2001)*, op. cit; e de Barbrook, Richard & Cameron, Andy, "The Californian Ideology", *Science as Culture*, n. 26, v. 6 part 1, 1996, pp. 44-72, disponível em <http://ma.hrc.wmin.ac.uk/ma.the.ory.4.2.db>

132 Barlow, John Perry, *Declaração de Independência do Ciberespaço*, Davos, fevereiro de 1996, disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=134&secao=espaco>

133 Lovink, Geert, *Dynamics of Critical Internet Culture (1994-2001)*, op. cit.

134 Lovink, Geert & Schultz, Pit, "Net Criticism", conferir em <http://www.fundacion.telefonica.com/at/lovink.html>

levantado até ali, referente à dinâmica em torno de um ambiente que é mutante e modelado a partir de seus usuários; sujeitos e atores das mudanças em torno do ambiente da rede.

Sendo uma das referências diretas na criação de uma perspectiva tática das mídias, a chamada "Net-Criticism" emerge desta crítica àquela combinação entre política e mercado que deram o tom dos debates no início da exploração da internet desregulamentada. A construção desta crítica teria como função "observar a maneira com que os desenvolvedores e as primeiras comunidades de usuários tentaram conquistar e então modelar o rápido crescimento e mutação do ambiente da internet, apoiando alguns dos valores libertários (anti-censura), enquanto criticando outros (populismo do mercado neoliberal)"¹³⁵. Sendo "um campo fragmentado onde se desenvolve ferramentas táticas para 'desregular' a centralização da produção de subjetividade em tempos de um info-capitalismo delirante", e ainda, "uma cultura em rede de descontentamento e disfunção, uma tradição de pirataria e plágio e várias táticas de desaceleração"¹³⁶, este grupo passou a se organizar e "se manifestar tanto em universos virtuais como websites, listas de email e salas de bate papo, quanto em festivais, projeções e debates abertos e (...) ir além da postura opositora criando uma infraestrutura inteiramente independente"¹³⁷. Aliando crítica e ação, a criação deste ambiente propiciou que diversos movimentos insatisfeitos com as perspectivas sobre a cultura tecnológica e possibilidades de intervenção se juntassem e elaborassem uma agenda de debates e ações que tomariam escopo em festivais e em ferramentas de comunicação na internet.

Concomitantemente ao desenvolvimento da "net-criticism", as ferramentas criadas para navegação e visualização de páginas na internet possibilitaram novos experimentos artísticos no ambiente eletrônico e em rede. Era também o momento da criação da "net-art". O desenvolvimento dos "browsers" (programas de computador cuja função é realizar a "navegação" na internet) pós criação da

¹³⁵ Lovink, Geert & Schultz, Pit, "Net Criticism", op. cit.

¹³⁶ ibidem

¹³⁷ ibidem

www, permitia interações não lineares, iniciando uma fase na qual imagens, montagens, colagens e criações gráficas pudessem ser acessadas e manipuladas, apresentando assim uma alternativa para exposição e produção de obras.¹³⁸ Os rápidos desenvolvimentos realizados na primeira metade dos anos noventa permitiram que "formas de arte já existentes como desenho, poesia, vídeo, animação, rádio e as teorias que os rodeavam movessem-se para a internet, adotando a estética específica de baixa resoluções de imagens pobremente pixeladas, baixas taxas de som e ritmos, sentidas como artes de download"¹³⁹.

2.3 - NEXT FIVE MINUTES

From the beginning N5M had been a temporary coalition of individuals and institutions that come together to organize the festival--and then separate. Also remarkable is the fact that the event so far has not resulted into a (sustainable) network. (Lovink, Geert, "Tactical Media, the Second Decade")¹⁴⁰

A primeira edição do festival *Next Five Minutes (N5M)* foi realizada de 8 a 10 de Janeiro de 1993 teve como eixo central o tema "Tactical Television". Em 1992, seu programa e manifesto foram lançados e incluíam uma forte ênfase em "videoativismo", ou seja, produção de vídeos de maneira independente e geralmente com conteúdo político e artístico¹⁴¹. Dentre as produções estavam vídeos

¹³⁸ Tanto a previamente mencionada linguagem java, quanto a criação dos navegadores web "Netscape" e "Opera" foram fundamentais para o início desta fase na internet.

¹³⁹ Rackham, Melinda, "Art of the Network - the first decade of net.art", disponível em <http://www.subtle.net/archive/archiving.html>

¹⁴⁰ Lovink, Geert, "Tactical Media, the Second Decade", conferir em <http://laudanum.net/geert/files/1129724590/index.shtml?1202244016>

¹⁴¹ A lista de vídeos e mais material da base de dados do festival de 1993 se encontra em http://www.iisg.nl/image_sound/n5m/index.html

"samizdat"¹⁴² e produções datadas dos anos oitenta e relacionadas a manifestações de oposição de países como Hungria, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Romênia. Tjebbe van Tijen resume bem a intenção do primeiro NFM no relato que faz sobre o que achou após receber o material do festival: "Quando eu recebi a programação e as declarações políticas da conferência NFM, eu associei o tom do manifesto e seu misto de arte e política diretamente com movimentos anteriores como os de produtores de cinema underground e suas cooperativas em meados dos anos sessenta e o impulso do movimento francês de 68, onde a câmera de vídeo foi declarada como arma e uma atitude crítica direcionada ao monopolismo estatal das rádios e televisões (...) e que defendiam um uso diferenciado dos filmes e da mídia. Estes movimentos estavam experimentando com a forma, conteúdo e distribuição de seus meios. Eles faziam pequenos documentários e zines de cinema reportando eventos políticos e culturais correntes e passaram a intercambia-los internacionalmente. No início dos anos setenta, havia cooperativas de cinema radical em, no mínimo, dez países que iam desde os EUA à Áustria, Holanda, Itália e Japão"¹⁴³.

Jeremy Welsh, inglês professor de artes visuais e vídeo artista, participou da primeira edição e comenta sobre a passagem do termo *television* para o termo mais abrangente *media*: "O termo "Mídia Tática" apareceu depois da primeira conferência N5M em Amsterdã em 1993. Na verdade o primeiro N5M se preocupava com "televisão tática" o que significa áreas como televisão de acesso comunitário, TVs piratas, televisão de câmeras de vídeo, várias formas de práticas televisivas independentes e alternativas que vieram dos movimentos em vídeo dos anos setenta e oitenta na Europa e na América

¹⁴² Samizdat foi um movimento de oposição nascido na década de 60 na União Soviética e que consistia em produzir material cultural e político em diversas mídias e, clandestinamente, ser reproduzido e tornado acessível aos poucos e por poucos. Ironicamente, a herança do movimento e do conceito se tornou forte opositora do atual sistema capitalista globalizado, englobando em sua área de atuação o movimento zapatista, o software livre, ... mantendo, não tanto o caráter anticomunista, mas sim a idéia de reprodução artística, distribuição de conhecimento, prática literária, idéias anti-copyright, anarquistas e de resistência midiática perante os conglomerados de mídia. Pode-se conferir alguns exemplos do atual uso do conceito nos sites: <http://en.wikipedia.org/wiki/Samizdat>, <http://infoblog.samizdat.net/>, <http://www.samizdat.net/>

¹⁴³ Tijen, Tjebbe van, "A context for collecting the new media", *Next 5 Minutes Video Catalogue*, 1993, conferir em http://www.iisg.nl/image_sound/n5m/histintro.html

do Norte. Depois da primeira conferência, os organizadores se tornaram mais interessados no que estava acontecendo com a rede, hackers etc. e a idéia de mídia tática se desenvolveu nesse sentido"¹⁴⁴.

Em meados dos anos 90, a cidade de Amsterdã provia não só o sinal de internet como as transmissões de televisão a cabo gratuitamente aos consumidores. David Garcia escreve: "A Holanda foi o primeiro país na Europa a contar com uma infraestrutura de tv a cabo por toda a nação. Diferentemente da maioria dos outros países, o cabo não era considerado um luxo mas uma utilidade como gás, água e eletricidade"¹⁴⁵. Isso concede às discussões sobre políticas de acesso público e participação nos mídia um outro nível de debate, permitindo que "artistas e piratas desafiassem consistentemente e efetivamente este grotesco estado de coisas"¹⁴⁶.

O segundo festival *Next Five Minutes* aconteceu em Amsterdam e Rotterdam entre os dias 18 e 21 de Janeiro de 1996. Sediado em organizações do terceiro setor, teve como principais organizadores David Garcia, artista visual, crítico e professor, envolvido principalmente com videoativismo; Sjoera Nas, holandesa ativista de direitos civis e membro da organização XS4ALL¹⁴⁷ ("acesso para todos" em inglês) e Andreas Broeckmann, historiador da arte, sociólogo e comunicador, à época do festival, gerente de projetos da V2_Organisation Rotterdam¹⁴⁸, uma das sedes do festival.

Outros importantes festivais europeus contemporâneos ao N5M e que fazem parte do mesmo ramo de perspectiva, englobando possibilidades e inovações políticas no campo das artes e novas

¹⁴⁴ Entrevista com Jeremy Welsh, conferir em <http://www.kulturnett.no/dokumenter/dokument.jsp?id=T435072>

¹⁴⁵ Garcia, David, "A Pirate Utopia for Tactical Television", 05/05/1996, disponível em <http://www.fundacion.telefonica.com/at/pirate.html>

¹⁴⁶ ibidem

¹⁴⁷ Empresa provedora de acesso à internet envolvida em questões políticas em torno das novas tecnologias como: uso de software livre, proteção à privacidade, direitos civis e liberdade de expressão; conferir <http://www.xs4all.nl/>

¹⁴⁸ <http://framework.v2.nl/basic/general/.xslt> - "A V2_Organisation é um centro interdisciplinar de estudo em artes e multimídia (...) que se foca na combinação e relação entre diferentes mídias e entre diferentes disciplinas artísticas e científicas, o que ocorre através de atividades criativas, especialmente lidando com as redes eletrônicas, a internet e a World Wide Web "

mídias são o DocumentaX¹⁴⁹, o Ars Eletrônica¹⁵⁰, o Transmediale¹⁵¹ e o ISEA.

Em função do espaço e da perspectiva que este trabalho tem, faremos, somente a título de ilustração, um resumo dos debates e participantes das edições do N5M com o intuito de referenciar em que nível se encontravam os debates nos anos iniciais da formulação da Mídia Tática, bem como a maneira como estas discussões evoluíram. Ao final anotaremos os pontos mais levantados a fim de desenvolver alguns deles no decorrer do texto. Esta parte encontra-se no anexo à pesquisa.

2.4 - NETTIME E ZKPROCEEDINGS

What is Nettime? A wild East-West saloon? A journal? A bulletin? A bulletin board? A soapbox? An endless open-mike night? A typing pool? A mailinglist on the Internet? No one really knows, let alone agrees. But the result is clear: a vigorous international discourse that neither promotes cash-cow euphoria nor propagates cynical generalizations about the cultural possibilities of new media. Whether the boom gurus or doom gurus like it or not, the net is becoming the medium of the multitudes. Nettime presents itself here as "the other side of the net".¹⁵²

Naquele ano de 1995, alguns teóricos, artistas e críticos de diversos países europeus, passaram a se juntar para criar circuitos e redes de discussão sob o nome de "MZK"¹⁵³. Medien ZENTRAL

149 <http://www.documenta12.de/archiv/dx/> (Kassel, Alemanha)

150 <http://www.aec.at/en/> (Linz, Austria)

151 <http://www.transmediale.de/site/transmediale/> (Berlin, Alemanha)

152 Readme!, "Filtered by Nettime", Brooklyn, Autonomedia, 1999.

153 Resumindo as intenções e os dilemas do primeiro encontro ZK, Lovink escreve: "the Internet could not be embraced uncritically. Theory was needed, if not to master, then at least to circumvent aggressive commercialism without falling pray to cultural pessimism. The question on the table was how to turn the potentially immobilizing dilemmas into a productive setup, encouraging rather than dismissing radical critique", Lovink, Geert, *Dynamics of Critical Internet*

KOMITEE (ZK) significa "Comitê Central de Mídia" e referia-se a um ciclo de discussão que, em seu início, culminou nas propostas do segundo NFM de 1996. Seus encontros tinham como base, discussões sobre "cultura política das redes, ferramentas de software autônomos, websites errantes, tribos na era do cyber, a arte do desaparecimento, iniciativas alternativas para domínios radicais, web design de baixo custo, useletics Europeus, o desejo de, de alguma maneira, não estar conectado, boa comida e... net criticism"¹⁵⁴. No segundo encontro deste grupo de discussões, na bienal de Veneza de 1995, foram programados três dias de debates em torno dos assuntos que circulavam entre os membros do ZK. Organizados por Pit Shultz, Geert Lovink e Nills Røeller, os debates foram nomeados de net.time e, a partir dali, passaram a ser organizados, documentados e difundidos via uma lista de email que proveu as formatações das discussões posteriores¹⁵⁵.

A mensagem de boas vindas da lista, datada de 31 de outubro de 1995, apresenta o seguinte conteúdo: "é o canal oficial para os "procedimentos ZK", uma série de encontros centrado na necessidade de uma cultura política das redes, de não-eletrônica, ações coordenadas internas e internacionais, uma aberta e generosa troca/definição de informações desejadas. Esta lista tenta ligar o vazio entre dois encontros, não é um lugar, mesa ou cidade"¹⁵⁶. A mesma mensagem indicava a característica desta lista de emails como sendo um "filtro social, canal aberto, escoador multilingue de email" e ainda listava os encontros que estes grupos interessados em "net.práticas no campo das artes, política, tecnologia, teoria, etc." teriam dali em diante: "PASSADO_ZKs: Spessart (Fev 95),

Culture, op cit.

¹⁵⁴ ibidem

¹⁵⁵ A primeira mensagem da lista Nettime, de 28 de Dezembro de 1998, referindo-se aos procedimentos ZK pode ser acessada em <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9601/msg00050.html> . Ela dá uma boa idéia dos assuntos e temas que aglutinavam aqueles artistas e teóricos naquela época. Os arquivos das outras publicações denominadas de *ZK proceedings* podem ser encontradas em <http://www.nettime.org/pub.html> . Não nos ateremos tanto a vastíssima quantidade de textos encontrados nestes arquivos, embora representem parte significativa das discussões que ocorriam naquele momento e que culminaram numa perspectiva sobre as teorias e ações em mídia que viriam a reverberar pelo menos nos 10 anos seguintes. Nos interessa as discussões acerca do termo "Mídia Tática" que começam a ser feitas após o lançamento da primeira publicação, e nos ateremos ao material que foca explicitamente a Mídia Tática e sua problemática.

¹⁵⁶ <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9510/msg00000.html>

Veneza(Jun 95), Budapeste (Oct 95) FUTURO_ZKs: Kassel (Dez 95), Amsterdam (Jan 96) Ljubljana (Abr 96)".

A partir desta rede e de conexões prévias entre interessados nos recentes debates em torno da "net-art", "net-criticism" e "hacktivism"¹⁵⁷, foi se criando a idéia de um próximo festival NFM, agora com um foco mais abrangente, incluindo em seu escopo as possibilidades de inserção, criação e políticas trazidas com o desenvolvimento da internet.

Na segunda edição do festival Next Five Minutes, foi lançada uma coletânea de textos (as séries ZKP) e então foi organizada uma conferência própria para os participantes da lista de email em Ljubljana, Eslovênia, em maio de 1997, denominada "The beauty and the East", e uma coletânea com textos de 556 páginas foi lançada em 1999. Este período e estas produções contêm a maior parte do debate inicial em relação à formulação do termo Mídia Tática. Estão contidos no anexo, também parte das discussões e temas das coletâneas ZK.

¹⁵⁷ Mistura da palavra hacker com a palavras activism, que designa um projeto voltado para ações, desenvolvimentos e intervenções focado tanto na ética hacker, quanto na cultura política do ativista

CAPÍTULO 3 - TÁTICAS DA CULTURA

*A arte da guerra se baseia no engano. Portanto, quando és capaz de atacar, debes aparentar incapacidade e, quando as tropas se movem, aparentar inatividade. Se estás perto do inimigo, debes fazê-lo crer que estás longe; se longe, aparentar que se está perto. Colocar iscas para atrair ao inimigo. Golpear o inimigo quando está desordenado. Preparar-se contra ele quando está seguro em todas partes. Evitá-lo durante um tempo quando é mais forte. Se teu oponente tem um temperamento colérico, tente irritá-lo. Se é arrogante, trata de fomentar seu egoísmo.
(Sun-Tzu, A arte da guerra)*

Dentre os grupos envolvidos com a formulação da idéia e práticas de Mídia Tática, podemos apontar o *Critical Art Ensemble*, *Electronic Disturbance Theater*, *0100101110101101.org*, *RTMark*, *The Yes Men*, *V_2 Organization*, *Bureau of Inverse Technologies*, *subRosa*, *Raqs Media Collective*, o Projeto *Luther Blisset* e os *Adbusters*. Cada qual com sua característica, mas de uma maneira geral, realizam ações “sobre uma forma de arte encontrando o ativismo com uma atitude positiva em relação à tecnologia digital contemporânea”¹⁵⁸.

Constituída por uma multiplicidade de ações e idéias que envolvem a invisibilidade, “maneiras de aproveitar a ocasião (...), situações polimorfás (...), artes de dar golpes”¹⁵⁹ expandidas pela vasta paisagem midiática, agrupar a MT segundo normas totalizantes ou categorizações herméticas, seria “dissolver o ímpeto pelo qual a mídia tática primeiramente apareceu”¹⁶⁰. Da mesma maneira, a complexa relação que se dá entre as várias disciplinas que envolvem aspectos táticos nas operações impedem de rotular igualmente as tendências que se utilizam desta forma de ação: “reunir esta diversidade de práticas e perspectivas sob um nome único tende a ser problemático”¹⁶¹.

158 Garcia, David, *The GHI of tactical media*, entrevista com Andreas Broeckmann, julho de 2001, disponível em <http://www.uoc.edu/artnodes/eng/art/broeckmann0902/broeckmann0902.html>

159 Certeau, Michel de, *A invenção do cotidiano*, op. cit

160 Ray, Gene, “Tactical Media and the end of the end of history”, *Afterimage*, 2006, disponível em - <http://www.linksnet.de/artikel.php?id=2723>

161 ibidem

Situando-se na esfera da chamada "cultura popular" ("é a matriz genérica da mídia radical alternativa"¹⁶²), a noção de MT se identifica com modos de mesclar elementos responsáveis pela distensão deste campo no sentido de agregar diferentes elementos constituintes desta cultura, notadamente, o consumo de tecnologias, as práxis culturais híbridas¹⁶³, a confluência de disciplinas e a criação de redes de relações sociais. Também podendo ser classificado como um *movimento social*, acompanha uma trajetória histórico-sociológica de complexificação dos atores e sujeitos sociais, principalmente dos últimos 50 anos, que tem alargado as influências destas iniciativas tanto no campo do estudo sociológico quanto no da transformação social¹⁶⁴.

Do ponto de vista da cultura, é importante notar os elementos formadores da Mídia Tática como uma relação dinâmica entre "reprodução social" e "elemento de transformação"¹⁶⁵, ou seja, verificar os aspectos integrados e conflitantes que trazem à tona um híbrido de arte, cultura, tecnologia e comunicação baseado tanto nas "operações dos usuários" quanto na utilidade técnica de seus meios de produção. Suportadas pela ideologia da técnica inerente ao capital e pelo caráter subversivo das manifestações populares, as relações entre os elementos que fazem da cultura um propagador da ordem social e os elementos que as empurram para uma tentativa de inversão desta ordem estão em conflito permanente.

Geert Lovink cita que: "Aqueles que estão envolvidos com mídia tática sentiram um certo alívio por podermos ser qualquer tipo de híbrido: artista, cientista, técnico, artesão, teórico, ativista; nós

¹⁶² Downing, John, *Midia Radical*, op.cit.

¹⁶³ Pensamento inicialmente definido como o encontro entre culturas, o hibridismo cultural tem em Gylberto Freire, Américo Castro e Arnold Toynbee seus principais iniciadores. Provoca interesse na intersecção de disciplinas e aparece inicialmente nos estudos de encontros entre religiões e diálogos de culturas. Emerge contra a noção de "conversão", assumindo que da "combinação" deste encontro remanescem elementos culturais tradicionais. Um dos pontos de vista é sobre uma "tradução cultural" que remete à "adaptação de idéias, artefatos e práticas enquanto passam de uma cultura à outra". No hibridismo cultural também aparece a questão sobre se o 'resultado' da hibridização emana como uma síntese entre as culturas combinadas ou como uma "bricolagem", no sentido de coletar e justapor elementos das diferentes culturas. Burke, Peter, *Hibridismo Cultural*, Sao Leopoldo, Edisinos, 2003.

¹⁶⁴ Ver Buechler, Steven, *Social Movemenst in Advanced Capitalism*, Nova York, Oxford University Press, 2000.

¹⁶⁵ Ortiz, Renato, *Mundialização: Saberes e Crenças*, São Paulo, Brasiliense, 2006.

podemos ser todos postos juntos em combinações que têm diferentes pesos e intensidades. Estes muitos papéis de se tornar artista, se tornar ativista, se tornar cientista, etc, contido em cada grupo ou indivíduo, poderia ser reconhecido e valorizado”¹⁶⁶ Como uma recente forma de hibridização cultural¹⁶⁷, que em face à radicalização da modernidade e ao rápido desenvolvimento de tecnologias eletrônicas e informáticas, mescla formas e conteúdos, cultura e política, indivíduo e sociedade além de diferentes disciplinas, a idéia de MT tem como intenção criar um significado a partir destas adaptações e inserções. Esta perspectiva cultural das táticas oferece "a noção de que uma cultura autêntica em termos de um universo autônomo e internamente coerente não é mais viável”¹⁶⁸. Veremos adiante que as combinações não só entre tecnologia e discurso cultural, mas também dentro de disciplinas diversas, das possíveis filiações do sujeito e das formas antigas e novas das tecnologias de mídia, para a noção de uma tática de mídia representa uma "circulação fluida e articulações complexas dos níveis, gêneros e formas (...) móveis da heterogeneidade pluritemporal e espacial que caracteriza as culturas pós-modernas”¹⁶⁹.

Enquanto movimento social, os processos de novos agenciamentos coletivos, mobilizações descentralizadas e fluidas, a evanescência das ações e a pulverização de fronteiras entre as esferas artísticas, culturais e políticas nos mostram um tipo de *novo movimento social*, que não ocupa lugar fixo nem nas análises do comportamento, nem na teoria do "Resource Mobilization", nem da Teoria construcionista social¹⁷⁰. Sua característica efêmera, de mobilidade, voluntarismo e descomprometimento organizacional e sua interconexão entre vários ramos do conhecimento como

166 Lovink, Geert, A virtual world is possible: From Tactical Media to Digital Multitudes, op.cit.

167 “Net activism, like the Internet itself, is always hybrid, a blend of old and new, haunted by geography, gender, race and other political instances. There is no pure disembodied zone of global communication, as the 90s cyber-mythology claimed”, ibidem.

168 Canclini, Nestor Garcia, *Culturas Híbridas*, São Paulo, Edusp, 2000.

169 Braga, Maria Lucia Santaella, “Cultura Digital, Diálogos interculturais”, entrevista, *O Povo*, Fortaleza, 2006.

170 Para a discussão das diferentes perspectivas de análise sobre os novos movimentos sociais, consultar McCarthy, John D. & Zald, Mayer N., “Resource Mobilization and Social Movements: A partial Theory”, *American Journal of Sociology*, n. 82, 1977 e Goffman, Erving, *Frame Analysis*, Nova York, Harper Colophon, 1974.

publicidade, comunicação, sociologia, informática, eletrônica e artes nos faz repensar a entrada de atores numa nova configuração social que expande tanto as potencialidades subversivas quanto as formas de controle e desmobilização.

Utilizamos, portanto, as interconexões em torno da MT para verificar um conjunto de operações e agenciamentos que tem como característica abrir fendas em áreas de um sistema racional (estratégico), que perpetua uma dominação material e subjetiva através da lógica midiática e tecnocrata. As táticas são processos e agenciamentos sócio-técnicos que permitem uma situação ou realização que ofereça um contraste com certa configuração pré-determinada de um campo de batalha. Deste ponto de partida, ao invés de realizarmos um estudo empírico em casos de grupos que se caracterizam como de MT, levantaremos criações e movimentos que nos permitem tanto diagnosticar táticas de mídia quanto nos auxiliam na compreensão da problemática desta pesquisa.

Neste capítulo, apontamos quatro campos pertencentes ao universo das táticas de mídia que contêm conflitos políticos-culturais que se relacionam com a problemática da concepção da MT. São campos e exemplos distintos, porém representam partes do conjunto que repousa na idéia da tática como maneiras de procedimento que “jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para altera-los”¹⁷¹, reapropriando-se do “espaço organizado pelas técnicas de reprodução sócio cultural”¹⁷².

No campo das *representações*, apontamos dois grupos que colocam em debate questões sobre identidade, autenticidade, verdade e autoria, para problematizar as metamorfoses das produções culturais e a função dos atores inseridos em um novo complexo de forças produtivas midiáticas. No campo da *política*, tratamos das recentes formas de ação baseadas no conceito de “faça-você-mesmo” e a criação de um novo individualismo. No campo do *ciberespaço*, verificamos os elementos de

171 Certeau, Michel de – A invenção do cotidiano, op. cit.

172 Certeau, Michel de, *A invenção do cotidiano*, op. cit.

formação de uma esfera informática de conflito, bem como a criação de elementos políticos alternativos à ordem constitutiva dela, representados pelo hacker e pelo software livre. No último, tomamos o campo do *comportamento* para exemplificar tentativas de inversão na ordem racional dos agrupamentos e organizações e maneiras de subverter a realidade cotidiana por experiências de novos agenciamentos e de “Zonas Autônomas Temporárias”.

Utilizaremos, portanto, o movimento da MT enquanto objeto que recoloca a noção de tática de Certeau para verificarmos como esta determinada adaptação reconfigura formas de práxis e de culturas em campos aparentemente distintos, porém envolvidos com lógicas de oposição, operações técnicas e condutas alternativas.

3.1 - ***DISTORCENDO A AUTENTICIDADE***

THE YES MEN

No intuito de realizar uma entrevista com representantes da companhia Dow Chemicals¹⁷³, sobre os 20 anos desde o maior acidente industrial da história¹⁷⁴, ocorrido em Bhopal na Índia, um funcionário da rede de TV britânica BBC foi até o site DowEthics.com e contatou a empresa a fim de realizar uma reportagem de cerca de 5 minutos. No estúdio da BBC em Paris, o representante da Dow, Sr. Jude Finisterra recebe os tratamentos de maquiagem e acomoda-se em frente à câmera que transmitirá ao vivo a entrevista.

Normalmente, a empresa educadamente recusaria a entrevista ou repetiria os argumentos contidos em seu site: “The 1984 gas disaster at the Union Carbide India Limited (UCIL) facility in Bhopal, India, was a human tragedy that should never be forgotten. It is a continuous reminder of the frailty of life and that safety must always be a first priority for industry. This unfortunate event stimulated the chemical industry's Responsible Care® initiative dedicated to continuous improvement in environment, health and safety performance”¹⁷⁵; atitude esta não modificada durante os 20 anos seguintes ao acidente e uma forma amenizada de justificar a ausência de responsabilidade e a imobilidade na reparação aos danos causados¹⁷⁶. Porém, desta vez, havia ali um porta voz para prestar

¹⁷³ <http://www.dow.com/>

¹⁷⁴ “On the night of Dec. 2nd and 3rd, 1984, a Union Carbide plant in Bhopal, India, began leaking 27 tons of the deadly gas [methyl isocyanate](#). None of the six safety systems designed to contain such a leak were operational, allowing the gas to spread throughout the city of Bhopal. Half a million people were exposed to the gas and 20,000 have died to date as a result of their exposure. More than 120,000 people still suffer from ailments caused by the accident and the subsequent pollution at the plant site. These ailments include blindness, extreme difficulty in breathing, and gynecological disorders. The site has never been properly cleaned up and it continues to poison the residents of Bhopal”. Conferir mais sobre Bhopal em http://www.bhopal.org/whathappened.html#_ftnref2

¹⁷⁵ www.dow.com/publicreport/2001/worldclass/bhopal.htm

¹⁷⁶ “Half a million people were exposed to the gas and 20,000 have died to date as a result of their exposure. More than 120,000 people still suffer from ailments caused by the accident and the subsequent pollution at the plant site.” -

alguns esclarecimentos.

A primeira pergunta do apresentador, logo após fazer a apresentação do entrevistado foi justamente: “Agora vocês aceitam a responsabilidade sobre o que aconteceu?”. A resposta foi categórica: “Steve, sim (...) eu estou muito, muito feliz em anunciar que pela primeira vez, a Dow está aceitando total responsabilidade pela catástrofe de Bhopal. Temos um plano de 12 bilhões de dólares para finalmente, pelo menos agora, compensar integralmente as vítimas—incluindo os 120 mil que podem precisar de auxílio médico por toda a vida—e completa e rapidamente remediar toda a planta industrial do local”¹⁷⁷. A entrevista seguiu com uma improvável aceitação dos erros e culpas pelos 20 anos de omissão da subsidiária da Dow Chemicals (que havia se retirado de Bhopal há 16 anos), e um vasto plano de cobertura de danos causados pela tragédia. Isso incluía, ainda, um apoio à extradição do responsável legal (processado na Índia e vivendo em Long Island, EUA) e a notícia da publicação dos compostos químicos e das pesquisas realizadas no local pela empresa responsável logo após o acidente, nunca divulgadas anteriormente.

Durante duas horas, a notícia circulou pela internet e a entrevista foi repetida duas vezes na mesma BBC. Somente depois disso a companhia Dow Chemicals notificou a imprensa de que nada do que havia sido dito era real. A emissora britânica se retratou pelo resto do dia. Apesar disso, tornou a entrar em contato com o suposto porta voz, chamando-o para uma nova entrevista, na qual defendeu os motivos de realizar tal aparição. O embuste fez (como queria o falsário) com que a empresa Dow Chemicals reiterasse sua posição de negar qualquer tipo de ajuda aos que sofriam pelas consequências do desastre.

Criado por dois norte americanos, o grupo responsável pelo trote à BBC denomina-se *Yes*

<http://www.bhopal.org/whathappened.html>

¹⁷⁷ <http://www.theyesmen.org/dowtext/>

*Men*¹⁷⁸ e praticam o que chamam de “identity correction”. Iniciado em 1999, realizam o que se convencionou chamar no campo do ativismo midiático de “culture jamming”, uma prática cultural que “engages directly with media noise and combines (. . .) direct action and satire”¹⁷⁹. Fazendo-se passar por executivos, porta-vozes e representantes de corporações, são contatados através de sites plagiados de empresas (porém com nomes de domínio diferentes dos oficiais) e realizam sátiras críticas, “expondo, por vezes maliciosamente, a crueldade dos malfeitores poderosos”¹⁸⁰.

O *Yes Men* pratica “formas de ativismo digital que subsistem sob a égide da mídia tática, empregando formas de distribuição subversivas, 'por debaixo dos panos' (...) que contém elementos de protestos radicais; se utilizam (mas não estão limitados a) natureza anônima da internet, e todos tendem a dar voz à 'cada um' daqueles sem poder de falar por si próprios”¹⁸¹.

Sua prática é denominada de “pranksterism” (trote) e passou a ser uma das formas de intervenções táticas mais comuns, principalmente após o desenvolvimento de tecnologias que permitem a cópia, reprodução e difusão de informações. Com base na Internet, a dupla realiza cópias de sites que os permitem passar por outras pessoas, incorporar figuras e distorcer informações sem serem notados. O site *GWBush.com*, por exemplo, realizado quando ainda faziam parte de outro coletivo ativista, o *RTMark*¹⁸², foi o responsável pela frase “Há que haver limites para a liberdade”, dita pelo próprio presidente quando questionado sobre o plágio. Outros clones de sites foram responsáveis por participações da dupla em diversos eventos corporativos, tendo personificado funcionários da Exxon, Halliburton, MacDonald's e a OMC. Convidados para exposições e entrevistas televisivas, muitas vezes os absurdos ditos em nome das instituições não são nem notados pelos realizadores do evento, que entre a perplexidade e a ignorância, aceitam, mais do que o conteúdo dito, a figura ali representada:

178 <http://www.theyesmen.org/>

179 Jordan, Tim & Paul A. Taylor, *Hactivism and Cyberwars: Rebels With a Cause?*, New York, Routledge, 2004.

180 <http://www.theyesmen.org/en/faq>

181 Boyd, Lany, *The Yes Men and the Activism in the Information Age*, B.F.A., Louisiana State University, 2002

182 <http://www.rtmk.com/>

“Sua audiência pode nunca apreciar integralmente as mensagens anti corporativas do Yes Men por causa da figuração corporativa do grupo, mesmo quando recebem uma constante barreira de mensagens comerciais grotescas, o público não é capaz de discernir a diferença entre sátira e realidade”¹⁸³.

O PROJETO LUTHER BLISSET

A pessoa de Homero está para sempre imersa nas trevas impenetráveis da lenda. Ignoramos quando viveu; não sabemos que terra privilegiada lhe ouviu os primeiros vagidos (...) Venerandas tradições representavam-no como um velho cantor, pobre e cego que, peregrinando de terra em terra, recompensava a quem o agasalhava com a declamação de seus poemas”. (Augusto Magne)

Blissett è un folk hero, un eroe popolare dai tratti indecifrabili, venuto da lontano, sganciato da ogni élite, creatore e cantore di un mito (il proprio)¹⁸⁴

Fundado em 1881, o Watford Football Club era um time da quarta divisão inglesa de futebol até meados dos anos setenta, quando foi comprado pelo músico Elton John (na época diretor do clube e até hoje seu presidente honorário) que, junto com o gerente Graham Taylor, foi responsável pela ida do time para a "premier league" do campeonato inglês. Os anos oitenta foram os mais frutíferos para o clube, que cedia jogadores para a seleção inglesa e chegou a ser vice-campeão da liga nacional. Nesta época, um de seus mais proeminentes atacantes era um jamaicano de dupla cidadania chamado Luther

¹⁸³ Boyd, Lany, *The Yes Men and the Activism in the Information Age*, B.F.A., Louisiana State University, 2002.

¹⁸⁴ Muchetti, Luca, *L'informazione secondo Luther Blissett*, tese de doutorado, Facoltà di Scienze della comunicazione - Giornalismo ed editoria, Università Iulm - Milano a.a. 2004/2005, disponível em <http://muke.altervista.org/Indice.htm>

Blisset, que após atingir boas marcas no clube inglês foi vendido ao Milan da Itália, onde passou somente uma temporada e foi devolvido ao Watford pela metade do preço que foi comprado. Foi um dos primeiros negros a jogar na primeira divisão do futebol italiano e o primeiro a marcar um gol pela seleção inglesa.

Seu nome, porém, teve conseqüências diferentes. A criação de um coletivo italiano, um projeto chamado Luther Blisset¹⁸⁵, nos alerta: “Luther Blissett é um condívduo. Qualquer um pode ser Luther Blissett, simplesmente declarando-se”¹⁸⁶. Sob este nome, milhares de pessoas realizaram ações de boicote, escreveram textos, livros e plantaram notícias na mídia. A seguir, citamos dois exemplos de ações, mas ressaltamos a importância literária e teórica do projeto, sobre a qual não teremos espaço para desenvolver¹⁸⁷.

Em 1994, jornais italianos passam a receber cartas e depoimentos sobre um movimento "horrorista" nas ruas das Bolonha. Notícias de que entranhas de animais são deixadas ao relento fazem com que se foque atenção neste novo misto de terrorismo e satanismo. Um jovem, em um ritual macabro, tirava de dentro da roupa entranhas animais que largava no chão após uma espécie de convulsão ritualística. Boa parte da mídia explorou o fenômeno, que rendeu análises de especialistas, tentando achar uma explicação científica, psíquica ou sociológica para a ação macabra.

No ano seguinte, uma campanha para obter informações sobre um renomado artista chamado Harry Kipper vem a público. Depois de percorrer cidades européias a bordo de uma bicicleta com o intuito de traçar linhas imaginárias formando a palavra ART no território do continente, passaram-se seis meses desde a última informação que se teve dele, quando estaria rumando para a Bósnia. Nenhum

185 Uma excelente pesquisa sobre as origens e problemáticas do fenômeno *Luther Blisset* se encontra em uma tese italiana, de Muchetti, Luca, *L'informazione secondo Luther Blissett*, disponível em <http://muke.altervista.org/Indice.htm>

186 http://www.wumingfoundation.com/italiano/rassegna/Salvatti_lb.html

187 Além de diversas coletâneas de textos lançados sob o pseudônimo, um grupo de quatro escritores que participavam do projeto deram início ao “wuming”, no qual mantém as bases políticas e teóricas do projeto Luther Blisset, e sob este novo nome lançaram mais de uma dezena de livros, roteiros de filmes entre outros textos e projetos. conferir em - <http://www.wumingfoundation.com/italiano/presentazione.htm>

outro contato havia sido feito depois disso. Os meios de comunicação abraçaram a campanha, distribuindo informações e fotos do artista. Até mesmo um programa televisivo dedicado a achar pessoas desaparecidas designou uma equipe para ir atrás de informações sobre ele. Repórteres e produtores foram levados a diversas viagens pela Europa a partir de pistas e conexões estabelecidas por seus “amigos e parentes”, chegando a anunciar uma cobertura completa pela televisão do “estranho caso do artista que desapareceu na Bósnia”.

Ambas as ações foram desmascaradas por “Luther Blisset”, em comunicados em que assumia a autoria dos boicotes¹⁸⁸, numa intenção de “mais do que denunciar a mentira, (...) tornar a mentira ridícula. Abandonar toda a recriminação e adotar uma prática lúdica que mande um retrovírus para o sistema”¹⁸⁹.

Luther Blisset é um “*nom de plume*”¹⁹⁰, um mito no qual toda uma comunidade pode se juntar em torno. Sustentado pela idéia da “mitopoiesis” (produção criativa de mitos), este personagem usa o potencial da mídia e seu impacto para lançar um produto que possa ser passível de “intervenções subjetivas” e utilizado como signo comum para ações. Segundo ele, “a guerrilha do herói popular é (...) a sabotagem da máquina comunicativa do poder”¹⁹¹. Seu nome é uma obra aberta, manipulável, que permite re-invenções e re-significações, e que usa a ausência do indivíduo e de sua propriedade em determinada ação como tática subversiva de penetrar no campo inimigo sem ser notado e desconstruir suas estratégias a partir de suas próprias lógicas e criações.

Como nome ou termo de usufruto coletivo e propriedade aberta, não encontra restrições de uso

188 As ações do grupo limitam-se a divulgar a notícia e prover elementos que as travestem de verdade, como fotos, contatos e indícios. Toda a exploração dos casos é realmente feita pelos órgãos de comunicação oficiais e tratados, até o momento do desmascaramento, como verdade.

189 Blisset, Luther, *Guerrilha Psíquica*, São Paulo, Conrad, 2003

190 “O nome de autor está atrelado não propriamente a um indivíduo real e exterior que proferiu um discurso, mas a um certo tipo de discursos com estatuto específico, isto é, aqueles cujo modo de ser, numa determinada cultura, torna-os providos de uma atribuição de autoria”. Muchail, Salma Tannus, “Michel Foucault e o dilaceramento do autor”, *Revista Margem*, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, n. 16, pp. 129-135, dez./2002.

191 Blisset, Luther, *Guerrilha Psíquica*, op. cit.

a não ser as criadas pela própria comunidade que o utiliza, ficando a forma, o discurso e as ações de Luther Blisset a cargo de tendências e participações variadas. Luther Blisset questiona a originalidade, a identidade, a autenticidade, a individualidade, o valor e a verdade na forma de políticas radicais, e estende a noção do plágio para uma esfera (supra)identitária e de representação. Luther Blisset abre uma situação no qual não existem responsáveis individuais e no qual as consequências são remetidas à um mito comum permanente.

Luther Blisset também carrega um sentido político, na medida em que foi criado para "subverter a máquina comunicativa do poder" e atua em relação a postulados políticos, sendo estes desde a crítica ao monopólio dos meios de comunicação, passando pelo questionamento dos sistemas comunicativos oficiais e suas formalidades, até a adoção de mecanismos como licenças alternativas ao direito autoral, que facilitam a troca, o compartilhamento, a cópia, alteração e a reprodução do material por ele produzido.

Como "instrumento de guerra semiológica"¹⁹², o nome segue uma tendência de movimentos artísticos diversos, que por sua vez reutilizaram este mecanismo de disfarce e camuflagem que encontra muitos exemplos na história. Duas das obras literárias mais importantes do Ocidente, a Bíblia e a Odisséia, são obras de múltiplos autores e contribuições orais, textuais, pictóricas e imagéticas¹⁹³. São mitologias realizadas por uma multiplicidade de criações, recombinações de textos e interpretações que, desde a criação de algumas culturas, permeiam o imaginário dos que delas participam. As perguntas e questões em torno da figura de Homero e sua obra são muito bem aplicadas para a figura de um criador anônimo que se confunde com a criação coletiva e que, sobre seu próprio nome e produção, é capaz de criar e movimentar mitos que permanecem a ele vinculados e que ao mesmo

¹⁹² Blisset, Luther, *Guerrilha Psíquica*, op. cit.

¹⁹³ "The Bible's language is not an historical language. It is a language of high literature, of story, of sermon and of song. It is a tool of philosophy and moral instruction". Thompson, Thomas L., *The Bible in History: How Writers Create a Past*, Pimlico, Londres, 1999

tempo se questiona sobre o criador, autor, propriedade e verdade.

A mitopoiesis, inserida no campo da produção de subjetividade, pode funcionar como "qualidade radical da arte" que, segundo Marcuse, baseia-se "precisamente nas dimensões em que a arte transcende a sua determinação social e se emancipa a partir do universo real do discurso e do comportamento, preservando, no entanto, a sua presença esmagadora" ¹⁹⁴. Com isso, exerce uma política radical, criando um mundo em oposição ao da racionalidade, eliminando a diferença entre arte e sociedade ou sujeito e objeto. Como define Marcuse, "a lógica interna da obra de arte termina na emergência de outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições dominantes" ¹⁹⁵. No entanto, o objetivo de um projeto como Luther Blisset é criar uma transcendência para revelar a mentira do "real". Escapar das determinações imediatas da razão para demonstrar a falsidade de uma situação ou questionar sua responsabilidade, tendo como referência o mito.

Pode-se caracterizar estes processos de *guerrilha midiática* ¹⁹⁶ uma entrada nos sistemas de comunicação a fim de expor tanto suas práticas escandalosamente abusivas quanto mentirosas. Essa guerrilha é um desdobramento da idéia de “guerrilha semiótica” de Umberto Eco, a qual resultaria em uma margem de indeterminação e em uma modificação das circunstâncias nas quais as mensagens são recebidas, sendo possível uma escolha nos modos de interpretação. Essa guerrilha, escreve Eco, “pode traçar uma tática de decodificação onde as mensagens como formas de expressão não mudam, porém o endereçado redescobre sua liberdade de decodificação” ¹⁹⁷. A guerrilha midiática engloba as variações de recepção, mas principalmente a alteração dos sentidos do receptor através da utilização dos mesmos

194 Marcuse, Herbert, *A dimensão estética*, Lisboa, Ed. 70, 1999.

195 ibidem

196 A guerrilha midiática é “a realização de um jogo de artimanhas recíprocas, uma forma de envolvimento da mídia em um trauma impossível de se captar e de se entender, uma trama que provoca a queda da mídia, vítima de sua própria prática. Arte marcial pura: utilizar a força (e a estupidez) do inimigo, voltando-se contra ele”. Blisset, Luther, *Guerrilha Psíquica*, op. cit.

197 Eco, Umberto, *A Theory of Semiotics*, Indiana University Press, 1976

mecanismos. Como uma resposta à altura, funciona como a variante prática de uma interpretação tática das mensagens.

Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade – mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo. Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para um corpo sem órgãos, que não pára de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade.
(Gilles Deleuze e Félix Guattari - Mil Platôs, Vol 1 - Rizoma)

A idéia de que toda criação, por mais original que possa parecer, mais verdade que possa expressar, e por mais inovadora que se mostre dentro de determinada época é uma combinação de experiências e influências, uma colagem de conhecimentos acumulados e sabedorias adquiridas, é exponencialmente engrandecida pela entrada na sociedade de sistemas de produção, manipulação, difusão e troca de informação. Quanto mais desenvolvidos estes sistemas, mais complexa se torna a conceituação de originalidade, autoria e autenticidade, bem como possibilitam entradas de novas políticas críticas e de oposição, que buscam, na infiltração nestes sistemas, desvios, deturpações, questionamentos e alterações¹⁹⁸.

¹⁹⁸ “na antigüidade, as narrativas, contos, tragédias, comédias e epopéias - textos que hoje chamaríamos literatura - eram colocados em circulação e valorizados sem que se pusesse em questão a autoria - o anonimato não constituía nenhum problema, a sua própria Antigüidade era uma garantia suficiente de autenticidade. (...) com a instituição do sistema de propriedade, possuidor de regras estritas sobre direitos do autor e relações autor/editor, é que o gesto carregado de riscos

Entendendo a técnica como relações de produção de determinada sociedade e como patamar material que se dispõe em determinada época, Benjamin afirma que uma tendência literária de uma obra "pode consistir num progresso ou num retrocesso da técnica literária"¹⁹⁹. Com isso, pretende formular uma questão mais ampla do que apenas apontar o conteúdo político de uma expressão literária. Pretende inserir um sistema maior de análise que compreenda não só a importância de uma "tendência política", mas também uma posição do autor em relação a constituição destas obras e seu potencial subversivo (ou socialista, como apontaria ele) "dentro dos meios de produção", incluindo a "tendência literária" destas obras como forma e elemento de transformação da técnica literária, num trajeto no sentido da alteração das relações de produção existentes em relação ao autor: "do ponto de vista de sua função como produtor"²⁰⁰.

Essa questão se expande na medida em que o trabalho literário encontra um acréscimo relacionado às maneiras de intersecção que as novas formas de comunicação impõem na esfera da narrativa. Cabe pensar, mesmo que de maneira crítica, na figura do autor como um complexo de linguagem e representações, que atua não só em função da escrita, mas expande-se em ramificações da comunicação que permitem ao trabalho (em relação a músicas, vídeo, cinema, websites, folhetins, fazines etc.) uma complexificação do seu sentido e de sua obra, desfigurando o *thelos* e os processos produtivos anteriores. Na mesma medida, ocorre uma reconfiguração do que representam as obras que se extraem da atividade narrativa, os exemplos da "guerrilha semiótica" acima ilustram essa tendência.

As táticas de mídia neste sentido, seriam também um processo de "refuncionalização". Benjamin cita o teatrólogo Bertold Brecht para ilustrar seu argumento de que a função das produções

da autoria, enquanto transgressão, segundo Foucault, passou a se constituir um bem, preso àquele sistema". Dias, Maria Helena Pereira, *Hipertexto, O labirinto eletrônico*, Unicamp, Tese de Doutorado, FE, 2000. Disponível em <http://www.unicamp.br/~hans/mh>

¹⁹⁹ Benjamin, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume I*, São Paulo, Brasiliense, 1996.

²⁰⁰ *ibidem*

artísticas devem estar inseridas num processo de transformação do aparelho produtivo e que a tomada de consciência por parte dos pensadores passa por uma consciência de seu papel de produtores no sentido de dar outra função às técnicas de produção. Este conceito de refuncionalização, caracteriza, para Benjamin, "a transformação de formas e instrumentos de produção por uma inteligência progressista e, portanto, interessada na liberação dos meios de produção" e acrescenta que para Brecht, o fundamental é "não abastecer o aparelho de reprodução sem o modificar"²⁰¹. O crescimento exponencial de meios que possibilitam a difusão e a criação de obras faz aumentar quantitativamente estas produções e, até certo ponto, faz emergir críticas e crises a partir da discussão sobre o lugar do produtor e seus trabalhos.

Se a produção de determinada época é fruto do estágio das forças produtivas, a crescente conjugação destas nos oferece um outro tipo de produtor. Roland Barthes decretou a morte do autor a partir da emergência do texto moderno, que trás em si o renascimento do leitor: "o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito."²⁰². Confunde-se, desta maneira, o papel do produtor e do receptor no processo de criação, construindo uma intersecção no processo criativo, no qual se perde a identidade e autenticidade em prol da "destruição de toda a voz, de toda a origem"²⁰³.

O "autor" carrega um sentido de autoridade. É "a concepção (...) de uma fonte autônoma"²⁰⁴. A partir deste princípio, é deslocado de sua relação social e sua contribuição cultural é facilmente

201 ibidem

202 Barthes, Roland, "A Morte do Autor", *Rumor da Língua*, São Paulo, Brasiliense, 1988. Também disponível em http://www.facom.ufba.br/sala_de_aula/sala2/barthes1.html

203 ibidem

204 Williams, Raymond, *Cultura*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

identificada como isolada de suas referências coletivas. A decadência da autoria se dá não só pela ascendência do leitor, mas pela incapacidade que tem, como conceito, para lidar com uma nova configuração técnica e se inserir como "autônomo" ou "autoridade" nos novos agenciamentos coletivos e dentro da nova situação da relação entre produção cultural, meios técnicos e posição política, tripé fundamental no sentido da alteração no modo de produção e recepção das mensagens na atual configuração da sociedade.

A constatação de uma problemática que envolve originalidade, propriedade, autoria e autenticidade no âmbito da produção cultural, permite-nos identificar linhas que resultam em "enunciados de dissimulação" e "estratagemas de camuflagem", que apontam políticas para a questão do atual estágio tecnológico dos meios de produção de informação. A constituição das tecnologias permite tanto a disseminação da figura de Luther Blissett e seus escritos, como também o clone dos sites realizados pelo *Yes Men*. A ausência de propriedade de suas obras (em nenhum dos casos há *copyright* em nenhuma produção), seus distanciamentos da originalidade e os desvios, boicotes, trotes e subversões mostram que, em grande parte, o engajamento e a apropriação das forças produtivas das esferas culturais são possíveis, tornam-se necessárias e formam o ambiente que delimita as possibilidades táticas em que se apoiam seus atores.

3.2 - DIY – REVISITANDO O INDIVIDUALISMO

"Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de um modo de existência, não pode se confundir com um sujeito (...) A subjetivação sequer tem a ver com a "pessoa": é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal"
(Gilles Deleuze - Conversações)

Muitos dos aspectos táticos das recentes operações técnicas e culturais de oposição encontram no *Do It Yourself- DIY* (Faça Você Mesmo – FVM) ponto fundamental e postulado central de suas condutas²⁰⁵. A ideia de FVM tem um princípio operativo, técnico e prático e se expande como um *modos operandi* de parte da cultura, tornando-se uma ética. A grande maioria dos trabalhos sobre o FVM trazem associações com movimentos punk, manuais de como construir meios de intervenção (transmissoras de TV, rádio ou fanzines), maneiras de realizar eventos sem intermediários ou ainda exemplos de ações que são rotuladas de FVM, mas geralmente sem apontar a problemática e as origens que possibilitariam uma compreensão crítica do termo.

Tornado popular nos Estados Unidos da América a partir da década de 50 do século passado, o termo refere-se a manuais e práticas caseiras simples que podem ser realizadas sem a ajuda de um profissional ou especialista. É uma atividade ou uma operação realizada amadoristicamente ou como 'hobby'. Encerra um envolvimento pessoal em determinadas tarefas, operações, manutenções e afazeres que foram propiciados pelo desenvolvimento de certas tecnologias de consumo e sustentado pela ideologia individualista, na qual o aspecto "facilitador" ou de "usabilidade" das construções sustentam a aparência de que "você" é responsável por determinada construção ou manutenção, escondendo, tanto

²⁰⁵ “Mídias Táticas são o que acontece quando mídias baratas tipo **'faça você mesmo'**, tornadas possíveis pela revolução na eletrônica de consumo e formas expandidas de distribuição (do cabo de acesso público à internet), são utilizadas por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos ou excluídos da cultura geral”. Garcia, David & Lovink, Geert, “O ABC da Mídia Tática”, op. ct.

a natureza do objeto técnico²⁰⁶, quanto a essência da política desenvolvida a partir do (e da ideologia disseminada como) incremento tecnológico. A praticidade, rapidez e a eficácia pelos resultados dos métodos empregados são pontos de fundamental importância para o êxito do operador em relação a criação ou à tecnologia em questão. A racionalidade que determina o cálculo preciso de funcionamento e contabiliza a percentagem de "facilitação" no manejo é suporte ao discurso da eficiência, dando ao operador a sensação e aparência de manipulação.

A idéia de autonomia, "auto suficiência", de que "qualquer um pode", de um "estilo próprio" de fazer, levou o conceito de FVM a níveis político-culturais distintos. Embora calcado no consumismo e no individualismo, o termo se torna uma cultura, uma ética, um espírito "faça você mesmo"²⁰⁷.

Embora ainda parte do campo da modernidade, novas condições sociais levam o individualismo para outro tipo de perspectiva. Análises da contemporaneidade apontam proposições que notam um “novo individualismo” em face à condição global e às novas maneiras de relacionamentos sociais. A globalização desterritorializada apontaria maiores possibilidades de escolha e agenciamentos deste novo individualismo no sentido de “minimizar (...) os obstáculos interpessoais que os separam de seus delineamentos egocêntricos”²⁰⁸. Nesta perspectiva, nota-se, em contradição com a acepção moderna, que o novo individualismo é, por consequência da possibilidade de filiação do *self* em múltiplas tendências, também uma busca de valores emocionais e de significados em relação com outros. Três situações teriam levado a este deslocamento do individualismo: uma expansão da possibilidade de escolha e oportunidades ausentes de vínculos tradicionais (a emergência da sociedade

206 Neste sentido, nos referimos a análise empregada pelo filósofo francês Gilbert Simondon que em seu *Du mode d'existence des objets techniques*, Paris, Aubier cop., 1989, propõe um rigoroso estudo sobre o objeto técnico, criticando o aspecto utilitarista dado à determinadas tecnologias e considerando que a separação entre humanidade e máquina é uma operação da cultura que “se tornou um sistema de defesa designado a salvaguardar o homem das técnicas”.

207 Brass, Elaine; Koziell, Sophie & Searle, Denise, *Gathering Force: DIY Culture, Radical action for those tired of waiting*, Londres, The Big Issue, 1997; McKey, George, *DiY Culture: Party & Protest in Nineties Britain*, Londres e Nova York, Verso, 1998.

208 Elliott, Anthony & Lemert, Charles, *The New Individualism: The Emotional Costs Of Globalization*, Londres, Routledge, 2005.

“destraditionalizada” de Giddens²⁰⁹); o impulso à privatização da vida e das relações e o apoio neoliberal às iniciativas criativas individuais (o “novo espírito do capitalismo” de Boltansky e Chiapello); e por fim, a conexão realizada pelo recente processo de globalização, minimizando a separação entre cultura e economia, possibilitando que, diferentemente do sujeito moderno (que se desloca das massas por uma escolha, e que tem meios para realizar a conduta individual), o novo individualismo se imponha como conduta também nas margens da sociedade, fazendo com que não haja mais uma exclusividade de classe na busca pela individualização do ser e da vida.

A Cultura FVM é definida como "um grupo de interesses e práticas centrado e direcionado à juventude em torno do radicalismo verde, ações políticas diretas, novos sons e experiências musicais, é um tipo de contracultura dos anos noventa"²¹⁰. Está ligada e é herdeira de uma situação política e social conservadora presente na Europa da década de 1980. A adoção do neoliberalismo (ou radicalização do liberalismo) econômico e o esgotamento das perspectivas políticas e culturais abertas nas décadas passadas fizeram emergir, por várias ramificações sociais, práticas que tinham como ponto central a realização de determinada política. Festas em praça pública, intervenções artísticas, ocupações (squatts), ativismo ecológico, dentre outras, são resultados de uma perspectiva que abrange esferas culturais (música, artes, performances) e políticas (protestos, ocupações, campanhas). Buscando maneiras de mobilização que sejam alternativas às palavras de ordem tradicionais e se utilizando de recursos de mídia para agregar e construir eventos, essa cultura tomou partido de um tipo de fazer que tem como alvo a própria satisfação: "(...) não estamos combatendo algo que não gostamos; temos toda uma visão de como a boa vida poderia e deveria ser, e nós combatemos qualquer coisa que bloqueie

209 Giddens, Anthony, *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*, Stanford University Press, 1991.

210 McKey, George, *DiY Culture: Party & Protest in Nineties Britain*, op. cit.

Porém, o que faz um termo essencialmente da sociedade do consumo tornar-se um marco de determinada cultura de oposição? Geralmente alocado ao lado de outros termos como “ativismo”, “ação direta” e “autonomia”, marca uma base de apoio a um grande número de experiências e construções sociais alternativas que fazem parte da expansão de possibilidades de filiação abertas com o desapontamento das opções tradicionais (esquerda / direita, burguesia / operariado, profissional / amador), criando um discurso “autonomista” que invoca a liberdade de opção do indivíduo em esferas relativamente independentes e dispersas pela paisagem social contemporânea. Citaremos rapidamente o exemplo da cultura punk para ilustrar uma das matrizes da apropriação do termo no sentido de uma cultura autonomista, opositora e individualista que abriram possibilidades para o desenvolvimento do termo como uma conduta.

PUNK

O que se convencionou a chamar de "punk" está ligado a um resgate da origem operária inglesa, à influência das atitudes e estéticas niilistas, existencialistas, beatnik e rebeldes do pós-guerra e à noção de criação de comunidades como atitude defensiva em relação à ingerência de modos de vida que descaracterizariam suas origens²¹². Mas, principalmente, numa experiência musical radical, baseada na oposição ao rumo do rock nos anos 60 e numa nova atitude em relação às instituições da indústria cultural no que se refere à abertura de espaços de divulgação, gravação, produção e práticas de contestação em relação ao modo de vida e de relações sociais da década de 60 e 70. O ambiente no qual

211 Merrick, *Battle for the trees - Three months of responsible ancestry*, Leeds, Godheaven Ink., 1996.

212 Clarke, John, “The Skinheads & the Magical Recovery of Community”, in Hall, Stuart & Jefferson, Tony (orgs.), *Resistance Through Rituals – Youth subcultures on post-war Britain*, Birmingham, Hutchinson University Library, 1982.

nasceu o punk é o de uma subcultura pop, de casas de show de pequeno porte e sem recursos, de alto consumo de álcool e drogas, de enfrentamento a qualquer tipo de autoridade e de não conformidade com as dominações objetivas e subjetivas²¹³.

Nascido principalmente dessa cena musical londrina na segunda metade da década de 60, apropriou-se do termo "faça você mesmo" para designar uma atitude de independência e de produções próprias dos meios de divulgação, produção e distribuição de conteúdo relacionado a esta determinada cena musical e conduta social, bem como uma prática de oposição à intermediação e às formas tradicionais de produção cultural de grande porte e em escala industrial.

De início, esta atitude faça-você-mesmo dentro do movimento punk significava "una respuesta a la creencia predominante de que el acto creativo musical requería mucho dinero, educación, influencias y suerte para distribuir las propias creaciones a través de los mecanismos corporativos establecidos"²¹⁴. Expandiu-se a uma busca de estilo próprio, incluindo a confecção de fanzines, cartazes e roupas até a idéia de produção musical independente, o que significava, além de poder tocar em uma banda sem ser músico, minimizar ou neutralizar a influência de gravadoras, empresários ou intermediários em geral na relação com tudo que se referisse à produção, divulgação e atitude das bandas. Selos e gravadoras "independentes" passaram a surgir aos montes a partir daquele momento na Inglaterra, e se solidificaram no mundo inteiro até hoje como potenciais "reveladores" de artistas na busca por um contrato melhor e maior visibilidade. Na Inglaterra, no final dos anos 70, diversas produtoras regionais foram criadas a custo barato, gravando artistas indiscriminadamente e em alta velocidade de produção. É possível pensar que, em relação às tecnologias de produção cultural e audiovisual, era uma experiência da utilização dos meios de produção individualizados, ou em posse de coletivos não

213 Ver McNeil, Legs & McCain, Gillian, *Mate-me Por Favor - Uma História Sem Censura do Punk*, São Paulo, L&PM, 1997.

214 Muñoz, Germán & Marín, Martha, "En la música están la memoria, la sabiduría, la fuerza...", *Estudios sobre las Culturas Contemporaneas*, vol. XII, n. 23, Universidad de Colima, junho/2006.

industriais, para a realização por parte do produtor direto de sua expressão cultural. É uma demonstração de uma cultura de oposição, empregando forças produtivas individualizadas ou coletivizadas, recriando as relações individuais e coletivas a partir da maneira de se realizar determinada expressão comunitária.

Um caso exemplar destas primeiras experiências do termo "faça você mesmo" na produção de mídia está na criação de peças gráficas conhecidas como fanzines. O pioneiro destas publicações neste ambiente foi o "Sniffin' Glue" da Inglaterra, influenciado pela revista "Punk", editada nos EUA. Propositadamente com uma estética artesanal, sobreposição de imagens, letras recortadas de revistas e jornais, técnicas de recortar-e-colar e escritos a mão davam a aparência rudimentar da publicação que tinha como idéia multiplicar essa forma incentivando outros a produzirem seus próprios meios e redes de comunicação a partir de um interesse em comum. "Todos vocês, garotos que lêem Sniffin' Glue, não se sintam satisfeitos com o que nós escrevemos. Vão e comecem seus próprios fanzines"²¹⁵.

Análises das produções de fanzines os identificam como novas ou especiais formas de comunicação²¹⁶, mas principalmente no que concerne a uma atitude diferenciada dos produtores em relação tanto com seu produto como com seu "público". Para Stephen Duncombe por exemplo, as publicações privilegiam "the ethic of DIY (FVM)": "make your own culture and stop consuming that which is made for you"²¹⁷. A produção de informação, desta maneira, acompanhava uma conduta punk que estava relacionada, entre outras coisas, com uma oposição à ética hippie²¹⁸, à afirmação da origem operária inglesa, ao individualismo, à falta de esperança nos modelos de convivência social, à

215 A frase "Don't be satisfied with what we write. Go out and start your own fanzine" foi estampada em seu primeiro número, assim como a transcrição de três acordes de guitarra com a legenda: "Agora façam suas próprias bandas".

216 Duncombe, Stephen, *Notes From the Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture*, Londres, Verso, 1997; Wertham, Frederic, *The World of Fanzines: A Special Form of Communication*, Southern Illinois University Press, 1973.

217 ibidem

218 Alguns conceitos formadores das condutas punk como a importância da masculinidade, a agressividade perante as instituições, a respeito às origens, traçaram um tenso histórico de confronto entre estes dois tipos de conduta contemporâneos – ver: Clarke, John, 1982

necessidade de ir além dos limites estéticos e morais e a uma ação direta contra aquilo que representasse controle e limitações. "For fanzine producers, the DIY process critiques mass production through the very handmade quality it embraces, but also in the process of appropriating the images and words of mainstream media and popular culture"²¹⁹. Os estudos sobre a cultura e o modelo de atitude e o modo de produção, identificam nessas publicações elementos tanto de oposição ao sistema de produção de informação quanto de crítica à indústria cultural de massa. A colagem de imagens e palavras, os desvios de sentidos e a alteração de significados usados na produção das publicações também nos faz notar o desprezo à propriedade intelectual e aos direitos autorais, remetendo-nos a heranças de movimentos políticos e estéticos, notadamente o situacionismo²²⁰. Exemplo disso são os materiais não assinados ou produzidos sem licenças restritivas em "copyright" e a impessoalidade das divulgações.

No mesmo espectro do FVM, o termo ativismo é igualmente usado para designar algum tipo de ação direta ligada à uma cultura de oposição. Da mesma maneira, não encontra lapidações teóricas que nos permitem descrevê-lo concretamente, mantendo-se num mesmo universo nebuloso e genérico que identifica tipos de ações políticas realizadas a partir dos anos 60 e ligadas aos movimentos “contra-culturais”, sendo extensamente usado para descrever o papel dos movimentos norte americanos do final daquela década, como o Free Speech Movement, os Yippies e as demais lutas identitárias relacionadas às políticas de gênero, raciais e ecologistas²²¹. Veremos a seguir um aspecto da emergência do termo ativista e pontos da discussão que o termo provoca na última passagem do século, para em seguida

219 Triggs, Teal, “Scissors and Glue: Punk Fanzines and the Creation of a DIY Aesthetic”, *Journal of Design History*, n. 1, vol. 19, disponível em <http://jdh.oxfordjournals.org/cgi/content/full/19/1/69#BIB3>

220 A estética punk tem conexões com conceitos e práticas situacionistas. O emprego de táticas como o *détournement* influenciou a forma dos fanzines da época, e Jamie Reid, diretor de arte do grupo Sex Pistols, e Malcom McLaren, empresário do grupo, foram membros de uma seção inglesa da internacional Situacionista, a *King Mob*, como nos aponta Triggs, na referência citada acima.

221 Ver Weisenfeld, Judith, *African American Women and Christian Activism*, Londres, Harvard University Press, 1997; Horn, Gerd-Rainer, *European Socialist Respond to Fascism: Ideology, Activism and Contingency in the 30's*, Oxford University Press, 1996; Montgomery, David, *The fall of the house of labor: The work place, the state, and American labor activism, 1865-1925*, Nova York, Cambridge University Press, 1987.

problematizar a questão tendo em mente o surgimento de um “novo individualismo” e sua respectiva conduta, ou como ele se realiza enquanto ética.

ATIVISMO

Kurt Hiller é um dos primeiros nomes associados ao termo "ativista". Ligado a um tipo de movimento teórico caracterizado como logocracia²²² participou das lutas da revolução alemã de novembro de 1919 defendendo o que seria o "reinado da inteligência", resgatando a idéia platônica do "rei-filósofo". Definido como "trouble-maker" (criador de problemas), era, durante o fim da república de Weimar e início do período fascista alemão, uma figura política que desafiava toda definição da própria política presente nos debates da época. Judeu afastado dos círculos sionistas, ferrenho crítico do comunismo e do nacional socialismo, pacifista fervoroso e declaradamente homossexual, poucas opções de filiação lhe restavam em um período no qual elas pareciam tão necessárias quanto reprimidas. Aparentemente este é o primeiro contexto em que surge o termo que, através do tempo e dos conflitos sociais, viria a se modificar e alterar, da mesma forma que o público que dele se utiliza.

O ativismo é definido pelo léxico da Universidade de Princeton como "uma política de perpetrar ação e militância direta no sentido da conquista de um objetivo político ou social"²²³. Caro dentro do

²²² Em oposição a idéia de democracia, escreveu em 1921 a obra *Logokratie; oder Ein Weltbund des Geistes (Logocracia, ou uma federação mundial do intelecto)* e em 1925, *Verwirklichung des Geistes im Staat. Beiträge zu einem System des logokratischen Aktivismus. (Realização do intelecto no Estado. Contribuições a um sistema do ativismo logocrático)*, para a construção da base teórica do que seria o "reinado da inteligência".

²²³ “a policy of taking direct and militant action to achieve a political or social goal”, conferir <http://wordnet.princeton.edu/perl/webwn?s=activism>

pensamento anarquista, o ativismo se vincula historicamente a práticas de boicotes, greves, ocupações, passeatas e atividades geralmente calcadas na desobediência civil ou em direitos político-sociais conquistados, no sentido de abalar ou modificar determinada condição dominante²²⁴.

Embora não seja recente, o ativismo foi reconfigurado e a ele foi creditado boa parte das classificações sobre as políticas dos "novos movimentos sociais". Numa brilhante pesquisa sobre estes movimentos no contexto estadunidense, desde a luta pelos direitos civis até as manifestações de Seattle em 1999, Thomas Vernon Reed mapeia e configura diversas manifestações que dão um excelente panorama de como se recriou a noção recente de ativismo, tendo em vista a nova configuração material e subjetiva da sociedade global, notadamente a norte-americana. Ele argumenta que "Movimentos sociais - não autorizados, não oficiais, anti institucionais, ações coletivas de cidadãos comuns tentando mudar o mundo - têm modelado nossa política, nossa cultura e nossa cultura política tanto quanto qualquer outra força"²²⁵. Iniciando pelo movimento Afro Americano pelos direitos civis, Reed nos mostra que, a partir de então, os aspectos políticos passaram a ser parte constituinte dos movimentos culturais, identitários, "menores", assim como esta esfera "civil" também passou a abarcar as lutas políticas dos movimentos sociais, configurando uma nova maneira de realização das práticas culturais como vida social.

Embora proeminentemente advindos da sociedade civil, os elementos que situam-se no campo ativista não têm as características de formação ou tendência ao que Gramsci chamou de “bloco histórico”, nem suas ações são voltadas para a criação de “contra hegemonias”. A idéia de que “um certo tipo de vida e pensamento é dominante, e é difundido por toda a sociedade para influenciar normas, valores e gostos, práticas políticas e relações sociais (...) é baseada numa organização

224 Reed, Thomas Vernon, *The Art of Protest, Culture and activism from the civil rights movement to the streets of Seattle*, University of Minnesota Press, 2005.

225 Reed, Thomas Vernon, *The Art of Protest...*, op. cit.

específica de consentimento, que tem uma base econômica mas não está limitada a ela (...) porque resulta de uma combinação de coerção e consentimento, realizada através da cooptação hegemônica de grupos da sociedade civil, resultando numa “ortodoxia coerciva”²²⁶, não encontra respaldo nem nas análises do poder (como vimos nos exemplos das táticas de mídia), nem nos modelos de ação de resposta perpetrados pelo ativismo.

As alternativas focadas numa contra hegemonia são fruto de uma análise diferente dos modos do exercício do poder e da dominação atuais, e dessa forma, a construção de uma cultura de oposição não pretende criar blocos ou forças na qual o foco seja inverter o modelo, mas antes procuram pulverizar as revoltas e disseminar políticas “menores”. Mesmo que dessa forma, a criação de “grupelhos”²²⁷ seja uma constante e que a viabilização de uma alternativa consensual fique gradativamente mais distante.

O ativismo midiático refere-se, portanto, a um tipo de conduta (vinculado ao FVM) relacionada à ação direta e à participação política dentro da esfera da mediação, representação e produção cultural. É um escopo de onde parte e onde se inserem diversas experiências de manipulação e subversão das mensagens dominantes bem como plataformas de difusão de críticas e oposições culturais.

Em um texto recente e que reverberou consideravelmente nos meios que se proclamam ou têm conexões com "ativismos", seu autor Andrew X faz uma crítica aos movimentos ativistas focando principalmente nos atores britânicos e nos eventos de 18 de junho de 1999²²⁸. Ele argumenta que o

226 Katz, Hagai, “Gramsci, hegemonia, e as redes da sociedade civil global”, *REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales*, vol. 12, n.2, Junho/2007, disponível em - http://revista-redes.rediris.es/html-vol12/Vol12_2.htm

227 O termo “grupelhos” é de Félix Guattari: “O que está em questão agora é o trabalho da verdade e do desejo por toda parte onde pinte encanação, inibição e sufoco. Os grupelhos de fato e de direito, as comunas, os bandos, tudo que pinta no esquerdismo tem de levar um trabalho analítico sobre si mesmo tanto quanto um trabalho político fora. Senão eles correm sempre o risco de sucumbir naquela espécie de mania de hegemonia, mania de grandeza que faz com que alguns sonhem alto e bom som em reconstituir o “partido de Maurice Thorez” ou o de Lenin, de Stalin ou de Trotsky, tão chatos e por fora quanto seus Cristos ou de Gaulles, ou qualquer um desses caras que nunca acabam de morrer”. GUATTARI, F. A, *Revolução Molecular*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

228 Neste dia, simultaneamente ao vigésimo quinto encontro do G8, em Köln, Alemanha, foi convocada uma ação global

ativista se tornou um "expert" no ofício do protesto e que traduz sua atividade como o faria em um emprego ou carreira. Critica a noção de vanguarda que se criou nos meios ativistas e a reprodução da divisão do trabalho transplantada para as atividades de protesto: "O ativista se identifica com o que ele faz e o encara como sendo sua função ou papel na vida, como um emprego ou carreira (...) sendo alguma espécie de privilegiado ou estando mais avançado do que os outros na sua apreciação do que é necessário para a transformação social"²²⁹.

No texto, ele diagnostica uma separação entre o sujeito ativista e sua causa, o que não permitiria tratar a questão de forma unificada e completa: "O papel do ativista cria uma separação entre fins e meios: sacrifício próprio significa criar uma divisão entre a revolução como amor e alegria no futuro e o dever e a rotina agora. A visão de mundo do ativista é dominada pela culpa e obrigação porque o ativista não está lutando por ele mesmo, mas por uma causa separada"²³⁰.

Mesmo que sua crítica encontre fundamento, a separação entre amor e dever, alegria e rotina, futuro e agora, caso eliminada, suprimiria a diferença entre o ativista e sua causa, alocando ambos em uma unidade de realização comparada a uma vocação: "o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida"²³¹. Adicionando a ética do FVM, essa aliança destrói os intermediários e realiza a nova individualidade de acordo com o postulado de que meios e fins estão juntos numa perspectiva de uma conduta para a aquisição de objetivos, mesmo que dentro de uma multiplicidade possível de filiações.

Nas palavras do próprio Andrew X: "Nossa atividade deve ser a expressão imediata de uma luta

contra o capitalismo, denominado "Carnival Against Capitalism", e no Reino Unido, organizado pelo coletivo "Reclaim the Streets", o centro financeiro foi tomado e diversas formas de protesto ocorreram, tais quais voltas de bicicleta para forçar o fechamento de ruas, ocupação de bancos, dentre outras. Referências em: http://en.wikipedia.org/wiki/Carnival_against_Capitalism, <http://bak.spc.org/j18/site/index.html> e <http://infoshop.org/page/J18>

229 <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/07/31720.shtml>

230 *ibidem*

231 Weber, Max, *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, op. cit.

real, não da afirmação da separação e distinção de um grupo particular. Em grupos marxistas, a posse da "teoria" é o elemento que determina o poder – é diferente do meio ativista, mas nem tanto assim. A posse do "capital social" (conhecimento, experiência, contatos, equipamentos etc.) é o elemento primário determinante do poder"²³².

Se a militância era relacionada com partidos, sindicatos, lutas de classes e à política "formal", o ativismo está próximo de uma movimentação das novas formas de se fazer política, como intervenções midiáticas e artísticas, ações diretas ou mobilizações coletivas autônomas. Não é a ética que os difere, mas sim um meio, uma técnica cotidiana baseada em determinados métodos. Assim, marca um dever do indivíduo, diferenciado dos esquemas tradicionais em métodos, mas permanecendo com uma qualidade que, antes das maneiras empregadas, traduz-se como o equivalente weberiano de um espírito: “Na verdade, o que é aqui pregado não é uma simples técnica de vida, mas sim uma ética particular, cuja infração não é tratada como uma tolice, mas como um esquecimento do dever”²³³. O apelo para um rumo “vocacional” do ativismo é análogo ao apelo pela ética que constrói uma tendência formadora da lógica da reprodução do capitalismo.

Da mesma forma que Weber considera que a *auri sacra fames* existiu por toda a história e que, em si, não define a conduta individual que é suporte para um determinado “espírito” de uma época, as reações e práticas de oposição não são igualmente fenômenos típicos do capitalismo nem mesmo fruto da negação eterna ou crítica da busca insaciável por riqueza. Deste modo, ao invés de analisar “uma simples técnica de vida”, o problema que se coloca é a verificação de se o tipo de *ethos* carregado por estas culturas de oposição difere-se da lógica racional de uma ética orientada a valores e posteriormente, a fins. Numa improvável junção das duas esferas (fins e valores), a nova oposição aguça os modelos de racionalidade e mescla política com crença numa tentativa de livrar-se da

²³² ibidem

²³³ Weber, Max, *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, op. cit.

separação entre “dever e amor”. Onde situa-se, portanto, na formatação das recentes lutas anti-autoritárias e subversivas, aquele “ethos particular” condutor da lógica individual que confere uma ética presente nestes movimentos?

O conceito de FVM é advindo de operações, cálculos, maneiras de operar que têm no indivíduo seu núcleo de subsistência. A ativismo contém novas relações entre meios e fins que encontram na “nova individualidade” opções de aparecimento e realizações. Ambas as esferas se portam obcecadas pela prática, pelo “fazer”.

O ativista do FVM é um sujeito, como quer Andrew X, que deve eliminar a divisão do trabalho como reflexo de suas ações. Deste modo, confere-se a este tipo de ativismo aquela qualidade do novo individualismo que busca, num universo fragmentado de crenças, *valores emocionais e significados*. Acreditando que a junção entre valores individuais e objetivos de realização e fins (tomado quase como religião) só pode ser praticada com o fim de intermediários e de barreiras que se oponham a esta “vocação”, a lógica da racionalidade do “ativista-FVM” recai na exata medida da junção entre o que o indivíduo acredita e o que ele “deve” fazer para a realização dos objetivos: o trabalho enérgico numa vocação que “constitui, antes de mais nada, a própria vida”²³⁴.

Tanto do ponto da racionalidade técnica (elementos compostos por regras e quantificações numéricas, mediadores e objetos de representação focados na eficácia dos resultados) quanto do ponto das condutas, as novas configurações das lutas de oposição não superaram o “espírito do capitalismo”, segundo Weber, mais do que tudo, as “forças motivadoras de sua expansão”. A mescla do conhecimento técnico em mãos de uma classe de produtores que se define como ativa politicamente, com um ethos de realização que combina “vocações” e que se debate sobre seus meios de atuação como uma realização da vida, define uma camada de “ativistas midiáticos” que recebem o

234 Weber, Max, *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, op. cit.

desenvolvimento tecnológico a partir de uma transformação de costumes e não se livra da lógica racional da eficácia por uma crença.

O que está em discussão aqui não refere-se à busca de riqueza ou às maneiras espirituais que lhe dão suporte, mas sim a uma mudança simbólica na maneira de vida e de visão de mundo, sem alteração na lógica racional do fazer, dever, indivíduo e fim, mantendo-se inalterado o modelo de filiação a uma ética do resultado, acima do protesto e da noção de que a ordem dos valores e das culturas se dão a partir e dentro da mesma racionalidade presente nas instituições e idéias que “ativistas” pretendem combater.

3.3 – REALIZANDO A CIBERCULTURA

Cyberspace. A consensual hallucination experienced daily by billions of legitimate operators, in every nation, by children being taught mathematical concepts... A graphic representation of data abstracted from banks of every computer in the human system. Unthinkable complexity. Lines of light ranged in the nonspace of the mind, clusters and constellations of data.
(William Gibson – Neuromancer)

Nesta seção do trabalho, examinamos a formação do “ciberespaço” como um lugar onde se abrem novas fronteiras de conflitos. Não podendo ser usado como sinônimo de Internet nem análogo ao seu contexto original, refere-se a um tipo de configuração do espaço social constituído por um ambiente inteiramente diferente dos conhecidos até então. Representa a construção de um mundo tecnológico e informacional, onde os atores se inserem de diferentes modos, identidades e

representações e é indefinível em termos geográficos²³⁵.

Os termos derivados, cibercultura, ciberpunk, ciberfeminismo, cibermundo e em diante, são todos advindos da idéia da junção da *cibernética* com modelos de comportamento e culturas. A Cibernética²³⁶ foi introduzida principalmente por Norbert Weiner em 1948 e denota um campo de estudo separado, mas referente a diversas áreas e disciplinas como engenharia elétrica, matemática, biologia, neurologia, sistemas de controle e teoria sistêmica. Principalmente, indica a junção e a aproximação destes campos com os sistemas tecnológicos de manipulação de informação. Contemporânea à elaboração da Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação, representa o desenvolvimento e criação de ambientes informatizados de controle e manipulação de dados e construção de uma ligação dos sistemas biológicos com os informacionais²³⁷.

O ciberspaço, por sua vez, é um indício central da construção que substitui o confinamento como forma imperante de vigilância e gerenciamento. É a emergência de uma forma revolucionária que indica a liquidação do fixo, do hermético, do fechado e do físico como ponto nodal das condutas sociais: “A dialética moderna do fora e do dentro cede ante o jogo de graus e intensidades, de hibridismo e de artificialidade desta outra configuração social. A sua fluidez e velocidade permitem que a produção das subjetividades assim como do social não mais se limitem a lugares específicos (...) pressupondo não apenas novos conceitos, como também a redefinição de categorias antigas e já bastante analisadas”²³⁸. Indica, com isso, o aparecimento de um novo campo de batalha, conflito e

235 Obviamente é possível definir onde estão fisicamente as conexões, pessoas e locais com maior incidência no ciberspaço, porém isso não o define como geográfico, já que sua constituição aparentemente elimina o local, substituindo-o pelo “ambiente” de um outro “mundo”

236 Derivação da palavra grega Κυβερνήτης, o termo refere-se à um sistema de governança, condução, direção ou navegação, de onde se origina também o vernáculo moderno *governo*.

237 Não é nossa intenção estudar profundamente o campo cibernético, mas sim, apontar as origens e modificações dos conflitos políticos e culturais que proliferam tendo como base um “lugar” criado pela tecnologia de comunicação onde se reformulam todas as noções, fronteiras e barreiras e para onde se projeta a radicalização dos conflitos da sociedade moderna.

238 Santos, Tarcyanie Cajueiro, “O Ciberespaço: Dimensão antropológica das sociedades de controle”, *Textos de la*

política, que se sustenta em novas bases e exige novos atores. Porém essa revolução não aponta uma emancipação, nem mesmo a superação da lógica dominadora, às vezes, pelo contrário, aguça e cirurgicamente atinge seu objeto de controle de maneira mais sutil e precisa mas, não menos violenta ou impositiva.

CIBERPUNK

O termo *Cyberpunk* nasce pelas mãos do escritor estadunidense Bruce Bethke como título de um conto de ficção científica na revista "Amazing", volume 57, número 4, de novembro de 1983. A intenção, segundo o autor, era somente juntar em uma história a atitude punk e alta tecnologia. Representa o início de um sub-gênero literário chamado de *Nova ficção científica* e que compreende elementos tecnológicos, explorando as conseqüências deste desenvolvimento para o cotidiano e realidade das personagens. Caos urbano, controle sociotécnico e rebeldia social são focos de uma narrativa considerada "a suprema expressão literária, se não do pós-modernismo, do próprio capitalismo tardio (*late captalism*)"²³⁹.

O principal elemento destas produções, que tem em "Neuromancer" de William Gibson seu maior expoente, é a junção do que se chamou de "hi tech" e "lo life", ou seja, alta tecnologia e vida baixa. A visão de uma distopia futurística é o palco de histórias sobre pessoas vítimas de manipulações corporais e controle social. Ambientado num futuro não tão distante, a literatura relata conflitos entre personagens marginalizados, que sobrevivem no limite de uma sociedade altamente informatizada e obscura. Esta distopia conta com elementos de inteligência artificial, uma sociedade em rede e grandes

CiberSociedad, n. 6, 2005, disponível <http://www.cibersociedad.net/>

²³⁹ Featherstone, Mike & Burrows, Roger (orgs.), *Cyberspace Cyberbodies Cyberpunks - Cultures of technological embodiment*, Londres, Sage Publications, 1995.

corporações controladoras de ambientes inteiros, numa visão sobre uma sociedade pós industrial em que a tecnologia, diferentemente da noção moderna, é um desafio e um fardo para boa parte dos membros destas sociedades.

Ao juntar dois elementos, a saber, a eminência de uma sociedade tecnológica, controlada, urbanizada, panóptica e em rede, e o ser marginalizado, rebelde, contestador, auto suficiente e desnorteado, a literatura ciberpunk renovou a ficção científica e colocou o debate tecnológico em contato com uma espécie de subcultura que veio à tona no limiar da sociedade informatizada e que carregava menos perspectiva política do que uma revolta sem nome, desfigurada e multidirecionada. Como nos aponta André Lemos, "o gênero de ficção científica que viria a ser chamado cyberpunk, foi se formando ao longo da primeira metade da década de oitenta em fanzines e outras publicações americanas e européias. O movimento, na época ainda sem um nome, tinha seu ponto focal no fanzine Cheap Truth, de autoria do escritor Bruce Sterling. Lançado em 1982, Cheap truth era um folheto de uma página, distribuído gratuitamente com textos publicados sem copyright. Os textos eram lançados sob pseudônimos, numa tentativa de minimizar o culto à personalidade"²⁴⁰.

Tanto na forma (fanzines), que mantinha a idéia de uma auto produção ligada a uma estética tosca, artesanal, que nos remete ao "faça você mesmo" ou ao "não odeie a mídia, seja a mídia"²⁴¹, quanto no conteúdo, que abordava uma nova visão da ficção científica e um niilismo contemporâneo baseado no caos tecnológico e urbano, as produções apresentavam elementos novos numa aliança entre técnica e política que influenciaria muitos movimentos e idéias sobre a atuação nos meios de comunicação atuais e comportamentos sociais.

²⁴⁰ Lemos, André, "Ficção científica cyberpunk. O imaginário da cibercultura", *ComCiência - revista eletrônica de jornalismo científico*, n. 59 ("Ficção e Ciência"), outubro/2004, conferir em <http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/11.shtml>

²⁴¹ Frase utilizada pela primeira vez por Jello Biafra, vocalista da banda punk "dead kennedys" e que se tornou slogan utilizado pelo centro de mídia independente - CMI - www.midiaindependente.org

Ainda nas palavras de Lemos: "Mesmo sendo distopias, as histórias vão além da relação de dualidade entre a “tecnofilia” e a “tecnofobia” que marcou a ficção científica até então. (...) é uma paródia do presente. Assim, o universo da ficção-científica cyberpunk põe em conjugação o reino da tecnologia de ponta, da racionalidade da *hard science*, por um lado, e do subterrâneo, do poder ditatorial de mega-corporações, de inteligências artificiais, de vírus e do caos urbano, por outro”²⁴². Neste ambiente de uma sociedade eletrônica surge o anti-herói clássico das novelas.

O personagem ciberpunk é um ser em protesto e que por seu conhecimento superior em determinadas áreas (aqui, devido ao enfoque tecnológico que as histórias sustentam, esta superioridade se encontra em termos de manipulações técnicas e conhecimentos cibernéticos em geral), aplica sua inconformidade no sentido de uma mudança comportamental sem ser prejudicial de maneira violenta ou agressiva²⁴³.

Agentes da interferência no “ciberespaço”, estes personagens fazem parte da experiência literária que ilustra a criação de um lugar de conflito no qual aquelas manipulações corpóreas, de inteligências artificiais, próteses e dispositivos de manipulação da realidade tomam corpo. A suplantação do termo para identificar uma “fronteira eletrônica” ligada aos meios portadores de informação e as relações que se dão no ambiente formado pela interconexão destes, relaciona-se mais com um recurso apelativo e puramente de impacto semântico do que com a real existência do ambiente relatado nas ficções que originalmente criaram o nome.

As utilizações correntes que pretendem designar uma malha eletrônica e informacional integrada em rede para suporte e transações de conteúdos e valores imateriais, referem-se mais a uma

²⁴² ibidem

²⁴³ O personagem principal de Neuromancer é assim descrito: “el vaquero en la obra de Gibson es un pirata (eminentemente solitario que coopera tácticamente con otros vaqueros o bandas organizadas de traficantes de datos) que practica el curso informativo al servicio de algún cliente al que en más de una ocasión, tarde o temprano, acaba traicionando”. Domínguez, Gustavo Roig, “Hacktivismo: Hackers y Redes Sociales”, *Revista de estudios de juventud*, n. 76 (março/2007), p. 201-223.

“realidade virtual”, que, conforme podemos observar, nos indicam duas perspectivas distintas de análise. A primeira está relacionada com uma criação que, como nos aponta Laymert Garcia dos Santos, "(...) é o resultado da interação homem-computador (...) é a geração de um mundo a partir de uma relação homem-máquina, um mundo criado artificialmente, que o usuário (...) pode habitar"²⁴⁴. Essa aproximação faz com que se criem múltiplas realidades e identificações, operando mutações nos sujeitos reais a ponto de obtermos diferentes perspectivas e questionarmos sobre qual realidade fazemos parte. Correntemente é usada para jogos, entretenimento e explorações tecnológicas de cunho futurístico e imaginário.

A segunda perspectiva nos parece mais útil e dentro dela abrem-se novos conflitos. Refere-se não a uma projeção do presente tecnológico como outra realidade, mas sim com os conflitos sociais que se abrem a partir do fato da migração de uma realidade agindo sobre outra. Uma relação "entre o presente e o futuro". Conseqüentemente, ocorre uma transferência no campo de conflito do presente para o devir, ou do atual para o virtual. A migração de toda a atualidade dos sistemas sócio culturais para o campo da informação ou da informática evidencia uma imagem propagada nas obras ciberpunks: o deslocamento do conflito pessoal, político e social para um campo mediado por tecnologia e estruturado na tecnopolítica, mesmo que as materialidades imaginadas nas ficções não estejam presentes. Isso significa que, como criação humana - desenvolvimento técnico aplicado e aplicável econômico e politicamente - este ambiente é uma nova plataforma de conflitos e discrepâncias, e que nele se inserem não somente elementos da criação tecnológica como movimentos sociais reais e conceitos que se encontram em ambas as esferas, atual e virtual.

Os números estrondosos de acesso à rede mundial de computadores, a telefones, videoconferências e sistemas integrados de informação, bem como o nível de importância política e

²⁴⁴ Santos, Laymert Garcia, *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*, São Paulo, Ed 34, 2003.

econômica que se confere a este terreno, são evidências da realização de um complexo que transfere elementos do atual, descaracterizando identidades, espaços-tempo e mobilidades para uma malha tecnológica.

A afirmação de que "O ciberespaço matou o ciberpunk"²⁴⁵ nos indica que não há mais nada de ficção na criação distópica de um futuro em rede. Ao contrário, a realidade tecnológica desmonta o ambiente no qual o futuro seria similar ao enfrentado pelo personagem das novelas. Como imperativo técnico, a transferência da realidade para um mundo informacional há que parecer mais natural e espelhar a visão benéfica e espetacular das tecnologias, revertendo novamente a imagem do futuro. Do otimismo da modernidade para a visão do universo desolado, abandonado e amedrontador do ciberpunk, e novamente por um "futuro imaginário"²⁴⁶ de proporções fantásticas e possibilidades extremas. A realização da tecnologia enquanto objeto de consumo facilitador e arquitetura natural das trocas de informação escondeu a face dominadora da imagem social ciberpunk e eliminou a ficção dos conflitos que ocorrem nessa esfera. A necessidade do consumo aliada à criação do desejo e o postulado positivo da "inclusão" tecnológica fazem a visão sombria e pessimista de um futuro controlado nos parecer "tão fora de moda quanto um disco rígido da década de 80"²⁴⁷.

HACKERS

Hack significa “talho, brecha, rachadura, abertura, mercenário, sendeiro”²⁴⁸ e *hacker* é o

²⁴⁵ Maddox, Tom, “After de Deluge: Cyberpunk in the 80's and 90's”, in Miller, Bruce & Wolf, Milton T., *Thinking Robots, an Aware Internet, and Cyberpunk Librarians*, Chicago, Illinois, Library and Information Technology Association, 1992, disponível em <http://www.cni.org/pub/LITA/Think/TOC.html>

²⁴⁶ Ver Barbrook, Richard, *Imaginary Futures*, op. cit.

²⁴⁷ Leonard, Andrew, “Is cyberpunk still breathing?”, *Salon*, 14/09/1998, disponível em <http://archive.salon.com/21st/books/1998/09/14books.html> - 2000

²⁴⁸ Serpa, Osvaldo, *Dicionário Inglês Português / Português Inglês*, Rio de Janeiro, FENAME – MEC, 1977.

machado que se usa para realizar estas brechas e rachaduras no artesanato em madeira. O termo é usado para designar uma classe de exploradores de tecnologias de informação que geralmente buscam atravessar estruturas constituídas nas tecnologias digitais, bem como criar programas e ferramentas no universo informático além de explorações lúdicas mesmo em ambientes fora das redes de computadores²⁴⁹. Historicamente, alguns vêm suas raízes nos vários agentes de interferência em sistemas de comunicação, mas enquanto categoria reconhecível e como uma comunidade auto declarada ele aparece a partir da emergência da programação de computadores em centros de pesquisa nos EUA na década de 60.

Bruce Stearling, por exemplo, em seu livro "Hacker Crackdown"²⁵⁰ cita que a "fronteira eletrônica", da qual trata o livro, estava presente já há mais de cento e trinta anos. Ele a anuncia como "o lugar entre dois telefones": "O "ali" indefinido, onde os dois de vocês, seres humanos, na verdade se encontram e comunicam". Com isso, identifica o nascimento do hacker, como figura transgressora de determinado sistema ou de algum ordenamento prévio que ele intenta reverter. Stearling exemplifica com o caso da Bell Labs, monopolista detentora dos sistemas telefônicos nos Estados Unidos que em 1878 tinha como empregados em suas centrais adolescentes do sexo masculino. Este fato se mostrou um desastre para a idéia de serviço público asséptico, regular e padronizado que desejavam seus diretores: "The boys were openly rude to customers. They talked back to subscribers, saucing off, uttering facetious remarks, and generally giving lip. (...) And worst of all they played clever tricks with the switchboard plugs: disconnecting calls, crossing lines so that customers found themselves talking

249 Um dos mais renomados Hackers da atualidade define: "The hacking community developed at MIT and some other universities in the 1960s and 1970s. Hacking included a wide range of activities, from writing software, to practical jokes, to exploring the roofs and tunnels of the MIT campus.(...) hacking means exploring the limits of what is possible, in a spirit of playful cleverness. Activities that display playful cleverness have "hack value". Stallman, Richard, "On Hacking", disponível em - <http://www.stallman.org/articles/on-hacking.html>

250 Stearling, Bruce, *The hacker crackdown: law and disorder on the electronic frontier*, Nova York, Penguin, 1992.

to strangers, and so forth"²⁵¹. Esta razão fez com que mulheres fossem contratadas para fazer o serviço, o que permaneceu até serem abolidas as funções de "operadoras" ou "telefonistas".

Um hacker é definido como um entusiasta de sistemas de computação e das tecnologias eletrônicas e que usa o seu conhecimento e sua paixão, não só para um gozo e prazer intrínseco à programação de software, como para desenvolver melhorias, apontar falhas ou moldar soluções. O hacker é antes de tudo um curioso, um técnico que deseja verificar até onde pode ir seu conhecimento a fim de verificar alternativas nas arquiteturas de determinado sistema, e o faz acreditando que "poner en común la información constituye un extraordinario bien, y que además para ellos es un deber de naturaleza ética compartir su competencia y pericia elaborando software gratuito y facilitando el acceso a la información y a los recursos de computación siempre que ello sea posible"²⁵². Richard Stallman confere também à comunidade hacker a característica comum de três fatores: "playfulness, cleverness, and exploration"²⁵³.

É de responsabilidade de auto-denominados Hackers, bases fundamentais da situação na qual se encontra atualmente a sociedade no que se refere ao nível tecnológico e informático. A criação de uma rede interligada de computadores antecessora à atual Internet, a criação do computador pessoal, o desenvolvimento de sistemas operacionais, a criação de softwares etc. A partir de uma identificação entre pessoas que fazem do ofício técnico uma paixão e tratam a técnica de um ponto de vista teórico, nasce uma "ética hacker", que como nos mostra Himanen "es una nueva moral que desafía la ética protestante del trabajo, (...) se funda en el valor de la creatividad, y consiste en combinar la pasión con la libertad. El dinero deja de ser un valor en sí mismo y el beneficio se cifra en metas como el valor

²⁵¹ ibidem

²⁵² Himanen, Pekka, *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*, Nova York, Random House, 2001. Em espanhol disponível em <http://www.geocities.com/pekkahacker/pekka.pdf>

²⁵³ Algo como "divertimento, esperteza e exploração". Stallman, Richard, "On Hacking", op. cit.

social y el libre acceso, la transparencia y la franqueza"²⁵⁴.

A figura do hacker é curiosamente uma figura solitária e em rede. Solitária, pois em seu ofício paixão e prazer no ato de programar computadores se isola de maneira a ocupar parte considerável de seu tempo enraizado em "explorações lúdicas", desenvolvendo, aprendendo e explorando o universo de um ambiente que se constitui informático. Em rede, pois a figura do hacker também só se apresenta em função de um outro, seja este outro um colaborador, com quem troca informação ou auxilia em determinado desenvolvimento, seja a própria rede, emaranhado de informação e códigos que constitui por excelência seu campo de atuação, na forma de busca de afinidades eletivas e desafios técnicos.

Pekka Himanen diferencia em seu trabalho a ética hacker da ética protestante, pondo frente a frente a conduta do hacker e a conduta apontada por Weber em sua obra mais clássica. O principal ponto é a diferença entre os "modos de trabalho", que enquanto para o protestante se constitui um dever, entendido como a realização de uma vocação (*beruf*), para o hacker tem mais a característica de fruição e é intrínseca a sua atividade. Embora verifique que o trabalho na sociedade pós-industrial ainda representa um fator central e que as mutações tecnológicas e culturais não o liquidaram como forma dominante para a manutenção do capitalismo, Himanen coloca que esta "ética hacker" "consiste en su propuesta, de un espíritu alternativo para la sociedad red, un espíritu que finalmente cuestiona a la ética protestante. Y sólo en este sentido cabe afirmar que todos los hackers son realmente crackers"²⁵⁵: porque intentan romper el cerrojo de la jaula de acero"²⁵⁶.

Similar ao aspecto da bricolagem no pensamento de Certeau²⁵⁷ o hacker realiza explorações lúdicas com a informação na forma de montagens, táticas, remodelamentos de estruturas e plataformas

254 Himanen, Pekka, *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*, op. cit.

255 Crackers são considerados hackers com más intenções, que invadem sistemas pela quebra de seus programas de segurança ou cometem irregularidades em benefício próprio.

256 Himanen, Pekka, *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*, op. cit.

257 Ver Certeau, Michel de, *A invenção do cotidiano Artes de Fazer*, op. cit.

tecnocráticas de modo a recriar universos a partir de signos da informação. Esta por sua vez, pode ser considerada unidades manipuláveis, que não se fixam e não tem valor em si, porém compõem um complexo “com lacunas de analogia e significação, onde o arranjo dos elementos, em incessante reconstrução, estabelecem significados que se tornam significante e vice-versa”²⁵⁸. Desta maneira inventam jeitos de dispersar e descentralizar não só a linguagem como também as estruturas tecnológicas nas quais estão inseridos a partir de uma lógica da apropriação em função do reuso, da multiplicação, da troca e do compartilhamento de seu material.

Veremos como aspectos do “hackerismo” transformam um modelo de operação técnica numa maneira de encarar problemas políticos, criando alternativas dentro do campo de batalha em que estão inseridos. Porém, isso não significa que não se subordinam em certa medida à lógica da racionalidade instrumental nem que aquelas alternativas vislumbradas pelo desenvolvimento de sua ética são opostas ao tipo de conduta que gerou a maneira de se operar as tecnologias e os modos que as fazem um sistema reprodutor de dominações.

O maior exemplo deste confronto dentro das estruturas de poder no domínio tecnológico está na importância relevada pelo Software Livre como movimento político e técnico que, de alguma forma, subverte a lógica corrente da produção e das estratégias de controle das arquiteturas informacionais. Veremos a seguir onde e como se situa o software livre neste contexto de disputa política no ambiente da informação.

²⁵⁸ Disconzi, Romanita, “Pintura pós-TV. Uma Reflexão Pictórica Sobre o Meio Eletrônico”, Porto Alegre, 1998, disponível em <http://www.casthalia.com.br/periscope/romanitadisconzi/pinturapostv.htm#inicio>

SOFTWARE LIVRE

"Essa tendência se vê abertamente ilustrada na luta que, no centro dos dispositivos de poder do capital, os artesãos dos programas de computador e das redes livres levam adiante (...) Trata-se aqui de uma dissidência social e cultural que reivindica abertamente uma outra concepção da economia e da sociedade"
(Andre Górz - O imaterial)

O software livre é um programa de computador (conjunto de dígitos binários que instruem operações da máquina) que contém não somente sua forma binária, como também provê o acesso aberto a seu código fonte, o que possibilita a intervenção em sua linguagem, sendo possível alteração em seu funcionamento. Mas principalmente, ele significa uma politização da técnica em sua defesa pela noção de "liberdade". Esta noção de liberdade não se restringe à liberdade operacional sobre o programa, mas sim a uma nova maneira de lidar com a sociedade, a cultura e a economia, abarcando noções como conhecimento aberto e compartilhado, "economias da dádiva", produção colaborativa, e assim por diante. Seu argumento é, como menciona Richard Stallman, "proteger o direito ético de compartilhar informação".

Através de *Free Software Foundation* (FSF), mais importante instituição relativa ao software livre, criou-se, para ele, uma licença de uso denominada GPL (GNU General Public License), que permite aos usuários determinadas liberdades operativas e proíbe o fechamento do software nos moldes que as empresas produtoras de software proprietário fazem. Um programa, para ser considerado "free software", há que cumprir com determinadas condições, resumidas em quatro liberdades: de rodar o programa para qualquer propósito, de estudá-lo e adaptá-lo às suas necessidades, de redistribuir cópias com finalidades solidárias e de melhorar o programa e torná-lo público em benefício de uma comunidade. As três últimas liberdades pressupõem o acesso ao código fonte do software. Outra condição é a de a distribuição ser feita sob o uso da mesma licença inicial, o que impede pessoas e

grupos de tornar um software livre em um proprietário, patenteando-o e cobrando royalties por sua comercialização. A este impedimento de restringir as liberdades previstas, deu-se o nome de "copyleft"²⁵⁹. Embora baseada em um direito autoral (copyright), a licença resguarda, por esta característica, as liberdades citadas, não permitindo restrição das operações realizadas no software. Em 1991, quando um kernel²⁶⁰ foi desenvolvido sob a licença GPL, estava completo o primeiro sistema operacional para rodar em computadores pessoais, utilizando inteiramente software livre (programas sob a licença GPL).

Sendo um software um punhado de informações combinadas de determinada linguagem, designadas a cumprir certas operações em um computador, a necessidade de conhecê-lo, ter acesso aos desenvolvedores do programa, poder ler o código fonte e modificá-lo segundo suas necessidades é imprescindível para o melhoramento dos sistemas de informação bem como para a prática dos desenvolvedores, que passam a estudar linguagens abertas e adaptar os programas segundo suas intenções²⁶¹. O software, como punhado de informações, nasce "livre". Isso significa que as restrições proprietárias, os direitos autorais, a cobrança de grandes quantias de dinheiro para se conseguir um programa, foram instauradas por corporações tempos depois da prática de se trocar e desenvolver software já estar naturalizada entre hackers. Vender um punhado de informações ordenadas, fechadas, postas em um suporte físico, com licenças de uso restritivas, oferecendo serviços débeis e instáveis,

259 Contrariamente ao conceito de copyright, o copyleft é descrito pela FSF como "the rule that when redistributing the program, you cannot add restrictions to deny other people the central freedoms. This rule does not conflict with the central freedoms; rather it protects them". The Free Software Definition, disponível em <http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.html>

260 Em português, Cerne, o Kernel é o "Coração de um sistema operacional; a parte do sistema que gerencia a memória, os arquivos e os dispositivos periféricos, mantém a data e a hora, ativa aplicações e aloca os recursos do sistema", conferir em www.digitro.com/pt/tecnologia_glossario-tecnologico.php

261 "Essa diferença reflete uma diferença de postura diante dos meios, a qual envolve uma relação de aprendizado criativo. Afinal, uma vez que estamos falando de produtos inacabados e não de pacotes prontos com manual de instruções e suporte, o ato de instalar e configurar um programa exige um envolvimento mais ativo do usuário estabelecendo uma relação de aprendizado e de troca recíproca – daí alguns autores falarem em gift economy (BARBROOK, 2001)". Caminati, Francisco, "As línguas menores da tecnologia: software livre, acesso e diversidade no mundo digital", CteMe – Unicamp, 2006, disponível em - http://sarava.org/wiki/cteme/uploads/Main/caminati_linguas_menores_06.pdf

com finalidade de lucro, como fazem as grandes empresas de software, é uma prática comercial que sucede as lógicas originais das trocas neste ambiente.

Criado como um movimento contra o fechamento ou a não autorização da manipulação do código fonte de determinados programas de computadores, o software livre identifica-se com uma ética hacker em oposição a uma lógica empresarial das empresas de tecnologia. Num sentido de promover uma descentralização do conhecimento, difusão de informação e uma crítica à autoridade proprietária e fechada, os universos do hacker e do software livre se conectam a priori. As metamorfoses de ambas as esferas tratarão de complexificar esta relação.

Com a entrada do software livre e suas conseqüências para a formatação de políticas de mídia, grupos de oposição passaram a adota-lo exclusivamente. Não é nossa intenção fazer discussões aprofundadas sobre as problemáticas políticas e culturais do software livre e das licenças, mas apontar em que sentido seu desenvolvimento mostra algumas das contradições enfrentadas por aqueles que mesclam em suas políticas e cultura, a técnica e a comunicação.

Sobre o fato de, no atual nível de simbiose entre técnica e cultura, influências serem abarcadas em ambos os sentidos, Eben Moglen, define o software livre como sendo não "meramente sobre uma forma de produção ou um sistema de relações industriais, mas também sobre o começo de um movimento social com objetivos políticos específicos que irá caracterizar não somente a produção de software no século XXI, mas a produção e a distribuição de cultura em geral"²⁶².

A criação e defesa do software livre é, antes de tudo, política. Ela mostra que no seio da estágio mais avançado do capitalismo há vontades e contradições e que os próprios conceitos centrais e locais de disputa se deslocam conforme a base de produção da sociedade evolui; e isso, como conseqüência, expande os horizontes político-culturais num sentido da politização da técnica e da resistência das

262 Moglen, Eben, Freeing the Mind: Free Software and the Death of Proprietary Culture

culturas. O fato de se situar no ápice do desenvolvimento industrial capitalista trata de constituir uma batalha feroz entre os interesses comerciais na produção do conhecimento e de seus meios, por um lado, e a adoção de uma plataforma política e cultural de resistência e embate por outro.

Um software é elemento central da reprodução social nos dias de hoje. É fruto de uma produção cognitiva e não apresenta características similares a mercadorias ordinárias. Ele é essencialmente informacional. Gorz nos aponta que num "capitalismo cognitivo" a "força produtiva decisiva não pode mais reduzir o saber a um denominador uniforme, medido em unidades de valor e tempo. O saber não é uma mercadoria qualquer, seu valor (monetário) é indeterminável".

Quando a produção cultural envolve um tipo de operação técnica relacionada ao uso de ferramentas informáticas, há uma estreita relação entre imperativo técnico (a carga política que está essencialmente inserida na máquina e em suas formas enquanto ideologia) e práxis cultural (a realização em si da subjetividade contida no ser). Quando o elemento político contido na esfera das forças produtivas das realizações culturais é utilizado, eleito e entendido, a utilização consciente das ferramentas técnicas também se torna um ato político, independentemente do conteúdo que se irá produzir. A politização da técnica gera uma mudança nas formas gerais de fazer política. Este fato é reverberado principalmente quando estas mudanças se dão no universo da produção de cultura e podem ser utilizados como recursos para grupos de oposição.

A valorização da quantidade da produção cultural não é em si qualitativamente positiva, e nem necessariamente acrescenta novos elementos ao fazer cultural ou às culturas em si. Pelo contrário, a disseminação de aparelhos produtores de subjetividade, aliada à necessidade de "usabilidade" e à obsessão pelo "fazer", dá às práticas uma banalidade e uma uniformização ordinária, de onde se imagina, pelo simples fato de se estar "produzindo", ser um ator cultural de importância ou estar contribuindo para uma disseminação da cultura. Na inversão da equação, o que deveria ser uma

consciência cultural da utilização de ferramentas e uma apropriação alternativa a fim de construir uma nova lógica para os mecanismos produtores, passa a ser um mero utilitarismo técnico rigidamente controlado pela racionalidade implícita dos sistemas de dominação subjetivos.

Inserido num novo modelo de capital, os softwares em geral são elementos presentes na movimentação que o capitalismo opera no sentido de fazer do conhecimento e da informação, valores comerciais, ou ao menos, tornar este tipo de desenvolvimento "imaterial" ou "cognitivo" em fontes de riqueza e lucro. Neste sentido e por enquanto, estes desenvolvimentos "refletem uma relação de forças, e não relações de equivalência"²⁶³ com o capital tradicional.

Neste nível, a relação que o software livre tem com uma mudança nos padrões econômico e culturais não é tanto sua utilização nem tampouco sua difusão, já que uma alteração na operação da técnica para o usuário final, é restrita em termos de mudança da postura cultural e política. O que resiste é o pensamento constituinte de uma mudança na percepção do modo de produção imaterial, e seu equivalente político, que é o anseio por um movimento de transformação na lógica da propriedade, das relações culturais e da centralização do conhecimento sobre determinados objetos técnicos.

Ao mesmo tempo, o estatuto das produções culturais informáticas dos grupos de oposição mudam radicalmente em função da utilização de software livre. Não pela sua operacionalidade, qualidade técnica ou objetivação de determinada função, mas pelo fato de uma escolha política. Seria inocente achar que a racionalidade técnica dominante na lógica da produção e organização do capital não está também inserida neste tipo de software, porém o fato do modelo de produção, princípios éticos e alternativas sócio-econômicas serem diametralmente opostas às lógicas mercadológicas da indústria, e mais do que isso, enfrenta-las no seio da elite tecno-científica da sociedade, fazem dele um pressuposto central para os que se inserem nas categorias de mídia de oposição.

263 Gorz, André - O imaterial: Conhecimento, Valor e Capital, Ed. Annablume, São Paulo, 2005

A FSF empreende campanhas políticas relativas às problemáticas que os sistemas de informação encontram quando refletidos em suas utilizações e escolhas. A campanha "badvista" advoga pelo uso livre de computadores em oposição à adoção de sistemas operacionais proprietários, especificamente neste caso o "Windows Vista" da empresa Microsoft. A campanha consiste em realizar "effective actions protesting Microsoft's daylight theft of our freedoms, Aggregate news stories cutting through MS Windows Vista marketing propaganda, Provide a user-friendly gateway to free software adoption"²⁶⁴. Outra, chamada "Defective by Design" tem como alvo a adoção do DRM²⁶⁵ em sistemas digitais. Esta campanha provê informações, guias, textos, protestos, notícias e petições contra o uso de restrições em relação ao conteúdo que determinada máquina pode obter. Ela se sustenta no fato da defesa da privacidade e do direito que usuários tem de controlarem como e o que é feito com seus computadores. No site da campanha, o seguinte texto é apresentado: "DefectiveByDesign.org is a broad-based anti-DRM campaign that is targeting Big Media, unhelpful manufacturers and DRM distributors. The campaign aims to make all manufacturers wary about bringing their DRM-enabled products to market. DRM products have features built-in that restrict what jobs they can do. These products have been intentionally crippled from the users' perspective, and are therefore "defective by design". This campaign will identify these "defective" products, and target them for elimination. We aim to make DRM an anti-social technology. We aim for the abolition of DRM as a social practice"²⁶⁶. Outros exemplos são campanhas pela adoção de *codecs*²⁶⁷ e formatos "livres" (que não sejam tecnologias patenteadas e nem tenham seu uso e desenvolvimento cobrados pelos donos), como o formato .ogg para arquivos de áudio ou o formato .odt para arquivos de texto. O desenvolvimento de

²⁶⁴ <http://badvista.fsf.org/>

²⁶⁵ O "Digital Rights Management" é uma tecnologia utilizada por softwares e hardwares proprietários para restringir acessos a determinados conteúdos de mídia ou ainda impossibilitar o uso de recursos de gravação, cópia, ou modificação de informação. Pela sua característica restritiva, é chamado de digital restriction management pelo movimentos que dele se opõem

²⁶⁶ <http://defectivebydesign.org/about>

²⁶⁷ formatos de arquivos usados para comprimi ou descomprimir determinados dados. MP3 é um tipo de codec

formatos proprietários patenteados, segundo a FSF poderia "criar uma cultura onde indivíduos hábeis e criativos não podem desenvolver softwares multimídia sem o medo de ser atacado legalmente"²⁶⁸.

A despeito de sua qualidade técnica, de sua utilização por parte de empresas lucrativas, de sua subversão no sentido de um aproveitamento pela lógica econômica do capital, o software livre haveria que ser - por parte dos movimentos de oposição - não só um elemento de uso e propagação, como também um modelo alternativo nas esferas das trocas sociais, conhecimento tecnológico e realização cultural. Portanto, como fenômeno isolado de sua conexão com a cultura, pouco tem a contribuir fora suas qualidades técnico-operativas; porém, como inserção política nas técnicas e pelo apontamento de alternativas às relações diretas e mediadas, ele se situa relativamente como a junção entre tendência e qualidade apontada por Benjamin em seu apelo pela inserção do autor como produtor dentro das relações de produção.

Não se trata aqui da opção pronta pelo software livre, mas sim de se criar instâncias equivalentes de luta política, onde as plataformas, códigos, lógicas e escolhas estão abertas para empreendimentos políticos. A importância reside na conquista de um ponto de partida onde as batalhas políticas não são determinadas por um postulado fechado. A técnica, neste sentido, passa a ser uma plataforma aberta de intervenções e vontades. A mais eminente noção de dominação da lógica capitalista sobre as técnicas está justamente em seu desenvolvimento determinado pelos que controlam rigidamente seu destino. O software livre trabalha com pressupostos opostos, o que significa dizer que é o suporte por excelência daqueles que pretendem empreender algum tipo de oposição em relação à constituição da dominação corporificada nos mecanismos tecnológicos.

268 <http://www.fsf.org/resources/formats/playogg>

3.4 - LEVANTES DO COMPORTAMENTO

*Pintei um quadro só por fora das molduras
Eu joguei tinta nas paredes todo mundo achou legal
Eu comi roas, e as madames exclamavam:
- Este Macao é um artista genial!
(Jards Macalé / Miguel Gustavo, “O conto do pintor”, Contrastes,
1977)*

Hakim bey nos adverte que o conceito de TAZ (Zona Autônoma Temporária, em inglês) “surge de uma crítica à revolução, e de uma análise do levante”, concentrando-se em “irrupções temporárias, evitando enredamentos com “soluções permanentes”²⁶⁹.

Sob o pseudônimo acima, o filósofo Peter Lamborn Wilson quer identificar um comportamento que cria um “enclave livre” escamoteado, situado dentro de um campo alheio a esta liberdade a que se propõe. Tendo como referências as redes de trocas dos corsários do século XVIII e a formação de “mini-sociedades” que se constituíam em zonas comunitárias independentes²⁷⁰, Bey desenvolve a idéia de que a criação de liberdade, autonomia e emancipação, em tempos nos quais o poder “perdeu todo o sentido e se tornou pura simulação”, é momentânea e efêmera. Dá-se em espaços-tempo, porém sem se fixar a eles nem constituir nenhum seguimento a não ser uma outra TAZ, valorizando o “momento do levante” em contraposição a permanência da vitória revolucionária.

A TAZ representa a criação de um momento no qual o comportamento verificado em instantes de intensidade, surpresa e paixão, se tornam focos de epifanias e ações conduzidas “por esforço próprio” e que se iniciam “com um simples ato de percepção”²⁷¹. O levante, a inversão do fluxo normal, o momento proibido (fracassado) da História, aparece como “uma operação de guerrilha que

²⁶⁹ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Ed. Conrad, São Paulo, 2001

²⁷⁰ ver: Wilson, Peter Lamborn, Utopias Piratas, Ed. Conrad, São Paulo,

²⁷¹ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Ed. Conrad, São Paulo, 2001

libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e momento, antes que o Estado possa esmagá-la”²⁷².

Costurando relações entre o “nomadismo psíquico” da máquina de guerra de Deleuze e Guattari, o ganho da existência realizado pelo hacker numa “contra-net”, a teoria estética situacionista, as maneiras “marciais” de usos de Certeau, experiências anarquistas, entre outros exemplos, Bey nos apresenta a “emergência de uma cultura festiva distanciada ou mesmo escondida dos pretensos gerentes do nosso lazer”, que tem como função, “acima de tudo, evitar a mediação, experimentar a existência de forma imediata”²⁷³.

Considerando elementos táticos, tais quais a mobilidade, o nomadismo, a espontaneidade e eliminação de intermediários, a construção da TAZ aparece tanto como uma “tática de desaparecimento” quanto como “elementos de recusa” no aproveitamento de determinada situação, deixando para trás as feridas do levante e o “invólucro vazio” que a permite se manter anônima. “O ataque é feito às estruturas de controle, essencialmente às idéias. As táticas de defesa são a invisibilidade (...) e a invulnerabilidade. (...). A 'máquina de guerra nômade' conquista sem ser notada e se move antes do mapa ser retificado”²⁷⁴.

O sujeito da TAZ é o que se agencia em “bandos”. Enquanto as organizações nucleares da sociedade (família, escola, empresa) aguçam as estruturas tradicionais das divisões do trabalho, unem um tipo de “sociedade do consenso”, e se reproduzem de maneira fechada, patriarcal e hierárquica, o bando é fluido e resolve um sistema de conexões sem topologias ou hierarquias, liberando fluxos de espontaneidade, relações e vontades de acordo com interesses compartilhados.

Acompanhando novas formas de agenciamento e novas concepções teóricas sobre o papel das

²⁷² ibidem

²⁷³ ibidem

²⁷⁴ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Ed. Conrad, São Paulo, 2001

representações, afinidades e coletividades, a noção do novo indivíduo (e dos demais aspectos ligados a formas de ações diretas sem filiações “tradicionais”) pode oferecer elementos que também remetem à emergência do que Stuart Hall denomina de "sujeito pós moderno"²⁷⁵. Fragmentado, contraditório, múltiplo, híbrido, móvel e mutante em relação aos elementos componentes de sua identidade e relações, esta nova percepção do sujeito é típica de um momento histórico no qual os processos de mediação tecnológica e de intercâmbio intenso de informação e material simbólico, ao mesmo tempo que liquidam a noção de indivíduo central, completo, hermético e identitário, joga-o frente a novas formas de agrupamentos e possibilidades: “o bando de alguém inclui amigos, ex-esposos e amantes, pessoas conhecidas em diferentes empregos e encontros, grupos de afinidades, redes de pessoas”²⁷⁶.

As lutas e culturas de um "sujeito pós-moderno" não são nacionais, nem tradicionais. O nascimento da "política da identidade" que advoga "uma identidade para cada movimento"²⁷⁷, complexifica a questão dos agrupamentos e dos valores simbólicos numa sociedade onde os postulados político-sociais já se encontram fragilizados pelas experiências concretas e pela multiplicidade tecnológica de relações.

Tanto para Hall como para Bey, o "grande marco da modernidade tardia", ou seja, os "novos movimentos sociais" que tem como marco o "1968", fizeram eclodir novas maneiras de se encarar o viver e a exploração da subjetividade. Desde um “certo ar de impermanência (...) de estarem prontos para seguir em frente, mudarem de forma (...) até mesmo para outros planos de realidade”²⁷⁸, até a radicalização nas formas de atribuir à identidade um caráter molecular, no sentido de formações de "coletivos" ligados a uma idéia comum e com práticas autônomas, que identificam tanto sua personalidade quanto sua relação com as demais instituições: “Não queremos um mundo no qual a

²⁷⁵ Hall, Stuart - A identidade cultural na pós modernidade, Ed. DPA, Rio de Janeiro, 1999

²⁷⁶ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Ed. Conrad, São Paulo, 2001

²⁷⁷ Hall, Stuart - A identidade cultural na pós modernidade, Ed. DPA, Rio de Janeiro, 1999

²⁷⁸ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Ed. Conrad, São Paulo, 2001

garantia de não morrer de fome se troca pelo risco de morrer de tédio”²⁷⁹.

Em relação aos modos de comportamentos e agenciamentos, observamos que desde a oposição analítica entre Weber e Durkheim, o primeiro considerando o indivíduo e suas ações centrais para os fenômenos sociais e o segundo argumentando que os objetos da sociologia são externos à unidade psíquica individual, os debates, as funções e os fenômenos em torno de uma dicotomia entre indivíduo e sociedade vêm sendo cultivados. Essa oposição foi aos poucos cedendo à uma análise do indivíduo como fruto de relações e agenciamentos que aparece a partir de pensamentos que pretendem eliminar o postulado da dualidade das análises, especificamente, nos últimos tempos, Foucault, Delleuze, Guattari e Bruno Latour²⁸⁰.

Essa perspectiva nos permite compreender que na medida em que se complexificam os níveis de relação em torno do indivíduo, suas práticas, produções de subjetividade, planos de filiação e níveis de mediação, diversificam-se da mesma maneira as formas do “plano de co engendramento e de criação”²⁸¹ que são postos em face dele. A criação do conceito de “coletivo” é um dos sintomas dessas novas relações. A partir da metade do século XX, essa foi uma categoria extremamente usada por conjuntos de artistas, agrupamentos políticos ou agremiações sociais, o que mostra que na medida em que se dissolve aquela identidade original moderna, emergem novos modos de adaptação segundo uma busca pela própria individualidade numa vasta paisagem de opções. Dessa maneira, a proliferação de coletivos, principalmente entre indivíduos menos enraizados, mais globalmente interligados e vinculados a políticas e estéticas de negação e oposição, concentram-se nesta forma de “agenciamentos coletivos”: “Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. (...) não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os

²⁷⁹ Vaneigem, Raoul, A arte de viver para as novas gerações, Ed. Conrad, São Paulo, 2002

²⁸⁰ ver: Escóssia, Liliana da & Kastrup, Virgínia, O CONCEITO DE COLETIVO COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA INDIVÍDUO- SOCIEDADE, Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005

²⁸¹ Escóssia, Liliana da & Kastrup, Virgínia, O CONCEITO DE COLETIVO COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA INDIVÍDUO- SOCIEDADE, Op. Cit.

dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável”²⁸².

Tanto as maneiras de relação da TAZ quanto as experiências de agenciamentos coletivos indicam comportamentos que buscam atingir esferas que permitam ocorrer uma subversão da lógica racional das organizações e do viver cotidiano. As alterações nos comportamentos, nas formas de vida e de relações, nas aberturas de subjetividades e das potencialidades técnicas, pode nos remeter ao indício do que Hakim Bey define como a utopia da TAZ, “no sentido que imagina uma intensificação da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do maravilhoso na vida”²⁸³. Ou então, de outra maneira, como citaria Marcuse, “transformar a sociedade numa obra de arte”.

²⁸² ibidem

²⁸³ Bey, Hakim, TAZ – Zona Autônoma Temporária, Op Cit.

CAPÍTULO 4 - CARTOGRAFANDO A MÍDIA TÁTICA

“Talvez seja porque estejamos vivendo de maneira nova as relações teoria-prática. Às vezes se concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; as vezes, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora com relação a uma forma futura de teoria. De qualquer modo, se concebiam suas relações como um processo de totalização, em um sentido ou em outro. (...) As relações teoria e prática são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio e pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado. (...) A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. (...) Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoas que fala ou age. nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede.”

(G. Deleuze in ‘microfísica do poder’ de M. Foucault – ed. Graal, 1984)

Neste trabalho, consideramos a tática não somente como linhas improváveis traçadas num ambiente constituído, mas principalmente como as variações dos sentimentos nos momentos nos quais elas são traçadas. Não são o resultado de um improviso, mas sim, os elementos do processo de realização dele. Situando-se fora das noções dos ambientes totalizantes (órgãos de poder que resolvem-se em si próprios), assemelha-se a “máquina de guerra” de Deleuze e Guattari, sendo como “a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose” que “Faz valer um furor contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho”²⁸⁴.

Também consideramos a técnica como uma condição humana inseparável do desenvolvimento tecnológico (que por vezes a subordina) e como maneiras de organizar os mais variados domínios da sociedade. Sua realização objetivada, a máquina, é uma das importantes expressões de seu

284 Deleuze, Gilles & Guattari, Félix, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5*, São Paulo, Ed. 34, 1997.

desenvolvimento. A técnica compreende tanto objetos como relações, o que determina de maneira contundente as expressões culturais e o diálogo do aparato com os sujeitos. Com isso, ela fornece as bases de um sistema integrado que abrange maneiras de expressão e produção subordinadas a sua lógica e que podem entrar em conflito com ela. Este sistema não é só maquinário, mas organizacional, operativo, cognitivo e subjetivo. Ele não pertence a esferas transcendentais nem apartadas dos domínios e escolhas humanas e culturais, mas os influencia na medida em que as opções por seus usos são determinadas a partir da política e demais campos de determinação dos homens e mulheres.

Para co-ordenar estas esferas, a noção de MT utiliza-se de uma adaptação do conceito desenvolvido por Certeau no qual os "usos" das representações seriam “maneiras de fazer” cotidianas que permitiriam ao fraco tirar partido do forte “utilizando forças que lhes são estranhas”. Embora, para a MT, o termo tático tenha sido eleito para “romper e ir além das rígidas dicotomias que tem restringido o pensamento (...) por tanto tempo, dicotomias tais como amador vs. profissional, alternativo vs. popular. Mesmo privado vs. público”²⁸⁵, verificamos que a dualidade entre tática e estratégia se tornou um postulado central dos debates e perspectivas sobre a MT. A inserção de táticas em determinados sistemas técnicos, racionais ou externos, seria a forma de acompanhar as ordens estratégicas, a fim de miná-las por brechas e rachaduras, utilizando-se de certas camuflagens, infiltrações e gestos de recusa, já que os métodos revolucionários e a própria noção de permanência da revolução não encontrariam mais substratos para emergir. A crença nas potências das “políticas dos mídia” e sua concepção como “dissidência digital”, fez com que os pioneiros teóricos da MT observando as movimentações culturais que contribuíram para o colapso soviético²⁸⁶, acreditassem que “seria somente uma questão de tempo

285 Garcia, David & Lovink, Geert, “ABC da Mídia Tática”, op. cit.

286 O Critical Art Ensemble, justificando esta idéia coloca: “after the fall of the Soviets, the global capitalist juggernaut appeared uncontested, leaving immediate micro-subversion as the only effective option” - Framing Tactical Media, op cit

até estas mesmas forças desafiarem todas as nossas maculadas e cansadas oligarquias”²⁸⁷. As forças das mudanças culturais baseadas nas transformações tecnológicas realizariam uma “revolução na qual a mudança ocorreria simplesmente através do ethos hacker de desafiar os domínios das sabedorias proibidas”²⁸⁸.

No texto que contém as citações acima, David Garcia, um dos formuladores do “ABC da Mídia Tática”, revisita criticamente a trajetória da MT, e nos oferece bons elementos para a compreensão de algumas de suas conseqüências. Aliada àquela certa tecnofilia relativa as novas mídias a noção da tática apresentava também rejeições “da posição da objetividade no jornalismo, da disciplina e instrumentalismo dos movimentos políticos tradicionais, e finalmente da bagagem mítica e do culto à personalidade atávica do mundo da arte” que, combinadas, gerariam “novos níveis de imprevisibilidade e volatilidade para a política cultural e para a vasta paisagem midiática”²⁸⁹.

No entanto, Garcia elenca alguns fatos que foram movendo a concepção tática para uma esfera menos radical ao mesmo tempo em que ocorre uma “rejeição da micro e homeopática política em favor de ambições elevadas para uma escala global”²⁹⁰. Uma polarização passava a opor ativistas convencidos de sua importância central para a realização de ações diretas radicais a artistas que se inclinavam mais às importâncias das manifestações culturais e do elo entre tecnologia e representações como forma da política de oposição.

Em meados dos anos noventa, quando da criação das idéias de táticas de mídia, o que teria posto lado a lado militantes e artistas, para Garcia era a crença em “um dos mitos dominantes da era da informação, o mito compartilhado entre ativistas e empreendedores de novas mídias. O mito de que o

287 Garcia, David, “Learning the Right Lessons, Mute Magazine”, 2006 disponível em <http://www.metamute.org/en/Learning-the-Right-Lessons>

288 ibidem

289 ibidem

290 ibidem

conhecimento lhe fará livre²⁹¹”. Este mito, por sua vez, também seria o responsável pela “retórica da transparência, liberdade, acesso, participação e até mesmo criatividade que se tornou a fundação ideológica do 'capitalismo comunicativo’”²⁹². A captura das formas, das idéias, dos modelos e das tendências emergidas daquele mito por liberdade e envolvido com as possibilidades das manipulações tecnológicas, foi rapidamente tolerado e consumido pela parte “estratégica” do campo, reabrindo uma cisão que a MT intencionava primariamente religar: “a culpa que dividia artistas e ativistas políticos”.

Qual o motivo de não se conhecer as propriedades do capitalismo de reverter suas críticas em auto-projeção ? Ou de outra forma, por qual motivo um movimento acredita que certas maneiras de empregar métodos, tecnologias e representações pode realizar alterações estruturais em determinada construção estratégica, a ponto de defender que se deve acompanhar suas movimentações, infiltrando-se e subvertendo suas noções a partir de focos de vontades e possibilidades geradas e gerenciadas por este próprio sistema ?

Aquela cisão entre artistas e ativistas em termos de métodos, somada a uma fadiga causada pela naturalização²⁹³ e despolitização²⁹⁴ de seu uso, leva as discussões sobre MT a recaírem sobre uma articulação entre a tática e estratégia como possível renovação das idéias e reciclagem das práticas²⁹⁵. Porém enquanto a tática, como movimento de oposição, passava então a se preocupar em traçar formas de coordenar estratégias, o sistema estratégico se torna tático pela apropriação do que lhe serve da crítica e das idéias, dentro da lógica daquela necessidade de autojustificação pela qual se move o

291 Garcia, David, “Learning the Right Lessons”, op. cit.

292 ibidem

293 Rosenfeld, Kathryn, *Tacitly Tactical*, op cit.

294 “the current “success” of TM carries the risk of a wave of new imitators wishing to replicate that success without asking any critical questions about what this kind of success can possibly mean”. Wark, Mackenzie, “Strategies to tactical media”, *RealTime*, nº 51, 2002, conferir em <http://www.sarai.net/resources/event-proceedings/2002/tactical-media-lab/strategies.PDF>

295 Ver Hankin, Aizura, “Tactical Media Sustainability”, disponível em www.roquestates.com/media.Tactical.html; Clauswitz, Sfeer von, “A reaction to Tactical Media”, disponível em http://subsol.c3.hu/subsol_2/contributors2/vonclauswitztext.html; Wark, Mackenzie, “Strategies to tactical media”, disponível em <http://www.sarai.net/resources/event-proceedings/2002/tactical-media-lab/strategies.PDF>

capitalismo. Isso conduz as duas esferas para um mesmo plano: introjeta a lógica da estratégia na crítica e alimenta de táticas os sistemas da dominação²⁹⁶.

O debate teórico entre métodos táticos e estratégicos assume um caráter de retorno a dicotomia infinita, ao espelho frente a outro, já que a tática, em sua tendência de infiltração e de subverter por dentro se mostra tão inofensiva quanto precariamente retro-ativa. Entre minar para resistir e destronar para transformar, a crítica e as práticas vão se tornando cada vez mais mapeáveis, catalogadas, subvertidas e retro-ativadas.

Tentaremos indicar, nesta última parte, que os motivos que põem em movimentos as criativas políticas de oposição no século XXI, recaem num redemoinho no qual a maior força de sucção é justamente a incapacidade de ir além das formas estabelecidas pelas técnicas, tecnologias e racionalidades, que, por mais que as tentem subverter, acabam-se a elas filiando. Tanto a distorção das teorias sobre revoluções moleculares e subjetivas²⁹⁷ quanto a noção de que existe uma opção radical de anticapitalismo sem as esferas espirituais e estéticas, são pontos importantes quando do apontamento às causas de divisões e divergências dentro da concepção de oposição baseadas na MT.

Se o campo da estratégia determinado por Certeau em 1974 é um “gesto da modernidade científica, política ou militar” e “um lugar ordenado pelas técnicas organizadoras do sistema”, as táticas por sua vez, seriam “frases imprevisíveis”, “trajetórias indeterminadas aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré fabricado onde se movimentam”²⁹⁸. O fato consiste no atestado de que aquele “usuário” de quem fala Certeau, agente das táticas, não pertence mais a classe de “produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores

296 Mackenzie Wark nos coloca quase imperativamente: “either TM now works out its relations to global anti-capitalist strategy and the inherited problems of revolutionary agency, or it ends here, returns to the art system, and goes into the museum-mausoleum”. Wark, “Strategies for Tactical Media”, op cit.

297 “These French theorists never repudiated the aim of anti-capitalist revolution and did not deploy their concepts “molecular” and “micropolitics” in order to renounce or avoid the macro-level of global systems”. Wark, Mackenzie, “Strategies for tactical media”, op. cit.

298 Certeau, Michel de, *A invenção do cotidiano*, op. cit.

de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista”²⁹⁹. Os praticantes e ativistas táticos, há muito já foram catalogados, conhecidos e revelados (suas práticas, idéias e representações), a poesia cotidiana foi substituída pelo esplendor tecnológico que enfeitiça a política e as “trilhas” são infovias supervisionadas e controladas, respondendo à racionalidade a que deveriam fugir.

"What tactical media makers do is to discourage high expectations around the 'liberating' potential of all technologies, both old and new, while not falling in the trap of cultural pessimism. Instead, we're looking for ways to connect the banal with the exclusive, the 'popular' with the 'high art', 'trash' with expensive brand commodities. On a technical level this means finding ways to connect, relay, disconnect--and again reconnect--a multitude of flows of pirate radio waves, video art, animations, music jam sessions, xerox cultures, performances, cinema screenings, street graffiti and not to forget computer code."
(Geert Lovink)

As artes e os processos gerais de construção de subjetividade como “referência axiológica particularizada”³⁰⁰ são fruto de movimentações recentes da história. Como nos mostra Guattari, nas sociedades arcaicas, as diversas maneiras de representação da interioridade e “modos de semiotização” estão em direta relação com religiosidade, condições materiais e atividades rituais, de modo a não deixar “muito lugar para a separação de uma esfera estética, distinta de outras esferas: econômica, social, religiosa, política...”³⁰¹

Porém, com o desenvolvimento de pólos de referência de coerção de “faculdades modulares” ocorre uma transformação no que ele denomina de “agenciamentos territorializados de enunciação”, características daquelas sociedades. Já que a tecnociência teria como paradigma a “ênfase ao mundo

299 Certeau, Michel de, *A invenção do cotidiano*, op. cit.

300 Guattari, Félix, *Caosmose – um novo paradigma estético*, São Paulo, Ed. 34, 1998.

301 ibidem

objetal de relações e funções, mantendo sistematicamente entre parênteses os afetos subjetivos”³⁰², suas criações e movimentos contaminariam os domínios dos agenciamentos. Desterritorializando-os, suas novas formas encontram reduções de suas valorizações, exigindo, cada uma delas, “um pólo de referência transcendente autonomizado: o Verdadeiro das idealidades lógicas, o Bem do desejo moral, a Lei do espaço público, o Capital do cambismo econômico, o Belo do domínio estético”³⁰³. Como domínio da racionalidade técnica, os modos de relação das diferentes esferas de produção e de significado emanados de certas condutas individuais e coletivas, dicotomizam e transferem seus valores múltiplos a determinadas esferas separadas e reificadas: “A segmentação do movimento infinito de desterritorialização é, portanto, acompanhada por uma espécie de reterritorialização incorporal, por uma reificação imaterial. A valorização (...) se bipolariza, se maniqueíza, se hierarquiza, particularizando seus componentes, o que de certo modo tende a estereliza-la”³⁰⁴. A ramificação e separação de domínios, postulado central da especialização racional, contribui para a compartimentalização dos significados, dividindo esferas, opondo saberes e neutralizando as políticas na criação de valores estéticos. A subjetividade recente, e porque não o novo individualismo político, são recompostos “enquanto individuação reificada, a partir de Universais dispostos segundo uma hierarquia” que “pode ser qualificada de capitalística em razão do esgotamento da desqualificação sistemática das matérias de expressão que ela realiza e que as engajam na órbita da valorização econômica do Capital”³⁰⁵.

Porém, o que nos faz pensar que os movimentos levantados ao longo do texto contêm estas características bipolares e apartadas que são congruentes à lógica econômica do Capital? Situamos a crescente racionalidade tecnológica como fator central para compreender os novos tipos de conduta da

302 Guattari, Félix, *Caosmose*, op.cit.

303 ibidem

304 ibidem

305 ibidem

crítica ao Capital, e fizemo-lo alegando que mais do que uma busca técnica por lucro imedido, ou mais do que incorreções morais das condutas, o capitalismo sobre existe em sua crítica, o que o faz tornar-se humanizado, respondendo cada vez mais coerentemente aos argumentos em seu contrário. Já não é mais tempo da figura avarenta, sedenta e inescrupulosa do empresário capitalista. Portanto, o que faz deste sistema um perpetuador camuflado do cerne das misérias humanas e imateriais e porque situamos os módulos recentes das oposições como obstáculo para a superação da lógica que o sustenta?

A idéia de “hackear”³⁰⁶ determinado sistema, instituição ou ordem esbarra em uma “língua rigorosamente assujeitada às máquinas escriturais e a seus avatares mass midiáticos”, que encontra no “significante capitalístico” uma “vocação para sobrecodificar todos ou outros universos de valor, inclusive os que habitam o campo do precepto e do afeto estético”³⁰⁷. Porém isso não significa decretar a total falência de possibilidade de irrupções dentro da lógica do sistema, mas significa sim, que o condicionamento provocado por uma injeção ideológica de certas abstrações tecnológicas reduzem as diferenças entre as linguagens críticas e dominantes.

Assumindo que os conceitos tradicionais designados para dar sentido à uma superação social e emancipação humana “parecem despojados de significado (...), e sua própria racionalidade parece militar contra a nova linguagem”³⁰⁸, nos resta um esforço por compreender o que esta nova linguagem tem de subversiva e em que medida ela pode frear o processo de “autojustificação” que o capitalismo opera baseando-se em suas críticas e na neutralização do pensamento calcada na abstração do maravilhoso tecnológico e do limite da Razão.

Se as meta-linguagens e metáforas valorizadas pela mídia táctica, de modo a confundir,

306 Aplicar uma conduta hacker sobre algo.

307 Guattari, Félix, *Caosmose*, op. cit.

308 Marcuse, Herbert, “A arte na sociedade unidimensional”, in Lima, Luiz da Costa, *Teoria da Cultura de Massa*, op. cit. Marcuse cita Benjamim Péret em seu argumento contra a arte dentro de um establishment “revolucionário”: “Esses revolucionários assim proclamam a submissão da cultura ao êxito da revolução social”.

distorcer e multiplicar significados pretende ir além de uma orientação ao comportamento, as manipulações crescentes e vazias de sentido político que o desenvolvimento tecnológico impõe à cultura como um todo, faz com que “os conteúdos autônomos e críticos da cultura se convertam em algo pedagógico, algo prazeroso – em um veículo de adaptação”³⁰⁹. Naturalizado como comportamento orientado à manipulação tecnológica, as dissimulações de boicotes e trotes não se diferem de um modo geral da prática comum de adotar “nick names” ou perfis “falsos” quando das relações no info-espço. Poderia se dizer que esta também é uma maneira “casual” de crítica à identidade, autenticidade ou propriedade, mas esse argumento tropeça no fato de que, não só como extremamente comum, esta atitude não tem gerado absolutamente nenhum abalo no que se refere à construção crítica de uma nova meta-linguagem: “Parece que esta instância intraduzível se dissolve agora em um processo de transposição que não só vai em detrimento do supra-humano e sobre-natural (religião), senão também dos conteúdos de cultura naturais e humanos (literatura, arte, filosofia)”³¹⁰. O esclarecimento realiza sua função.

O próprio fato da pulverização das experiências e descentralizações das práticas dá às intervenções um caráter comum, raso, inofensivo ou exótico. Se as convulsões sociais radicais deixaram de existir pela ausência relativa da miséria total em sociedades mais ou menos avançadas, ainda não despontam indícios de seu retorno em função da ausência de prazer ou presença do tédio. Verificamos que estes elementos só se situam num ambiente de recusa, quando se tratam de atingir uma satisfação pessoal ou de pequenas afinidades, de acordo com os novos moldes do individualismo. Não só os transformando em arte pitoresca, como alimentado à reação à vida emancipadora.

Porém, não consiste em nossa percepção a idéia de um “pessimismo cultural”, ou de uma posição apocalíptica em relação a entrada da tecnologia na sociedade e nas culturas. Como um sistema,

309 Marcuse, Herbert, *Ética de la Revolución*, op. cit.

310 *ibidem*

o complexo tecnológico há que ser tratado do ponto de vista dialético. E desta maneira, as contradições que devem lhe conferir uma ou outra posição são apontadas por uma politização da técnica. Em oposição a esta idéia fragmentada sobre a técnica e a cultura, Simondon, nos mostra em seus escritos que "a cultura falha em considerar que na realidade técnica não há uma realidade humana, e isso, se é para cumprir seu papel, a cultura deve considerar entidades técnicas como parte de seu corpo de conhecimento e valores"³¹¹. O argumento de uma "inevitabilidade" que lamenta a emergência de uma "baixa cultura" promovida pela tecnologia e que se assemelha às posições designadas por Eco como apocalípticas é refutado por sua base ser, segundo Raymond Williams, "sempre uma posição social e política"³¹². Primeiramente pois trazem a idéia de que cada novo invento é sempre mais ameaçador para a cultura, sendo os anteriores, com o tempo, naturalizados como meios inofensivos e até louváveis.³¹³ E segundo, pois a entrada destas novas tecnologias seria identificada com as corporações que as controlam. Porém, mais do que isso, uma posição negativa em relação ao diálogo da tecnologia com a cultura nega o que cada uma delas carrega da outra. E em negar isso, ou separam as esferas, criando nas nuvens seus reinos de cultura ou evitam debater politicamente esta questão, cedendo passagem para a lógica dominante da técnica, como se a cultura não lhe fosse um obstáculo político.

A técnica, distorce um certo tipo de humanidade, torna-a estranha, mesmo sendo interior a ela. Modela e limita certas percepções subjetivas, camuflando, pelo seu uso desenfreado, acelerado e obcecado pela praticidade e eficiência, o papel da crítica teórica e ela.

Há que se buscar nos pontos mais profundos do agenciamento das tecnologias com as práticas culturais, as formas que permitem aproxima-las de uma realização completa da simbiose entre homem e natureza, e, ao mesmo tempo, negar a dominação de qualquer uma das partes sobre a outra. Sendo

311 Simondon, Gilbert, *On The Mode of Existence of Technical Objects*, op. cit.

312 Williams, Raymond, *Hacia el año 200*, op.cit.

313 Williams cita o livro como primeiro suporte passível de reprodução em massa, que deixou de ser alvo do pessimismo, e em seguida, elenca a televisão como o mais recente "bode espiatório" destas teorias, que acabam deixando até o rádio e o cinema fora de suas críticas em função do ataque à televisão.

que a cultura se forma em relação e conflito com a política da técnica, há que não se considerar a separação entre as duas esferas e entender que, de uma artificialidade (relação alienada) imposta externamente ao contato entre ambas, permitiu-se que se estabelecesse esse maniqueísmo, ao mesmo tempo que, conforme o tipo de análise, tanto sujeito quanto objeto passaram a adotar uma supremacia falsa. Como observamos no decorrer desta pesquisa, os meios técnicos são um campo de batalha político, e por isso, carecem, mais do que diagnósticos valorativos, de uma teoria política dos meios.

Herbert Marcuse se pergunta se as novas criações artísticas, que agora se convertem em “técnica no sentido literal, prático do termo (...), prefigurarão por acaso a possibilidade da forma artística que se transforma em “princípio de realidade” - a autotranscendencia da arte à base dos resultados da ciência da tecnologia e dos da própria arte³¹⁴,”

São conhecidas suas idéias sobre uma sociedade na qual o aparato tecnológico, a partir da racionalidade e novos padrões de individualidade, absorve os esforços libertadores e modela as escolhas individuais a partir de noções de eficiência e eficácia, fazendo da razão uma anti-razão que

emerge uma aparência democrática numa dominação totalitária e que força o sujeito “à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou”³¹⁵. A sociedade unidimensional ou opulenta realiza a submissão da liberdade pelo domínio da lógica da racionalidade e pela entrada da tecnologia na produção, no consumo e no bem estar.

Porém, Marcuse é o único representante da teoria crítica que efetivamente vive e se engaja nas lutas da década de 60. Vivendo nos EUA, passa a se relacionar com uma realidade diferente da vivida no Instituto de Frankfurt até o exílio de seus membros. Neste período, se dedica sobre as novas maneiras de oposição e realiza uma construção que mantém seu pensamento sobre a sociedade

314 Marcuse, Herbert, *A arte na sociedade unidimensional*, op.cit.

315 Marcuse, Hebert, *Tecnologia, Guerra e Fascismo*, São Paulo, Ed. UNESP, 1998.

unidimensional e a atrofia da crítica em função da racionalidade tecnológica, mas aponta indícios de novas relações criadas pela possibilidade da liberdade nas manifestações daquela época: “quando os ouvi cantar as canções de Bob Dylan, senti de algum modo (...) que esta é na verdade a única linguagem revolucionária que hoje nos resta”³¹⁶.

Assim como na idéia da MT, Marcuse observa os gestos de protesto, recusa e negação enquanto elementos políticos da posição das artes. Citando a rebelião da própria arte contra o tradicionalismo baseado na “aparência” e no “privilégio” da antiga “arte conformista”, e aliando a isso a emergência de uma “nova função cognitiva da arte”, vê “a exigência de uma nova ótica, uma nova percepção, uma nova consciência, uma nova linguagem que deve trazer consigo a dissolução das formas de percepção existentes e dos seus objetos”³¹⁷.

Se o objetivo da MT é a eliminação da mídia enquanto categoria separada, como aponta David Garcia³¹⁸, podemos empreender uma analogia à idéia de Marcuse de que o lugar da arte, hoje “poderia significar o cancelamento e a transcendência da arte, no momento da realização de seu próprio fim”³¹⁹. A idéia por detrás das duas afirmações é de uma realização completa de uma função que permaneceu, até hoje separada do domínio da vida. No caso da MT suprimir o papel intermediário e mediador desigual dos elementos que realizam a comunicação e no caso da arte hodierna de Marcuse “unir a dimensão estética e política, de preparar o terreno, no pensamento e na ação para fazer da sociedade uma obra de arte”³²⁰. A diferença notável é que Marcuse se refere a uma inversão radical da racionalidade, de uma alteração nas noções preexistentes sobre domínios separados e também como

316 Marcuse, Herbert, *A arte na sociedade unidimensional*, op.cit.

317 Marcuse, Herbert, “A sociedade como obra de arte”, (*Die Gesellschaft als Kunstwerk, Neues Forum*, ano XIV, no. 167-168, nov. / dez. de 1967), disponível em http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/marcuse/tx_marcuse_005.htm

318 “If tactical media were ever attain it's objectives it would immediatly becomas redundant as a separete category. In that moment we would all become media, equally unwilling to allow experts and media professionals to control (or monopolize) public discourse”, Garcia, David, “Islam and Tactical Media”, *Reader N5M 4*, op.cit.

319 Marcuse, Herbert, “A arte na sociedade unidimensional”, op.cit.

320 Marcuse, Herbert, “A arte na sociedade unidimensional”, op.cit.

último refúgio de uma sociedade que está centrada na dominação da razão. Já a concepção de MT tem um caráter utilitarista quando se inclina para esta aproximação, defendendo a utilização banalizada e inúmera dos recursos e mercadorias produzidos para a realização da comunicação. Como se a intenção fosse a mesma, observamos que o postulado é obviamente, o oposto.

Marcuse tem a intenção de retirar a arte de qualquer establishment, mesmo o revolucionário. Rejeita a concepção socialista da “arte política”, como também da lógica puramente imagética da arte tradicional. As experiências estéticas da MT quando não nos oferecem o contrário, não tocam na questão de uma inversão nos valores da arte enquanto produto da sociedade “unidimensional”. O “todos nos tornaremos mídia” da MT equivaleria ao oposto do “não há mais mediação possível”, a partir da “revogação da aliança com o existente”³²¹ de que fala Marcuse.

Assumindo a crença da Mídia Tática nos aparelhos midiáticos e na tecnologia enquanto potencializadora de uma reformulação da sociedade, a arte baseada nesta sociedade na qual estes artigos são seus objetos, cumprem somente o papel de “verdade do pensamento conceitual, da filosofia ou da ciência, a qual reconfigura a realidade e parece perder sua função transcendente, crítica, antagonista.”³²². A arte cumpriria o papel de inverter essa realidade, não reconfigura-la. Para a técnica assumir o papel de arte, seria necessária uma eliminação da noção dos padrões de racionalidade e individualidade que os fizeram “determinantes no desenvolvimento da maquinaria e da produção em massa”³²³. Transformados em racionalidade tecnológica, estes padrões fazem das rebeliões e protestos, ou argumentos passíveis de adequação e assimilação pelo aparato, ou, como maneiras que extrapolam a obediência, “insensatos” e “excêntricos”, deslocando à oposição para um nível fora da Razão, onde acabam confinados ou absolutamente controlados e coordenados por drogas, celas, sarjetas ou

321 Marcuse, Herbert, “A sociedade como obra de arte”, op. cit.

322 ibidem

323 Marcuse, Herbert, *Tecnologia, Guerra e Facismo*, op.cit.

prostíbulos.

As expressões da MT são orientadas a objetos, têm algo a ver com a disponibilidade de elementos para sua realização. Mesmo enquanto percepção, sua filosofia baseia-se mais na operação ou prática alternativa do que na alternativa à operação e a prática. Mesmo em sua função política, enquanto o “aparecimento do não-visto” ou revelação do real pela distorção da mentira, preza mais pelo conteúdo de suas construções do que pela inversão da lógica que os produziu. Para Marcuse, essa análise parcial significa que “a técnica permaneceu como reconfiguração do mundo da vida efetivo, e a arte foi condenada à configuração e à reconfiguração imaginárias”³²⁴.

As novas alternativas de agenciamentos que são caras as MTs, tais como ambientes da internet, festivais, conferências, mostras e espaços públicos, são suportes que focam principalmente na noção quantitativa do esplendor das novidades (materiais e teóricas) e da reprodução do modelo da arte tradicional acrescido de um invólucro estético “novo”. O engajamento da filosofia da MT nas obras de “arte e tecnologia”, nas chamadas por artigos científicos para publicações, na denominação de grupos que se inclinam mais pelo valor da classificação do que da inserção em um pensamento subversivo são sintomas da falha em considerar que as alternativas de uso sem propostas de inversão levaria à uma mudança na ordem social: “o progresso quantitativo absorve a diferença qualitativa entre liberdade possível e liberdades existentes”³²⁵. Modelos dados de antemão que procuram absorver o espírito da arte na sociedade opressora, são, para Marcuse, como “embelezamento organizado do feio, como invólucro decorativo do brutal”, e assim, vender arte para o centro cultural ou para a política pública mais próxima ou realizar o mais lucrativo (em termos de dinheiro ou status) e opulento festival que comemora a subversão da arte, servem somente como “artigo de consumo de massa e parece perder sua

324 Marcuse, Herbert, “A sociedade como obra de arte”, op. cit.

325 Marcuse, Herbert, “A sociedade como obra de arte”, op. cit.

função transcendente, crítica, antagonística.”³²⁶

Seria como a MT usasse uma lógica que aparecesse sem acontecer. Desta maneira carrega um certo ar de impotência em relação com uma intervenção, tanto no pensamento como nas ações, já que limita a junção destas esferas num presente possível. Enquanto “manifestação sensível da idéia”, as novas potencialidades culturais e materiais podem substituir a falsidade pela aparência própria à arte e assim prefigurar “a realidade e a verdade possível vindoura, (...) romper o sortilégio da falsa realidade existente.”³²⁷ Realizar o brado da “imaginação ao poder”, torna a arte uma espécie de “devir” Deleuzeano, substituindo a tecnologia da profundidade do presente por um atributo que tomam corpo sem se fixar.

Com referência à escola estóica, Deleuze cita a aparição do *acontecimento* como um verbo que opera uma cisão filosófica das relações causais: coisas que subsistem ou insistem, "um atributo (...), uma maneira de ser" que "se encontra de alguma forma no limite, na superfície (...) pura e simplesmente um resultado, um efeito não classificável entre os seres (...)"³²⁸ resultado de uma mistura dos corpos e conceitos. O acontecimento é um devir próprio da linguagem, liberador de fluxos e discursos "que não cessaria de deslizar sobre aquilo a que remete sem jamais se deter". Com isso, ele se ausenta do presente e da propriedade impedindo a fixação e constatação de identidade pessoal: "o nome próprio ou singular é garantido pela permanência de um saber". Este paradoxo que permite ao acontecimento ser um devir sem permanecer, superfície sem profundidade, têm na linguagem uma conjugação que o faz ter sempre os dois sentidos, de passado e de futuro, resultando num infinito divisível em novas e múltiplas relações de causas e de efeitos. Desta maneira, os efeitos da mudança dos padrões filosóficos de causa, efeito, ideal, corpóreo etc, são manifestações causais e da linguagem,

326 ibidem

327 ibidem

328 Deleuze, Gilles, *A Lógica do Sentido*, São Paulo, Perspectiva, 2003.

que pela sua propriedade infinita e sua mistura entre ser e substância, "deslocam toda a reflexão" e conduzem "a uma subversão da filosofia". Neste efeito de superfície operado pelo paradoxo do acontecimento, escreve Deleuze, "o mais encoberto tornou-se o mais manifesto, todos os velhos paradoxos do devir reaparecerão numa nova juventude - transmutação"³²⁹.

Na reformulação da relação causal, opera-se uma liquidação da dicotomia e da separação como modo de reflexão. Passa-se a compreender não a situação, mas as relações infinitas entre distintos opostos: efeitos que entram em funções sempre reversíveis, no astuto exemplo de Deleuze, a ferida e a cicatriz.

Dentro do campo de estudo que nos propusemos a explorar, isso significa não só uma nova maneira de compreender um determinado campo de batalha, como também, uma subversão da lógica da compreensão sobre a mídia. Primeiro afirmando os sentidos múltiplos e simultâneos da relação da linguagem com os seres, assumindo que o devir, coextensivo a linguagem, "se furta à ação da idéia na medida em que contesta ao mesmo tempo tanto o modelo como a cópia". Segundo, implodindo as identidades e propriedades fixas por um efeito sobre a linguagem que destitui a permanência do saber, desfrutando de uma irrealidade "que se comunica ao saber e às pessoas através da linguagem". Terceiro, deslocando a reflexão, do plano da profundidade para o plano da superfície, fazendo emergir os acontecimentos que destituem a separação entre o adjetivo e o verbo, realizando efeitos e declinações das várias causas que se manifestam no devir.

Estes pontos nos permitem diagnosticar que há, na crítica da MT, uma ordem discursiva que se mantém como operação da profundidade, como uma justificativa teórica voltada à determinadas ações que não compreendem uma nova filosofia sobre os mídia; que se sustenta num plano que não reforma

329 ibidem

essas relações causais nem vai além de uma aparição no existente³³⁰. De modo contrário à operação do *acontecimento*, a MT critica uma filosofia (que dela não se desvencilha) que divide e unifica ao invés de unificar e dividir infinitamente, e desta maneira, só a questiona enquanto método, não enquanto função estabelecida na sua fundação como ordem do aparato.

Compreender a mídia e os acontecimentos que a circulam, é também inverter o pensamento sobre seu papel, realizando um tipo de sub-mídia-logia, ou seja, a inversão do papel da mediação, ou ainda, a subversão da compreensão das relações dos meios. Enquanto as separações implícitas na mediação não forem liquidadas enquanto postulado, o devir se torna um presente fixo, imutável e remoto. E as relações com suas práticas serão somente continuidade de um processo que acontece sem aparecer.

330 Um trecho de Geert Lovink nos ilustra bem a concepção pragmática e “isenta” da status midiático na concepção da “net-criticism”: “Seen from an anti-capitalist, activist and autonomous/anarcho point of view, media are first of all pragmatic tools, not metaphysical entities. The 'Ideology of New Media' comes second and should not uphold any of our activities. Media Theory, Net Criticism, Computer Archeology, Cultural Studies, Digital Art Critique etc. give us an understanding of the 'Laws of Media', but they should not become a goal in itself”, Lovink, Geert, “A Small Net in a Big World Or: The Importance of Being Media”, *nettime mailing list*, 1996, disponível em [http://www.medialounge.net/lounge/workspace/nettime/DOCS/zkp321/DOCS/1/17\(2\).htm](http://www.medialounge.net/lounge/workspace/nettime/DOCS/zkp321/DOCS/1/17(2).htm)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria dispensável descrever a importância do complexo midiático nas relações sociais hoje em dia. Muito já se falou sobre seus processos de recepção, democratização, semióticos e dominadores. Vimos nessa pesquisa que desde a configuração de um campo em que se debate e atua com relação às mediações técnicas, cria-se conflitos e contradições. Observamos também uma grande potencialidade tecnológica e cultural nas manipulações das tecnologias de mídia, bem como do aspecto cultural que elas provocam.

No entanto, notamos que o pensamento sobre essas potências políticas e sociais dos meios esbarram em questões que, por diversas maneiras, impedem uma realização plena da conjugação de esferas que representam a humanidade em sua forma radical, a saber, técnica e cultura. No caso da MT, devemos considerar que as percepções conjunturais do local, tempo e políticas das quais ela emergiu, dizem muito sobre as impossibilidades de alocação da idéia em diferentes patamares, sejam eles teóricos ou práticos. Embora verificamos uma diminuição das fronteiras culturais na radicalização da modernidade, consideramos este um processo todavia artificial, no qual a busca por um mundo sem limites e igual, opera contra as diferenças e particularidades das diversas visões de mundo presente nas variadas culturas que nele se integram.

Há, ao mesmo tempo uma grande e rápida movimentação nesta esfera técnica, que aparenta indícios de transformações principalmente pela reconfiguração do papel da propriedade e do poder e de um questionamento em relação às institucionalidades tradicionais da política, cultura e arte. Porém o abismo que verifica em termos de consistência da idéia de novas formas de resistência no estágio mais

avançado do capitalismo, quando comparado, por exemplo, à realidade africana, latino americana e do oriente próximo e distante, indica que o diagnóstico só se mantém se ressalvadas as condições sócio econômicas do momento e local em que apareceram.

Inúmeros elementos que poderiam dar mais consistência ficaram de fora desta pesquisa. Seria necessário um maior estudo sobre a filosofia da técnica e das heranças culturais recentes que propiciariam traços mais nítidos nas relações aqui abordadas. Conquanto faltaram também, a título de ilustração e embasamento, estudos de caso na aplicação dos conceitos que envolvem a MT. Isso se deve a uma escolha do autor em, ao invés de ilustrar empiricamente, buscar conexões teóricas nas ordens do discursos aplicados sobre as questões levantadas. Mas valeria muito as demonstrações do grafite de Banksy, das ações das rádios livres latino americanas, da anti-publicidade do AdBusters, da ação das Telestreets italianas, da crítica tecnológica indiana do SARAI ou das ações da MT brasileira, por exemplo. Todos também ligados ao espectro das idéias táticas em relação à tecnologias de mediação.

Da mesma forma, seria necessário um aprofundamento do estudo da cultura tática que deu origem a estes movimentos. A influência do anarquismo nas ações dos Provos e Yippies, os detritos das revoltas de 68 na Europa e questões referentes à desobediência civil e formas alternativas de política que se conectam com as perspectivas atuais de determinados movimentos de oposição.

Com este trabalho, intentamos também despertar a importância que devem ter novos aspectos e saberes transdisciplinares no estudo sociológico, que, como forma de exercitar o pensamento crítico, não deve se furtar a investigação de matérias recentes, pujantes e entrecruzadas por outras disciplinas, o que faria com que a valorizada ousadia intelectual se submetesse as fórmula institucionais.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max, *A Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor, “American Jazz Music / Jazz Hot and Hibrid”, *Studies in Philosophy and Social Science*, n.1, 1941.
- ADORNO, Theodor, *Social Critique of Radio Music*, Spring, Kenion Review, 1945.
- AHEARNE, Jeremy, *Michel de Certeau – Interpretation and it is other*, Cambridge, Polity Press, 1995
- ALBERT, Judith Clavir & Albert, Stewart Edwards, *The Sixties papers: Documents of a rebellious decade*, Nova York, Praeger Publishers, 1984.
- BARBROOK, Richard, *Imaginary Futures - from thinking machines to the intergalactic network*, Londres, Pluto Press, 2005.
- BARBROOK, Richard, *Midia Freedom - The contradictions of communications in the age of modernity*, Londres, Pluto Press, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean, *Para uma crítica da economia política do signo*, São Paulo, Livraria Martins Fontes.
- BENJAMIN, Walter, “A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução”, in LIMA, Luiz Costa, *Teoria da cultura de massa*, São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- BENJAMIN, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume I*, São Paulo, Brasiliense, 1996.
- BEY, Hakim, *TAZ - Zona Autônoma Temporária*, São Paulo, Conrad, 2001.
- BLISSET, Luther, *Guerrilha Psíquica*, São Paulo, Conrad, 2003
- BOLTANSKY, Luc & Chiapelli, Eve, *El nuevo espíritu del capitalismo*, Madri, Akal, 2002.
- BORSOOK, Paulina, *Cyberselfish: A Critical Romp Through the Terribly Libertarian World of High-Tech*, London, Little, Brown and Company, 2000
- BOYD, Lany, *The Yes Men and the Activism in the Information Age*, B.F.A., Louisiana State University, 2002
- BRASS, Elaine, KOZIELL, Sophie & SEARLE, Denise, *Gathering Force: DIY Culture, Radical action for those tired of waiting*, Londres, The Big Issue, 1997.
- BUECHLER, Steven, *Social Movemenst in Advanced Capitalism*, Nova York, Oxford University Press,

- BURKE, Peter, *Hibridismo Cultural*, Sao Leopoldo, Edisinos, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, Edusp, 2000.
- CERTEAU, Michel de, *A cultura no plural*, São Paulo, Papirus, 1993.
- CERTEAU, Michel de, *A invenção do Cotidiano - Artes de fazer*, Petrópolis, Editora Vozes, 1996.
- COHN, Gabriel (org.), *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo, Ed. Nacional, 1975.
- CRITICAL ART ENSEMBLE, *Digital Resistance: Explorations in Tactical Media*, Nova York, Autonomedia, 2002
- CRITICAL ART ENSEMBLE, *Distúrbio Eletrônico*, São Paulo, Conrad Editora, 2001.
- DELEUZE, Gilles & Guattari, Félix, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 5*, São Paulo, Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles, *A Lógica do Sentido*, São Paulo, Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, Gilles, *Conversações: 1972-1990*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- DIAS, Maria Helena Pereira, *Hipertexto, O labirinto eletrônico*, Tese de Doutorado, FE-UNICAMP, 2000.
- DOWNING, John, *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*, São Paulo, SENAC, 2002.
- DUNCOMBE, Stephen, *Notes From the Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture*, Londres, Verso, 1997.
- ECO, Umberto, *A Theory of Semiotics*, Indiana University Press, 1976.
- ECO, Umberto, *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Perspectiva, 1979.
- ECO, Umberto, *Como se faz uma tese*, São Paulo, Perspectiva, 1998.
- ELLIOTT, Anthony & Lemert, Charles, *The New Individualism: The Emotional Costs Of Globalization*, Londres, Routledge, 2005
- ELLUL, Jacques, *A Técnica e o Desafio do Século*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- ENZENSBERGUER, Hans Magnus, *Com Raiva e Paciência: ensaios sobre literatura, política e*

- colonialismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- EPSTEIN, Isaac, *Teoria da Informação*, São Paulo, Ática, 1988.
- FEATHERSTONE, Mike & BURROWS, Roger (orgs.), *Cyberspace Cyberbodies Cyberpunks - Cultures of technological embodiment*, Londres, Sage Publications, 1995.
- FEENBERG, Andrew, *Critical theory of technology*, Nova York, Oxford Univ. Press, 1991.
- FEENBERG, Andrew, *Questioning Technology*, Londres, Routledge, 1999.
- GIDDENS, Anthony, *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*, Stanford University Press, 1991
- GITLIN, Todd, *The Sixties: Years of hope, days of rage*, Nova York, Bantam Book, 1993.
- GOFFMAN, Erving, *Frame Analysis*, Nova York, Harper Colophon, 1974.
- GORZ, André, *O imaterial: Conhecimento, Valor e Capital*, São Paulo, Ed. Annablume, 2005.
- GUARNACCIA, Matteo, *Provos - Amsterdam e o Nascimento da Contracultura*, São Paulo, 2002.
- GUATTARI, Félix, *A Revolução Molecular*, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Félix, *Caosmose – um novo paradigma estético*, São Paulo, Ed. 34, 1998.
- GUATTARI, Félix, *Micropolítica - Cartografias do Desejo*, Petrópolis, Vozes, 1986.
- HABERMAS, Jurgen, *Técnica e Ciência enquanto Ideologia* (Coleção *Os Pensadores*), São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós modernidade*, Rio de Janeiro, DPA, 1999.
- HARRINGTON, Michael, *A revolução tecnológica e a decadência contemporânea*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- HENRICH, Dieter, OFFE, Clauss & SCHLUCHTER, Wolfgang, “Max Weber e o Projeto da Modernidade”, *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n.22, p.229-257, São Paulo, dez. / 1990.
- HIMANEN, Pekka, *The Hacker Ethic and the Spirit of the Information Age*, Nova York, Random House, 2001
- HORN, Gerd-Rainer, *European Socialist Respond to Fascism: Ideology, Activism and Contingency in the 30's*, Oxford University Press, 1996
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA, *Teoria e Prática da Revolução*, São Paulo, Conrad, 2002.
- JORDAN, Tim & TAYLOR, Paul A., *Hacktivism and Cyberwars: Rebels With a Cause?*, Nova York,

Routledge, 2004.

LEVY, Pierre, *As tecnologias da inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

LEVY, Pierre, *O que é virtual*, São Paulo, Ed. 34, 1996.

LIMA, Luiz Costa, *Teoria da Cultura de Massa*, São Paulo, Paz e Terra, 2002.

LOVINK, Geert, *Dynamics of Critical Internet Culture (1994-2001)*, PhD thesis, English Department, The University of Melbourne, 2002.

MACHADO, A., MAGRI, C. & MASAGÃO, M., *Rádios Livres, reforma agrária no ar*, São Paulo, Brasiliense, 1987.

MANOVICH, Lev, *The Language of New Media*, MIT Press, 2001.

MARCUSE, Hebert, *Tecnologia, Guerra e Fascismo*, São Paulo, Ed. UNESP, 1998

MARCUSE, Herbert, “A arte na sociedade unidimensional”, in Lima, Luiz da Costa, *Teoria da Cultura de Massa*, São Paulo, Paz e Terra, 2002, pp. 259-272.

MARCUSE, Herbert, “Some Implications of Modern Technology”, *Studies in Philosophy and Social Science*, n.1, 1941.

MARCUSE, Herbert, *A ideologia da sociedade industrial*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

MARCUSE, Herbert, *Ética de la Revolución*, Madrid, Taurus Ediciones, 1970

MARCUSE, Herbert, *O fim da utopia*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

MARCUSE, Herbert, *The aesthetic dimension: toward a critique of marxist aesthetic*, Boston, Beacon Press, 1978.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich, *Obras Escolhidas*, vol. 1,2 e 3, São Paulo, Editora Alfa-Omega, s/d.

MARX, Karl, “Salário, preço e lucro”, in *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos* – Coleção *Os Pensadores*, seleção de textos José Arthur Giannotti, São Paulo, Abril Cultural, 1978

MARX, Karl, *Consequências Sociais do Avanço Tecnológico*, São Paulo, Edições Populares, 1980.

MCKEY, George, *DiY Culture: Party & Protest in Nineties Britain*, Londres e Nova Iorque, Verso, 1998.

McLUHAM, Marshall, *A Galáxia de Guttemberg*, São Paulo, Ed. Nacional, 1972.

McLUHAM, Marshall, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, São Paulo, Cultrix,

1969.

- MCNEIL, Legs & McCain, Gillian, *Mate-me Por Favor - Uma História Sem Censura do Punk*, São Paulo, L&PM, 1997.
- MERRICK, *Battle for the trees - Three months of responsible ancestry*, Leeds, Godheaven Ink., 1996.
- Montgomery, David, *The fall of the house of labor: The work place, the state, and American labor activism, 1865-1925*, Nova York, Cambridge University Press, 1987.
- MORIN, Edgar, *Cultura de massas no Século XX – O espírito do tempo 2 – Necrose*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986
- MOSCO, Vincent, *Fantasia Electrónica – Críticas de las tecnologías de la información*, Barcelona, Paidós Comunicación, 1996 [1982].
- MUCHETTI, Luca, *L'informazione secondo Luther Blissett*, Milão, Tese de Doutorado - Facoltà di Scienze della comunicazione/IULM (Libera Università di Lingue e Comunicazione), 2004/2005, disponível em <http://muke.altervista.org/Indice.htm>
- MUMFORD, L, *Arte e Técnica*, Lisboa, Martins Fontes, 1986.
- ORTIZ, Renato, *Ciências Sociais e Trabalho Intelectual*, São Paulo, Olho d'Água, 2002.
- ORTIZ, Renato, *Mundialização e Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato, *Mundialização: Saberes e Crenças*, São Paulo, Brasiliense, 2006.
- ORTIZ, Renato, *Um outro território - Ensaio sobre a mundialização*, São Paulo, Olho d'Água, 2000.
- PARENTE, A. (org), *Imagem Máquina*, Rio de Janeiro. Editora 34, 1993.
- PECK, Abe, *Uncovering the sixties: The life and times of the underground press*, Citadel Press, Nova York, 1991.
- PIGNATARI, Décio, *Informação, linguagem, comunicação*, São Paulo, Perspectiva, 1976
- PUTERMAN, Paulo, *Indústria Cultural: A agonia de um conceito*, São Paulo, Perspectiva, 1994.
- REED, Thomas Vernon, *The Art of Protest, Culture and activism from the civil rights movement to the streets of Seattle*, University of Minnesota Press, 2005.
- SANTOS, Laymert Garcia, *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*, São Paulo, Ed 34, 2003.
- SIMONDON, Gilbert, *Du mode d'existence des objets techniques*, Paris, Aubier cop., 1989.
- SIMONDON, Gilbert, *On the Mode of Existence of Technical Objects*, trad. Niniam Mellamphy, Londres, University of Western Ontario, 1980.

- SLADEN, David & WHILLOCK, Rita, *Soundbite Culture*, Londres, Sage Publications, 1999.
- SODRÉ, Muniz, *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.
- STEARLING, Bruce, *The hacker crackdown: law and disorder on the electronic frontier*, Nova York, Penguin, 1992.
- STIEGLER, Bernard, *Technics and Time, 1 – The fault of Epimetheus*, Stanford University Press, s/d.
- THOMAS, Frank, *One Market Under God: Extreme Capitalism, MarketPopulism and the End of Economic Democracy*, New York, Doubleday, 2000.
- THOMPSON, Thomas L., *The Bible in History: How Writers Create a Past*, Pimlico, Londres, 1999.
- TURING, Alan M., PUTMAN, H. & DAVINSON, D., *Mentes y máquinas*, Madrid, Tecnos, 1985.
- VANEIGEM, Raoul, *A arte de viver para as novas gerações*, São Paulo, Ed. Conrad, 2002.
- VILILIO, Paul, *O espaço crítico*, Rio de Janeiro, Editora 34 / Nova Fronteira, 1993.
- VIRILIO, Paul, *A arte do motor*, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- VIRILIO, Paul, *A Bomba Informática*, São Paulo, Estação Liberdade, 1998.
- WALLACE, James, *Overdrive - Bill Gates and the race to control cyberspace*, Nova York, James Wiley & Sons, 1997.
- WEBER, Max, *A ciência como vocação*. Ensaios de Sociologia, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- WEBER, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 11. ed., São Paulo, Pioneira, 1996.
- WEBER, Max, *História Geral da Economia*, Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1968.
- WEISENFELD, Judith, *African American Women and Christian Activism*, Londres, Harvard University Press, 1997
- WERTHAM, Frederic, *The World of Fanzines: A Special Form of Communication*, Southern Illinois University Press, 1973.
- WILLIAMS, Raymond, *Cultura e Sociedade 1780-1950*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1969.
- WILLIAMS, Raymond, *Cultura*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- WILLIAMS, Raymond, *Cultura: Sociología de la comunicación y el arte*, Espanha, Ediciones Paidós Ibérica S.A, 1981.
- WILSON, Peter Lamborn, *Utopias Piratas: mouros, hereges e renegados*, São Paulo, Conrad, 2001.

ARTIGOS

- BARBROOK, Richard & Cameron, Andy, "The Californian Ideology", *Science as Culture*, n. 26, v. 6 part 1, 1996, pp. 44-72, disponível em <http://ma.hrc.wmin.ac.uk/ma.theory.4.2.db>
- BARLOW, John Perry, *Declaração de Independência do Ciberespaço*, Davos, fevereiro de 1996, disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=134&secao=espaco>
- BARTHES, Roland, "A Morte do Autor", *Rumor da Língua*, São Paulo, Brasiliense, 1988. Também disponível em http://www.facom.ufba.br/sala_de_aula/sala2/barthes1.html
- BEY, Hakim, "The Obelisk 2/2", nettime mailing list, disponível em - <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-1-9712/msg00001.html>
- BRECHT, Berttold, "Teorías de la radio", *São Cristovão*, v. 5, n. 3, pp. 5-16, setembro-dezembro de 2003.
- CAMINATI, Francisco, "As línguas menores da tecnologia: software livre, acesso e diversidade no mundo digital", CteMe – Unicamp, 2006, disponível em - http://sarava.org/wiki/cteme/uploads/Main/caminati_linguas_menores_06.pdf
- CLARKE, John, "The Skinheads & the Magical Recovery of Community", in Hall, Stuart & Jefferson, Tony (orgs.), *Resistance Through Rituals – Youth subcultures on post-war Britain*, Birmingham, Hutchinson University Library, 1982
- CLAUSWITZ, Sfeer von, "A reaction to Tactical Media", disponível em http://subsol.c3.hu/subsol_2/contributors2/vonclauswitztext.html
- CRITICAL ART ENSAMBLE, "Framing Tactical Media", *Next Five Minutes 4 Reader*, 2004. Também disponível em : http://subsol.c3.hu/subsol_2/contributors3/caetext.html
- DISCONZI, Romanita, "Pintura pós-TV. Uma Reflexão Pictórica Sobre o Meio Eletrônico", Porto Alegre, 1998, disponível em <http://www.casthalia.com.br/periscope/romanitadisconzi/pinturapostv.htm#inicio>
- DOMÍNGUEZ, Gustavo Roig, "Hacktivismo: Hackers y Redes Sociales", *Revista de estudios de juventud*, n. 76 (março/2007), p. 201-223.
- ESCÓSSIA, Liliana da & Kastrup, Virgínia, "O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo- sociedade", *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago. 2005.
- GARCIA, David & Lovink, Geert, "O ABC da Mídia Tática", disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=131&secao=intervencao>
- GARCIA, David, "A Pirate Utopia for Tactical Television", 05/05/1996, disponível em <http://www.fundacion.telefonica.com/at/pirate.html>

- GARCIA, David, "Learning the Right Lessons, Mute Magazine", 2006 disponível em <http://www.metamute.org/en/Learning-the-Right-Lessons>
- GARCIA, David, "What is tactical media", ver David Garcia disponível em http://www.nyu.edu/fas/projects/vcb/definingTM_list.html
- GARCIA, David, *The GHI of Tactical Media*, entrevista com Andreas Broeckmann, julho de 2001, disponível em - <http://www.uoc.edu/artnodes/eng/art/broeckmann0902/broeckmann0902.html>
- HANKIN, Aizura, "Tactical Media Sustainability", disponível em www.roguestates.com/media.Tactical.html
- KATZ, Hagai, "Gramsci, hegemonia, e as redes da sociedade civil global", *REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales*, vol. 12, n.2, Junho/2007, disponível em - http://revista-redes.rediris.es/html-vol12/Vol12_2.htm
- LE MOS, André, "Ficção científica cyberpunk. O imaginário da cibercultura", *ComCiência - revista eletrônica de jornalismo científico*, n. 59 ("Ficção e Ciência"), outubro/2004, conferir em <http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/11.shtml>
- LEONARD, Andrew, "Is cyberpunk still breathing?", *Salon*, 14/09/1998, disponível em <http://archive.salon.com/21st/books/1998/09/14books.html> - 2000
- LOVINK, Geert & Schneider, Florian, "A Virtual World is Possible: From Tactical Media to Digital Multitudes", *Next Five Minutes 4 Reader*, 2004
- LOVINK, Geert & Schultz, Pit, "Net Criticism", conferir em <http://www.fundacion.telefonica.com/at/elovink.html>
- LOVINK, Geert, "A Small Net in a Big World Or: The Importance of Being Media", *nettime mailing list*, 1996, disponível em [http://www.medialounge.net/lounge/workspace/nettime/DOCS/zkp321/DOCS/1/17\(2\).htm](http://www.medialounge.net/lounge/workspace/nettime/DOCS/zkp321/DOCS/1/17(2).htm)
- LOVINK, Geert, "Tactical Media, the Second Decade", conferir em <http://laudanum.net/geert/files/1129724590/index.shtml?1202244016>
- MADDOX, Tom, "After de Deluge: Cyberpunk in the 80's and 90's", in Miller, Bruce & Wolf, Milton T., *Thinking Robots, an Aware Internet, and Cyberpunk Librarians*, Chicago, Illinois, Library and Information Technology Association, 1992, disponível em <http://www.cni.org/pub/LITA/Think/TOC.html>
- MARCUSE, Herbert, "A sociedade como obra de arte", (Die Gesellschaft als Kunstwerk, *Neues Forum*, ano XIV, no. 167-168, nov. / dez. de 1967), disponível em http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/marcuse/tx_marcuse_005.htm
- MCCARTHY, John D. & ZALD, Mayer N., "Resource Mobilization and Social Movements: A partial Theory", *American Journal of Sociology*, n. 82, 1977

- MEDIA FILTER, “Tactical Media”, disponível em <http://mediafilter.org/>
- MOGLEN, Eben, “Freeing the Mind: Free Software and the Death of Proprietary Culture”, *Fourth Annual Technology and Law Conference*, University of Maine Law School, Portland, 29/06/2003.
- MUCHAIL, Salma Tannus, “Michel Foucault e o dilaceramento do autor”, *Revista Margem*, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, n. 16, pp. 129-135, dez./2002
- MUÑOZ, Germán & Marín, Martha, “En la música están la memoria, la sabiduría, la fuerza...”, *Estudios sobre las Culturas Contemporaneas*, vol. XII, n. 23, Universidad de Colima, junho/2006.
- RACKHAM, Melinda, “Art of the Network - the first decade of net.art”, disponível em <http://www.subtle.net/archive/archiving.html>
- RAY, Gene, “Tactical Media and the end of the end of history”, *Afterimage*, 2006, disponível em - <http://www.linksnet.de/artikel.php?id=2723>
- ROMERO, Daniel, “Capital e Tecnologia nos Manuscritos de 1861-1863 de Marx”, in <http://www.unicamp.br/cemarx/daniel1>
- ROSENFELD, Kathryn, “Tacitly Tactical”, *In these times*, 2004, disponível em http://www.inthesetimes.com/article/753/tacitly_tactical/
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro, “O Ciberespaço: Dimensão antropológica das sociedades de controle”, *Textos de la CiberSociedad*, n. 6, 2005, disponível <http://www.cibersociedad.net/>
- STALLMAN, Richard, “On Hacking”, disponível em - <http://www.stallman.org/articles/on-hacking.html>
- TIJEN, Tjebbe van, “A context for collecting the new media”, *Next 5 Minutes Video Catalogue*, 1993, conferir em http://www.iisg.nl/image_sound/n5m/histintro.html
- TRIGGS, Teal, “Scissors and Glue: Punk Fanzines and the Creation of a DIY Aesthetic”, *Journal of Design History*, n. 1, vol. 19, disponível em <http://jdh.oxfordjournals.org/cgi/content/full/19/1/69#BIB3>
- WARK, Mackenzie, “Strategies to tactical media”, *RealTime*, nº 51, 2002, conferir em <http://www.sarai.net/resources/event-proceedings/2002/tactical-media-lab/strategies.PDF>
- WEAVER, Warren, “A teoria matemática da comunicação”, *Scientific American*, n. 181, 1949, pp. 11-15

Sites

<http://www.theyesmen.org/>

<http://www.rtmark.com/>

<http://www.wumingfoundation.com/italiano/presentazione.htm>

www.digitro.com/pt/tecnologia_glossario-tecnologico.php

<http://www.gnu.org/>

<http://badvista.fsf.org/>